

A CIVILIZAÇÃO INCA



Henri Favre



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Henri Favre

A Civilização
Inca

Tradução:

MARIA JÚLIA GOLDWASSER

*Mestre em antropologia social,
Museu Nacional/UFRJ*



SUMÁRIO

CAPÍTULO I. PRECURSORES E CONCORRENTES

1. A civilização Chavin
2. Os Estados de Tiahuanaco e Huari
3. O Império Chimú

CAPÍTULO II. A EXPANSÃO INCA

1. A confederação cuzquenha
2. Os imperadores conquistadores
3. As razões do expansionismo inca

CAPÍTULO III. ECONOMIA, SOCIEDADE E ESTADO

1. O *ayllu*. Os fundamentos econômicos da sociedade
2. O território tribal. O sistema redistributivo
3. O Império. Uma estrutura de Estado em transição

CAPÍTULO IV. O PODER IMPERIAL

1. O soberano
2. Os agentes do poder
3. A sede do poder

CAPÍTULO V. AS ARTES E OS SABERES

1. A literatura, a música e a dança
2. A astronomia e as matemáticas
3. A arquitetura e o urbanismo
4. A cerâmica e a tecelagem
5. A metalurgia

CAPÍTULO VI. INVASÃO E Q UEDA

1. A invasão européia (1532-1536)
2. A guerra de reconquista (1536-1545)
3. A última resistência (1545-1572)

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

CAPÍTULO I. PRECURSORES E CONCORRENTES

Quando os espanhóis chegaram ao Peru, em 1532, os Incas já haviam estabelecido o seu domínio sobre o planalto e a planície costeira dos Andes. Seu Império estendia-se desde Cuzco até a Colômbia, ao norte; e até o Chile e a Argentina, ao sul. O brilho de sua civilização atingia o Panamá e chegava mesmo às longínquas praias atlânticas do Brasil, sob a forma de utensílios de cobre ou ornamentos de ouro e prata transportados de tribo em tribo, através da floresta amazônica. Em toda a América do Sul, vivendo ainda na Idade da Pedra, somente a Terra do Fogo escapava ao fascínio de sua magnificência, que deveria dar origem ao mito do Eldorado quando os espanhóis, por sua vez, foram por ela atraídos.

Os Incas, no entanto, tiveram origens obscuras e um difícil começo na região onde, por longo tempo, desempenharam a figura de intrusos. Sua expansão começou apenas em meados do século XV sob o reinado de Pachakuti, nono soberano de Cuzco. Embora tardia, essa expansão assegurou-lhes rapidamente a herança de uma tradição cultural que muitos povos haviam contribuído para forjar e enriquecer ao longo de um passado muitas vezes milenário.

1. A civilização Chavin

Os arqueólogos pouco a pouco nos revelam toda a complexidade deste passado andino, na alternância de suas grandes épocas de unidade com períodos não menos brilhantes de diversificação regional.

Há mais de 14 mil anos, pequenos grupos nômades percorriam a costa central do Peru, em busca de frutas, raízes e caça, deixando como testemunho de sua passagem apenas raspadeiras e buris (culturas da Zona Vermelha e de Oquendo), assim como algumas armas de mão (cultura Chivateros) grosseiramente obtidas por percussão.

Após o recuo das grandes geleiras andinas e conseqüente desertificação do litoral, esses caçadores e coletores fixaram-se na embocadura dos rios que desciam do flanco ocidental da cordilheira. O esgotamento dos recursos vegetais e animais do meio natural, atingido pela aridez, levou-os a explorar os produtos oceânicos e a se dedicar às primeiras experiências agrícolas. Por volta de 3500 a.C., nas pequenas aldeias de pescadores, como Chilca e Paracas especialmente, plantavam-se abóbora, vagem e algodão. As pequenas coletividades interioranas,

tais como as que se abrigavam desde o VIII milênio nas cavernas dos altos Andes, no Centro e Sul do Peru, desenvolvem por essa mesma época o cultivo da pimenta, do amaranto, da *quinua* e de diversas espécies de cucurbitáceas, após terem domesticado a cabaia e a bania, entre 4500 e 4000 a.C. À variedade cada vez mais extensa de espécies cultivadas cedo se acrescentou o milho, cuja presença foi detectada na região de Ayacucho desde o III milênio, e que se difundiu pela planície a partir de Huarmey, em 2500 a.C. A difusão dessa planta rica em elementos nutritivos, cuja produtividade se intensificou por seleção e hidratação, reduziu progressivamente a importância da caça, da pesca e da coleta, tanto no litoral como no interior montanhoso, onde a agricultura adquiriu posição preponderante entre as atividades de subsistência. No início do II milênio, a cerâmica apareceu quase simultaneamente nas regiões situadas entre Lima e Casma, e em Kotosh. De qualquer modo, a construção de grandes edifícios religiosos em pedra sobre o planalto — como o templo das Mãos Cruzadas, em Kotosh (1500 a.C.) — supõe um desenvolvimento socioeconômico pelo menos igual àquele que permitiu, aproximadamente na mesma época, a edificação das primeiras pirâmides em tijolos secos de La Florida e de Rio Seco (1800 a.C.) no litoral.

O advento da agricultura acarretou transformações profundas e brutais na existência e no modo de vida dos grupos sociais, afetando a demografia com uma súbita expansão, após milênios de relativa estagnação. Os povoados, com efeito, multiplicaram-se e aumentaram em dimensões. Novos povoadamentos, alguns dos quais se apresentavam como grandes aldeias de mil habitantes, gravitavam em torno dos centros cerimoniais, dominados por uma elite sacerdotal e formados por terraços, pirâmides e templos. A civilização Chavin (por referência a Chavin de Huantar, no Callejón de Huyalas), que perdurou durante todo o I milênio, parece ter sido produto da influência de um desses centros. Ela correspondia a uma das variedades de cultura local identificada por um estilo artístico associado a um novo culto que se difundiu, provavelmente, pelos Andes inteiros. A imagem do jaguar ou do puma, em torno da qual se cristalizava esse culto, expandiu-se muito rapidamente a partir de 900 a.C., desde Pichiche, no norte, até Ocujaje, no sul, sem dúvida mediante proselitismo. Ela aparece, com graus diversos de estilização, gravada em pedra, modelada em argila, pintada sobre construções ou impressa em lâminas de ouro, em lugares separados entre si por várias centenas de quilômetros. Apesar da distância e dos obstáculos do relevo que as isolavam, as novas sociedades agrárias adquiriram, sob a direção dos sacerdotes de Chavin, uma unidade pelo menos ideológica que conservaram durante muitos séculos e que selou definitivamente sua comunidade e seu destino.

2. Os Estados de Tiahuanaco e Huari

No início de nossa era, a vigorosa afirmação de tendências regionalistas latentes pôs fim a essa grande época de unidade andina. A partir de inovações tecnológicas anteriores, culturas locais muito variadas desenvolveram-se entre os séculos I e VIII d.C.: a cultura Mochica, no litoral norte, caracterizada pela cerâmica modelada; a cultura Paracas-Nasca, na costa sul, caracterizada pelos tecidos finamente decorados e bordados; e a cultura Tiahuanaco, nos planaltos meridionais, caracterizada pela arquitetura ciclópica e a estatuária monumental. Sua volumosa produção artesanal era também de rara beleza, justificando o qualificativo de “florescente” aplicado ao período.

Os excedentes agrícolas exigidos pelo desenvolvimento de tal artesanato eram obtidos mediante o prolongamento dos canais de irrigação até o litoral, e a transformação em patamares do solo íngreme das cordilheiras. Chefes seculares, que substituíram os sacerdotes de Chavin, organizavam e dirigiam os trabalhos. O caráter centralizado de seu poder manifesta-se nas enormes pirâmides chamadas da Lua e do Sol, em Moche, cuja construção, mais do que conhecimentos arquitetônicos específicos, exigiu propriamente uma multidão considerável de trabalhadores não qualificados, porém altamente disciplinados. As primeiras cidades a partir das quais o novo poder tendia a se exercer eram edificadas principalmente no centro e no sul dos planaltos. Pouco a pouco, ampliavam seu domínio sobre as populações rurais, que elas organizavam em conjuntos politicamente estruturados.

A partir do século VIII, duas dessas cidades, Tiahuanaco e Huari, situadas respectivamente às margens do lago Titicaca e no vale médio do Mantaro, conseguiram reunificar, em torno de si, o fragmentado mundo andino. A expansão de Tiahuanaco dirigiu-se essencialmente para o sul. A cidade parece ter influído em todo o planalto boliviano, na parte meridional do Peru, até o vale do Majes, no norte do Chile, até o vale do Loa. Dentre suas ruínas mais famosas, destacam-se a Porta do Sol, entalhada em um bloco único de andesita, e as imponentes edificações administrativas ou cerimoniais, cujos megalitos, pesando até 100 toneladas, encaixam-se perfeitamente nos outros. Embora notáveis por sua construção, esses edifícios não formavam senão o núcleo central da aglomeração urbana. Vastas zonas residenciais os circundavam, ocupando talvez uma dezena de quilômetros quadrados, como em Huari, onde foram mais bem estudadas.

A expansão de Huari processou-se em direção ao norte, até os limites de Cajamarca. Mais tardia, ela surgiu apenas no século IX. Nessa época, Huari já havia sofrido a influência de Tiahuanaco, de modo que as duas cidades difundiram uma única e mesma cultura, levemente diferenciada pelo estilo de sua cerâmica. Essa difusão resultou certamente de conquistas militares. Em

quase todos os lugares, com efeito, as tradições culturais locais foram brutalmente interrompidas, enquanto em Piquillacta, no vale do Apurímac, e em Viracochapampa, perto de Huamachuco, se erigiam complexos arquitetônicos em puro estilo Huari, servindo como casernas e entrepostos. Além disso, o militarismo dessa época é fortemente atestado pelas obras defensivas, pelas decorações murais que mostram uma abundância de guerreiros e prisioneiros, e também pelos túmulos, onde as cabeças-troféus decepadas dos inimigos figuram entre as peças do mobiliário funerário. Sem dúvida, a área cultural influenciada por Tiahuanaco e Huari não correspondia ao território politicamente dominado pelas duas metrópoles. Não é menos verdade, porém, que durante dois ou três séculos elas foram as capitais de grandes Estados andinos, antecipando-se como precursoras dos vastos Impérios Chimu e Inca.

3. O Império Chimu

O declínio desses Estados no século XII, cujas causas são ainda obscuras, abriu um novo período de fracionamento regional. Entretanto, prosseguia o desenvolvimento urbano, junto com as tentativas de integração político-militar. Uma dessas tentativas resultou mais tarde na formação de um grande Império “hidráulico” pela etnia chimu, centralizado na costa setentrional, cuja civilização se assemelhava mais, em seus fundamentos, à do Egito ou da Mesopotâmia do que à dos Incas que lhe era contemporânea e cujo desenvolvimento, aliás, influenciará.

Segundo a tradição relatada pelo Anônimo de Trujillo, o Império Chimu teria sido fundado nos vales de Chicama e Moche por homens vindos da baía de Guaiquil em embarcações de bambu. Rapidamente, esses imigrantes assimilaram os elementos da cultura que os Mochica haviam deixado na região. A partir de meados do século XIII, reativaram e ampliaram redes de irrigação que haviam sido destruídas pelas guerras. Uma dessas redes captava águas de um rio para transportá-las por meio de aquedutos, até os vales vizinhos, onde as chuvas eram fracas. É provável que na época chimu a área de terras irrigadas no litoral fosse maior do que atualmente, e assegurasse então a existência de uma população mais numerosa do que hoje.

Os soberanos que dirigiam esses grandes trabalhos de construção hidráulica dispunham de um poder absoluto. Os cronistas espanhóis Miguel Cabello Balboa e Antonio de La Calancha mencionam que a classe aristocrática, da qual descendiam, atribuía-se uma origem divina. Ela pretendia constituir uma humanidade ao mesmo tempo anterior e superior à que formavam as pessoas comuns. Vivia em um luxo e refinamento inauditos, do qual ainda são testemunhos as cerâmicas, os ornamentos de metais preciosos e as numerosas

peças de mobiliário que os arqueólogos encontraram nas sepulturas. Chanchan, a capital do Império, talvez tenha sido a maior aglomeração urbana da América pré-colombiana, e uma das mais opulentas. Essa imensa cidade tinha provavelmente mais de 80 mil habitantes em seu apogeu. Suas ruínas estendem-se por uma área de 17km² perto da atual Trujillo.

A expansão chimu começou no século XIV. Por essa época, Ñasempinku, terceiro soberano de Chanchan, teria conquistado os vales de Virú, Chao e Santa. Os soberanos seguintes prosseguiram ativamente sua política expansionista, pois no início do século XV o Estado Chimu ultrapassava os limites da área de influência da antiga cultura Mochica. Estendia-se de Nepeña, ao sul, até Lambayeque, ao norte, e talvez já incluísse Piura e Tumbes, nos limites entre o Peru e o Equador. O árido extremo norte, porém, isolado do restante da costa pelo grande deserto de Sechura, apresentava um reduzido interesse se comparado aos ricos oásis meridionais em direção aos quais se exerceu, a princípio, a expansão chimu. Casma, Harmey e Pativilca foram logo incorporados ao Império, em um movimento que em seguida absorveu Huaura. Em cada vale conquistado era edificada uma fortaleza. A mais célebre, Paramonga, é uma verdadeira cidade-guarnição militar, com sua cidadela de poderosas muralhas e pesados bastiões. Foi de Paramonga que partiram, em meados do século XV, as expedições contra os vales de Chillón, Rimac e Lurin, que se haviam coligado em vista da ameaça. Essa coligação ofereceu viva resistência a Minchansanam, último soberano independente de Chanchan, que contudo conseguiu vencê-la. Os três vales iriam constituir o último degrau de um Império que se estendia por 1.200km de um litoral desértico que a ação do homem transformara em jardim. Minchansanam desfechou, sem dúvida, alguns ataques a Cañete e Chincha. Talvez tenha chegado até Ica, onde foram observadas certas influências chimu. Em todo caso, sabe-se que ele tinha pretensões com respeito aos planaltos do interior. Deslocando-se para leste, o imperialismo chimu estava condenado a se chocar com o imperialismo inca, que se exercia paralelamente ao longo das depressões internas das cordilheiras. O choque dos dois imperialismos deveria ser fatal à mais brilhante de todas as civilizações jamais surgidas sob o sol dos Andes.

CAPÍTULO II. A EXPANSÃO INCA

No momento em que os Chimu começavam a conquista da costa setentrional, uma pequena tribo chegava com dificuldades à bacia de Cuzco, no interior dos Andes do Peru meridional. Admite-se ter sido em fins do século XIII que chegaram os Incas às terras férteis que circundam os rios Huatanay e Tullumayo, no centro de uma depressão nas cordilheiras. Essa data é tão hipotética como todas as demais que foram atribuídas aos diversos episódios da história inca, inclusive as mais destacadas. Ela corresponde, no entanto, a uma ruptura que os arqueólogos observaram na tradição cultural local, e cujas características sugerem a irrupção por essa época de um novo povo na região.

1. A confederação cuzquenha

De onde vinha esse povo? Como todas as etnias andinas, os Incas se reconheciam como *paqarina*, isto é, uma matriz tribal de onde acreditavam originar-se seu ancestral-fundador. Os primeiros cronistas espanhóis relatam que a *paqarina* da etnia inca era a gruta de Paqariqtampu, situada aproximadamente a uns 30km ao sul de Cuzco. Dessa gruta, haviam saído outrora quatro irmãos: Ayar Kachi, Ayar Uchu, Ayar Awka e Ayar Manko ou Manko Kapaq. Sem pai nem mãe, sem terras nem bens, esses ancestrais perambularam por longo tempo entre Tampukiro, Pallata e Hayskistro, deslocando de um lugar a outro seu frágil acampamento. O mais velho, Ayar Kachi, regressou de Hayskistro, reentrando na caverna matricial para aí se converter em *waka* (divindade local). Os mais jovens prosseguiram sua longa marcha até o cume do monte Wanakawri, que domina o vale do Huatanay. Lá, Ayar Uchu se petrificou, enquanto Manko Kapaq lançava um bastão de ouro em diversas direções a fim de determinar o lugar que marcaria o fim de sua marcha errante. O bastão afundou-se nas terras de Wanaypata, das quais Ayar Kachi tomou posse antes de se petrificar por sua vez. Ficando sozinho, Manko estabeleceu-se em Wanaypata e aí construiu a cidade de Cuzco. Com o auxílio de sua esposa-irmã, Mama Oqlllo, reuniu sob sua autoridade as populações esparsas das redondezas, que viviam na barbárie, para fazê-las penetrar na civilização. Os Incas considerariam para sempre Manko Kapaq como o ancestral de sua tribo, fundador de seu Império e herói civilizador de toda a humanidade.

Seria vão procurar nesse relato as etapas de uma migração histórica e as condições reais que determinaram a instalação dos migrantes na bacia de Cuzco. Quando os Incas penetraram nessa região, muitas tribos já haviam muito antes

fixado suas aldeias. A mais antiga era, sem dúvida, a dos Sawasiray, que tinham Paqariqtampu como *paqarina* e Ayar Kachi como ancestral. Os Sawasiray eram vizinhos dos Allkawisa, cuja *paqarina* era Wanakawri e o ancestral, Ayar Uchu. Essas duas tribos haviam concluído uma aliança com os Maras, que acreditavam descender de Ayar Awka; e foi nessa aliança que entraram os Incas, os quais traçavam sua descendência a partir de Manko Kapaq. O mito dos irmãos Ayar aparecia, assim, como elaboração tardia a partir de elementos díspares. Ele visa, em primeiro lugar, atribuir uma origem comum aos ancestrais-fundadores de quatro grupos étnicos diferentes que haviam decidido confederar-se. Sua principal função era justificar a situação política de Cuzco após a chegada dos Incas, e não descrever o itinerário que estes teriam empreendido.

A inserção dos recém-chegados na confederação cuzquenha foi certamente menos gloriosa do que pretendia a tradição. Os Incas ocuparam, em relação aos Sawasiray, aos Allkawisa e aos Maras, uma posição subordinada, talvez mesmo dependente. De seus poderosos aliados, adotaram numerosos traços culturais, especialmente a língua, o kechwa, cuja difusão iriam posteriormente assegurar através dos Andes. Contudo, não renunciaram ao seu próprio idioma, que continuaram a praticar entre si até fins do século XVI. Segundo o padre Bernabé Cobo, esse idioma teria sido estreitamente aparentado ao dos índios Tampu, que viviam no vale de Urubamba, tendo supostamente afinidades amazonenses. Outros indícios, por outro lado, sugerem localizar-se no interior da alta floresta amazônica o foco original dos Incas.

A primitiva organização da confederação cuzquenha repousava sobre a existência de duas metades que mantinham entre si relações de oposição complementar e desequilibrada. *Hanan*, a metade de cima, era também a metade “forte”, constituída pelos ocupantes iniciais do solo. *Hurin* representava a metade “fraca” de baixo, constituída pelos Incas. O poder parece ter sido partilhado entre as metades, de tal modo que *Hanan* detinha as funções políticas e religiosas, enquanto *Hurin* exercia a função militar. Os primeiros chefes incas usavam então o título de *sinchi* (chefes de guerra). Embora os *sinchi* garantissem o culto que sua tribo rendia a Inti, a divindade solar cujo templo habitavam, não deixavam de depender ritualmente das autoridades da metade oposta.

No curso do século XIV, Sinchi Roka, que a tradição apresenta como filho e sucessor de Manko Kapaq, e depois Lloki Yupanki, Mayta Kapak e Kapa Yupanki desempenharam com grande energia o cargo de chefe de guerra no qual foram sucessivamente investidos. Eles empreenderam numerosos ataques para saquear as cidades das vizinhas; e sem dúvida também tiveram que rechaçar muitos assaltos. Seus sucessos militares reforçaram, a uma só vez, tanto a posição da confederação cuzquenha na região como a da tribo inca no sistema federativo de Cuzco. Com a morte de Kapa Yupanki, a relação de forças entre os aliados foi

consideravelmente modificada em favor dos Incas para que Inka Roka pudesse apoderar-se do controle da confederação. À frente de seus guerreiros, o novo *sinchi* derrubou pela violência as autoridades de *Hanan*, acumulando suas funções. A estátua de Manko Kapaq foi transportada solenemente para a metade do alto. O culto do Sol, ligado ao do ancestral tribal, foi imposto a todos os aliados. Subordinados aos Incas, estes foram condenados a perder pouco a pouco a sua autonomia e a se fundir em um Estado de pretensão unitária.

Inka Roka foi o primeiro soberano inca a merecer plenamente esse título. Ele chefiou muitas expedições que culminaram com a incorporação de uma dezena de aldeias periféricas, tais como Muina e Pinawa. Mas a obra que ele deixou permaneceu frágil e foi devastada por revoltas durante o efêmero reinado de seu inexpressivo sucessor Yawarr Waqaq, interrompido por uma conspiração. Todavia, Wiraqocha Inka, subindo ao poder em 1400 aproximadamente, conseguiu neutralizar os excessos dessas tendências autonomistas. Esse soberano, que tomara o nome de uma antiga divindade pan-andina, lançou seus turbulentos aliados à conquista dos terrenos de coca e milho de Calca, no alto Urubamba. Em seguida invadiu o território dos Kana e dos Kanchi, submetendo-os à sua dependência. Essa vitória, que garantiu aos Incas o acesso ao planalto, permitiu-lhe intervir como mediador no conflito que opunha as grandes etnias ribeirinhas do lago Titicaca. O Estado inca tornara-se um poder que, dali por diante, o sul andino teria que levar em conta. Na verdade, esse poder era ainda muito modesto comparado à amplitude que iria alcançar, mas que nada ainda permitia prever, pois — por maior que fosse no interior e por mais respeitada que fosse no exterior — a autoridade de Wiraqocha jamais ultrapassou de uns 40 quilômetros além de Cuzco.

2. Os imperadores conquistadores

O fim do longo reinado de Wiraqocha Inka foi perturbado pela ameaça cada vez mais clara que os Chanka faziam pesar sobre o jovem Estado inca. Os Chanka ocupavam o vale do Pampas, desde os lagos de Choclococha, de onde se diziam originários, até o Apurimac. Essa antiga etnia, cuja cultura remontava à tradição Nasca, era organizada como uma rica e poderosa chefia que tinha acesso aos recursos das duas planícies andinas. Com as tribos vizinhas de Sora, Poqra e Rukana, formava uma vasta confederação cuja influência se estendia a todo o centro-sul das cordilheiras.

Em torno de 1438, os Chanka invadiram as terras temperadas e quentes da depressão de Abancy, cuja fertilidade há muito tempo lhes excitava a cobiça. Depois de arrasar os Kechwa que ali se haviam estabelecido, avançaram mais profundamente para o sul, em direção a Cuzco. Wiraqocha Inka, já envelhecido,

considerou inútil toda resistência e apoiou a idéia de abandonar a capital para se refugiar na fortaleza de Calca, com seu filho Urqu, a quem destinava o poder. Outro de seus filhos, porém — o que a história viria a conhecer com o nome de Pachakuti —, decidiu defender a cidade. Apoiado por seus parentes maternos e assistido por dois chefes de guerra, Apu Mayta e Wikakiraw, reuniu sob sua autoridade todos os homens válidos que se haviam recusado a seguir o soberano em retirada e procurou deter a horda de invasores.

O encontro teve lugar nos arredores de Cuzco. Exageradamente certos do sucesso, os Chanka expuseram imprudentemente a estátua de seu ancestral-fundador, da qual os Incas conseguiram apoderar-se. Tiveram que recuar desordenadamente em direção a Ichupampa para aí reorganizar suas fileiras. Pachakuti, porém, não lhes deu tempo. À frente de forças acrescidas pelos contingentes das etnias dependentes — que se haviam mantido em prudente expectativa na hora do perigo, mas que agora se propunham acorrer para assegurar sua vitória —, caiu sobre o acampamento Chanka, aniquilando-o. Os dois *sinchi* que compartilhavam o comando do exército inimigo foram assassinados, enquanto milhares de guerreiros acabaram massacrados. O poderio chanka foi eliminado para sempre. Com ele desaparecia o único obstáculo que se opunha à hegemonia inca sobre o conjunto dos planaltos, visto que nenhuma outra etnia estava em condições de deter a expansão de Cuzco. A inesperada vitória dos Incas, atribuída à intervenção da divindade solar, abria ao Estado cuzquenho a via imperial, em que Pachakuti iria resolutamente se empenhar.

Fortalecido pelo apoio de suas tropas, que ele soube manter distribuindo generosamente o saque de guerra, Pachakuti depôs seu pai Wiraqocha Inka e tomou a *maskapaicha*, isto é, a franja escarlate que era insignia do poder supremo, usada sobre a fronte por todos os imperadores. O primeiro cuidado do novo soberano foi ocupar o território dos Chanka vencidos. Durou muitos anos a campanha militar que organizou com essa finalidade e dirigiu pessoalmente. Os Incas tiveram que conquistar uma a uma as praças-fortes nas quais a população chanka estava entrincheirada. Quando a pacificação se achava suficientemente avançada, Pachakuti confiou sua conclusão a seu irmão Kapa Yupanki a fim de poder voltar-se para o sul e conquistar o planalto com o grosso de seu exército. Supõe-se que de 1445 a 1450 ele tenha travado duros combates com os Kolla e os Lupaka, bem como com outras chefias de menor importância que se haviam constituído ao redor do lago Titicaca. Essas chefias eram de língua e cultura aymara. Elas representavam os remanescentes do que havia sido o grande Estado de Tiahuanaco, cuja civilização conservavam sob muitos aspectos.

Ao mesmo tempo em que Pachakuti anexava a região lacustre do altiplano, Kapa Yupanki se lançava ao norte em uma louca aventura. Tendo definitivamente pacificado os Chanka, que havia rearmado e integrado às fileiras

do exército de Cuzco, decidiu marchar contra os Anqara. Em seguida prosseguiu caminho através da bacia do Mantaro, ocupada pelos Wanka. Finalmente penetrou no vale elevado do Santa, povoado pelos Wayla, e se deteve em Cajamarca, onde fixou uma guarnição.

Esses ataques audaciosos colocaram o Estado inca em uma situação política e diplomática delicada. Com eles Kapa Yupanki pretendia provavelmente alcançar o prestígio necessário para derrubar Pachakuti. Talvez tivesse conseguido vencer o soberano se este, descobrindo suas intenções, não houvesse mandado assassiná-lo. As conseqüências externas da irresponsabilidade de Kapa Yupanki deixaram, porém, suas marcas. Cajamarca encontrava-se a mais de mil quilômetros de Cuzco, em meio a povos hostis que escaparam inteiramente ao controle dos Incas. Por outro lado, essa região — onde nasciam os principais rios cujas águas irrigavam a planície árida — revestia-se de considerável importância estratégica para os Chimú, que a mantinham sob seu domínio. A guarnição cuzquenha que fora ali deixada só podia suscitar uma violenta reação da parte do grande Império litorâneo, então no apogeu de sua glória. Entretanto, ao invés de abandonar um posto avançado perigosamente exposto, Pachakuti resolveu defendê-lo, mesmo se arriscando a um duvidoso confronto com a potência que, com tanto brilho, dominava a costa setentrional e central. Em 1463, organizou um exército — cujo comando confiou ao seu jovem filho Tupa Yupanki — para conquistar os imensos territórios que ainda separavam Cajamarca das fronteiras de Cuzco.

Vencendo os Anqara, os Wanka e os Wayla, Tupa Yupanki penetrou em Cajamarca, onde a guarnição inca conseguira revidar todos os assaltos contra ela desfechados. Em seguida precipitou suas tropas em direção ao litoral, ao longo do vale de Moche, e conquistou a metrópole de Chanchan. Minchansanam, que ali reinava, foi forçado a capitular. Não deixa de ser um tanto misteriosa a derrota dos Chimú, e sobretudo a aparente facilidade com que os Incas a provocaram. Os antigos autores, que habitualmente relatam as mínimas batalhas em tom de epopéia, não mencionam sequer uma única tentativa séria de resistência à invasão cuzquenha. Eles fazem crer, com sua surpreendente discricção, que o Império Chimú caiu sob o poder de Cuzco como um fruto maduro demais. De fato, como todos os impérios “hidráulicos”, o Império Chimú era singularmente vulnerável. Sua enorme dependência em relação à irrigação colocava-o à mercê de quem quer que chegasse a controlar as fontes e os coletores de águas fertilizantes que lhe asseguravam uma faustosa opulência. Seu destino estava já decidido desde o instante em que os Incas, solidamente implantados nos planaltos interioranos, podiam desviar à vontade o curso dos rios e assim devolver os florescentes oásis da costa à aridez do deserto.

O exército inca dirigiu-se em seguida para o norte, onde Tupa Yupanki

conquistou ainda Quito e Manta, no atual Equador. Retornou depois a Cuzco pela rota do litoral, pilhando de passagem as extraordinárias riquezas que encontrava. Juntamente com os tesouros que a antiga aristocracia chimu acumulara, foram levados também numerosos traços da brilhante civilização litorânea, os quais iriam imprimir sua marca sobre a cultura ainda tosca dos montanhese incas e mais tarde influenciar profundamente o desenvolvimento do ritual e das artes em Cuzco.

O retorno das forças cuzquenas, em 1470, marcou o fim do reinado de Pachakuti. Renunciando a impor seu filho preferido Amarru como sucessor, o soberano foi provavelmente forçado a ceder o poder a Tupa Yupanki, que tinha um exército vitorioso para apoiar suas ambições. Contudo, sua glória não foi absolutamente ofuscada pelo isolamento em que terminou os seus dias. Ele se manteve na lenda e na história como o verdadeiro fundador do Império Inca. Grande conquistador, conservou-se na memória de seus súditos também como grande organizador de terras e de povos. Ele ordenara a reconstrução de Cuzco segundo um plano grandioso, criara uma vasta rede de comunicação e de mensageiros que se estendia até as fronteiras e organizara um exército forte e uma burocracia eficaz para administrar as províncias sobre as quais reinava a “paz inca”. Por ter sabido aliar harmoniosamente o saber organizador à violência criadora, viria a representar — melhor que qualquer outro de seus predecessores ou sucessores — o mesmo modelo de soberano perfeito que Manko Kapaq representou no plano do mito.

Tupa Yupanki continuou a obra de seu pai. Dedicou a maior parte de seu reinado a ampliar o Império, em cuja criação havia tão intimamente colaborado. Quando consolidou seu poder em Cuzco, entrou em luta com os povos da costa meridional que até então haviam conseguido conservar a independência. Conjugando ação diplomática e pressão militar, penetrou no vale de Chíncha, mas só chegou a tomar o vale vizinho de Cañete após três ou quatro anos de guerra. Essa luta terminou com a incorporação ao Império do célebre centro cerimonial de Pachacamac, cujo culto oracular atraía há muito tempo multidões incalculáveis de peregrinos vindos de todos os horizontes. A hierarquia sacerdotal que governava o centro foi respeitada em seus privilégios e sua divindade, integrada ao panteão oficial do Estado inca.

Foi no início do reinado de Tupa Yupanki, segundo afirma a tradição, que também se lançou a expedição contra os Anti da alta floresta amazônica. Os Incas designavam com o termo genérico e pejorativo de Anti o conjunto das tribos mashiwenka, nomashiwenka, kampa e amuesha, que se distribuíam ao longo dos rios do planalto oriental ou permaneciam nos igarapés. Desejavam eles destruir as bases a partir das quais esses povos — mal sedentarizados, antropófagos e “bárbaros — por excelência — desfechavam ataques até os

limites de Cuzco? Ou pretendiam arrebatar-lhes novas terras de coca a fim de atender às crescentes necessidades rituais do Estado? Sabe-se, em todo caso, que sua expedição não obteve sucesso. O exército, duramente afetado pelo clima, perdeu-se nas profundezas das matas. Em Cuzco, onde não havia notícias do imperador, as intrigas não demoraram a se enredar em torno de diversos pretendentes a uma sucessão que o rumor público já dizia aberta. Nas províncias, a população agitava-se ou se sublevava. Os Kolla e seus vizinhos do planalto já se haviam libertado da tutela inca quando Tupa Yupanki reapareceu, enfim, com os guerreiros que pôde reunir em sua retirada. As lendas que se disseminaram a respeito da existência de monstros fantásticos impedindo o acesso à floresta não foram suficientes para dissimular a gravidade de tamanho fracasso, desencorajando qualquer outra tentativa de expansão no sentido das terras baixas do Oriente.

O imperador reconduziu facilmente à sua dependência o planalto insurreto que cedo lhe serviria de trampolim para novos empreendimentos militares. Em 1480, após ter retomado Chucuito — que fora o centro da insurreição —, dividiu o exército em três blocos. O primeiro foi enviado para o Chaco, mas seu avanço foi rapidamente detido pelos Chirwano. O segundo dirigiu-se para o sudeste, anexando a região de Potosí, de onde prosseguiu sua marcha até Jujuy e Tucuman, na atual Argentina. Quanto ao terceiro, partiu em direção ao sul, através das cordilheiras, conquistando todo o Chile setentrional e central até o vale do Maule, onde, afastado demais de sua retaguarda, preferiu não se chocar com a belicosidade dos Mapuche e outras tribos araucanas. Essas anexações fizeram o Império tomar posse definitiva das fronteiras meridionais, para onde seriam transplantadas populações exógenas, agrupadas em torno de sólidas guarnições a serem instaladas.

Atribui-se a Tupa Yupanki a fundação de numerosas vilas, como Vilcashuaman, Jauja, Huánuco e Cajamarca, do mesmo modo que a edificação da cidadela de Sacsahuaman, cujas imponentes ruínas ainda se debruçam sobre a cidade de Cuzco. Apesar do cuidado que empenhou para engrandecer a majestade das funções imperiais, Tupa Yupanki morreu assassinado em 1493. As conspirações que se tramavam incessantemente na Corte — a última das quais não pôde desfazer — levaram ao poder um de seus filhos, o jovem Wayna Kapaq.

O reinado de Wayna Kapaq foi militarmente menos glorioso. O novo imperador, que era ainda uma criança, foi posto sob a tutela vigilante de seus tios. Cedo aprendeu a manipular as ambições concorrentes destes últimos para lhes impor a sua própria autoridade. Em 1511, assumiu o comando do exército e deixou Cuzco para combater, no extremo norte, os povos de situação ainda maldefinida e constantemente revoltados. Antes de se fixar em Tumipampa,

entre os Kañarr, invadiu o território dos Chachapuya, que viviam à margem direita do Maranhão. Em seguida, lançou suas tropas para além de Quito, contra o Kara e seus aliados. Desse modo se engajou em uma guerra longa e cruel, que deveria durar uma dezena de anos.

Com efeito, a resistência dos Kara foi mais forte, permitindo prever a importância dessa etnia. O exército imperial que perdera em homogeneidade o que ganhara em número, experimentou rudes reveses. A distância em que se encontrava em relação às fontes de abastecimento limitava suas possibilidades de ação. Em suas fileiras, o furor contido alternava-se com um sentimento crescente de lassidão, e este se traduzia em todo tipo de atrocidades de que eram vítimas as populações locais. No momento em que a vitória se deixou finalmente entrever, os Chiriwano atacaram subitamente a outra extremidade do Império, o que obrigou Wayna Kapaq a desviar suas guarnições da frente setentrional, assim permitindo aos Kara retomar temporariamente as hostilidades. Pela primeira vez o Império era forçado à defensiva.

Em 1523, entretanto, o território kara achava-se dominado, e até completamente pacificado, enquanto os Incas atingiam o vale de Ancasmayo, que hoje marca a fronteira entre o Equador e a Colômbia. Eles avançaram provavelmente até a região de Pasto, mas não parece que jamais tenham procurado ali se fixar. Outras preocupações assomavam seu soberano. Um mal desconhecido (a varíola, sem dúvida, ou a rubéola, que os europeus haviam introduzido no Novo Mundo) espalhara-se com aterradora rapidez. Enquanto esse mal abatia populações geneticamente desarmadas, sinais estranhos surgiam no céu e seres misteriosos, vindos do mar, eram assinalados em diversos pontos do litoral. Os deuses, interrogados pelos sacerdotes quanto ao sentido que se deveria atribuir a esses prodígios, permaneceram espantosamente mudos. Em 1528, Wayna Kapaq foi por sua vez abatido pela epidemia que já levava 200 mil de seus súditos, ou talvez tenha sucumbido a uma tentativa de envenenamento, segundo outras fontes. Ao morrer, algum tempo depois, deixou o Império mergulhado na mais viva inquietação e na maior incerteza quanto ao futuro.

Entrementes, os espanhóis, conduzidos por Francisco Pizarro, faziam o reconhecimento das costas nas quais se preparavam para desembarcar.

3. As razões do expansionismo inca

Em menos de um século, a confederação cuzquenha liderada pelos Incas chegou a fundar o mais vasto Império da América pré-colombiana. Os territórios que conquistara por meio de guerras incessantes cobriam uma superfície de 950 mil quilômetros quadrados, equivalente à da França, da Itália, da Suíça e do Benelux reunidos. Ela se estendia do norte ao sul, segundo o eixo das cordilheiras, sobre

mais de 4 mil quilômetros, desde o vale de Ancasmayo até o de Maule. A oeste, fazia limite com o oceano Pacífico. A leste, uma linha de fortificações os protegia de incursões das tribos silvícolas indomáveis e predadoras da Amazônia, que tentavam esporadicamente subir as encostas dos Andes para penetrar no interior dos planaltos.

A população compreendida nos limites do Império tem sido objeto de estimativas vagas e contraditórias, fundadas em bases ainda incertas, mas é duvidoso que tivesse ultrapassado 10 milhões de habitantes às vésperas da chegada dos europeus. Compunha-se de uma centena de grupos étnicos de importância desigual, que se diferenciavam uns dos outros pela língua e pela cultura. Por mais ligadas que tivessem sido por uma “co-tradição” forjada no alvorecer de sua história, durante as grandes fases de formação da unidade panandina, essas etnias reagrupadas pelos Incas não constituíam mais que um conjunto político notoriamente heterogêneo.

Que imperiosa necessidade impulsionava Cuzco a reunir em torno de si tantas terras e tantos povos? Que significava essa sede de conquista? Os Incas justificavam seu imperialismo aproximadamente nos mesmos termos em que os espanhóis procurariam legitimar o seu. Diziam-se investidos de uma missão civilizadora junto às populações dos Andes que ainda estavam mergulhadas na barbárie. Acusavam freqüentemente esses povos de praticarem o incesto, de comerem carne humana e de viverem em estado de guerra permanente; e iriam ensinar-lhes as relações de parentesco, o cultivo do milho e a arte de viver em paz que distinguia o “civilizado” do “bárbaro”.

Aparentemente, nada predispunha Cuzco a cumprir essa missão que cada uma das Anãs andinas — julgando-se única depositária da civilização e representante exclusiva da verdadeira humanidade — pretendia assumir. Vistos através de nossos atuais conhecimentos sobre sua cultura, os Incas não parecem um povo excepcionalmente agressivo. Diversamente de seus contemporâneos Astecas do México central, que cercavam a guerra de um verdadeiro culto, não parecem ter exaltado em demasia as funções militares. Nos textos revelados no século XVI por Cristobal de Molina, a guerra é designada como um flagelo e a paz, como o bem supremo concedido pela benevolência dos deuses. É verdade que essa paz resultava de combates e se instaurava em consequência de episódios sangrentos e atos de real ferocidade. Os chefes inimigos vencidos eram trazidos para a capital com suas armas e seus ídolos para serem lançados aos pés do imperador, que desse modo celebrava o seu triunfo. Eram depois decapitados, fazendo-se vasilhames de bebida com seus crânios, flautas com seus ossos, colares com seus dentes e tambores com sua pele. Essa refinada crueldade, porém, caracterizava toda uma época, não sendo exclusiva de qualquer etnia.

A vocação imperialista dos Incas originou-se do sucesso que obtiveram nas

guerras que lhes foram largamente impostas pelas populações circundantes. A inesperada vitória de Pachakuti sobre os invasores Chanka rompeu o precário equilíbrio político dos Andes. De um lado, essa vitória colocara Cuzco em posição hegemônica. De outro lado, porém, devia também cristalizar contra tal hegemonia a hostilidade das etnias vizinhas que se julgavam ameaçadas e cujas sucessivas derrotas só poderiam ampliar cada vez mais o poder cuzquenho.

Toda conquista provocava, assim, uma nova guerra que desembocava em outras conquistas. Os Incas jamais escaparam dessa engrenagem na qual sua feroz resistência à invasão chanka os fizera entrar. Pois, à medida que seu Estado se expandia, a guerra externa se fazia cada vez mais necessária à estabilidade da ordem interna: ela se tornaria, de fato, a mola principal do regime. Como toda paz imperial, a paz inca implicava um estado de tensão permanente nas fronteiras que mantinha a unidade das partes constitutivas do Império e as fazia aceitar a supremacia de Cuzco. Às vésperas de sua morte, Yawarr Waqar teria apressadamente organizado uma expedição ao planalto, com o único fim de impedir o esfacelamento da confederação cuzquenha, então atingida por violentas convulsões. Vários de seus sucessores empreenderam campanhas militares — muito menos no sentido de anexar novos territórios do que para julgar as forças centrifugas que operavam no seio das etnias que eles já controlavam e cuja atuação colocava em incessante perigo o seu imenso mas frágil edifício político pluriétnico e pluricultural.

Desse modo, a guerra de conquista constituía um fator essencial de integração e de mobilidade social dentro do Império. Ela representava o projeto coletivo que confederava os povos vencidos e subjogados. A realização de tal projeto era bastante lucrativa para tornar tangível aos olhos destes últimos as vantagens da dependência em que seriam mantidos. Os guerreiros que se distinguiam em combate podiam aspirar a títulos, bens e sobretudo à mão-de-obra servil recrutada nos contingentes de prisioneiros. O prestígio que obtinham com suas proezas e as recompensas que as sancionavam refletiam-se no conjunto do grupo étnico a que pertenciam.

É provável que se tenha formado logo um “partido da guerra” através do qual os chefes das etnias subjogadas — mais ainda que os próprios membros da tribo inca — pressionassem continuamente o poder para se engajar em novas conquistas militares que lhes dariam ocasião de melhorar seu *status*.

Por outro lado, as transferências de riquezas engendradas pela expansão do Império incitavam grande número de pequenas etnias, conscientes de seu isolamento e de sua frágil capacidade de defesa, a se colocarem deliberadamente na órbita de Cuzco. Foi assim que os Chíncha da costa meridional se associaram aos Incas, não só para evitarem, mais cedo ou mais tarde, sofrer as conseqüências de sua invasão como também para poderem

participar dos benefícios de seu empreendimento imperial. Segundo o testemunho de chefes chincha, os soberanos incas freqüentemente se esforçavam para convencer as populações periféricas de que o Império era o único quadro político possível, e comprovavam por meio de presentes suntuosos todo o interesse que estas tinham em se incorporar a ele.

Entretanto, o imperialismo de Cuzco se fragmentou no reinado de Wayna Kapaq, devido à tenaz resistência das etnias do extremo norte. O grande exército imperial, no qual os Incas não eram mais que minoria, mergulhou em operações de pacificação sem obter vitórias grandiosas e nem mesmo sucessos decisivos. Diante desse fracasso, o projeto federativo do Império começou a perder sua credibilidade, ao ponto de graves insurreições de caráter autonomista se haverem desencadeado no próprio centro do Estado pan-andino. Significaria isso que o Império, uma vez atingidos seus limites definitivos, estaria condenado a se desintegrar? Isso seria subestimar os esforços que Pachakuti e os imperadores seguintes empreenderam para organizar os territórios conquistados e reabsorver, na trama de uma nova ordem social, o mosaico de antigos povos dos Andes. Mas Cuzco se havia estendido longe demais — e sobretudo rápido demais — para que tais esforços tivessem tempo de produzir todas as suas conseqüências. Sem dúvida, a guerra de conquista era ainda indispensável à coesão de seu Império quando já se havia tornado impossível. Por isso, apesar das brilhantes realizações que o caracterizaram no domínio interior, o reinado de Wayna Kapaq assinalaria menos o apogeu do poder inca do que o início de sua decadência.

CAPÍTULO III. ECONOMIA, SOCIEDADE E ESTADO

O Império Inca era “socialista” ou “totalitário”? Possuía um caráter “feudal”, “patriarcal” ou “escravagista”? Assegurava a felicidade de todos os seus súditos ou, ao contrário, os reduzia à maior miséria?

Essas questões, que gerações de historiadores e etnólogos se colocaram, parecem vazias atualmente. Após alguns anos, as fontes em que se inspiraram, isto é, as crônicas dos conquistadores e as relações geográficas da Conquista, foram amplamente revistas pela contribuição de documentos que diversos pesquisadores vêm pouco a pouco exumando dos arquivos. Esses documentos são *visitas*, isto é, relatórios administrativos redigidos no século XVI por funcionários espanhóis, com base em pesquisas feitas através de questionários aplicados nas regiões que acabavam de ser conquistadas e cuja organização tradicional não fora ainda afetada pelo regime colonial.

Em comparação com as crônicas — aliás menos contestáveis em seus dados do que na interpretação que elas impõem —, as *visitas* apresentam a grande vantagem de descreverem a vida local no Império Inca, prendendo-se a fatos sistematicamente observados, e de reportarem, sem qualquer pretensão literária ou preocupação demonstrativa, o modo pelo qual o poder imperial atingia até os níveis mais baixos das populações que lhe estavam submetidas. Sua investigação permitiu ao etno-historiador norte-americano John Murra projetar suas pesquisas sob enfoques totalmente novos. Os primeiros resultados dessas pesquisas parecem confirmar plenamente a intuição de Cunow que, já no fim do século passado, argumentava que a sociedade andina da época inca manifestava, sem dúvida, menos analogia com as sociedades da Europa antiga e medieval, com as quais era comparada, do que com as da África e Oceania modernas e contemporâneas.

1. O *ayllu*. Os fundamentos econômicos da sociedade

A população andina vivia em uma multiplicidade de pequenas coletividades agropastoris. Suas aldeias estendiam-se até uma altitude muito elevada, que oscilava geralmente entre 3.600 e 3.800m acima do nível do mar, o que hoje corresponde ao limite entre as terras cultiváveis (o *kishwar*) e as altas estepes (a *puna*). Se numerosas aldeias se situavam até a altitude de 4.200m e mesmo acima, mais raras eram as que se localizavam abaixo da clivagem atual desses dois importantes sítios ecológicos. Aliás, o vale constituía menos uma facilidade

do que um obstáculo aos contatos, pois representava um fosso separando os agrupamentos sociais. Desembocava, de ordinário, em uma *no man's land* que isolava etnias diferentes e freqüentemente hostis. Em compensação, as passagens cobertas de neve das cordilheiras, ou os desfiladeiros do *urqu*, constituíam as vias normais de comunicação e trocas nesse mundo quase à margem do ecúmeno.

As aldeias eram construídas sobre elevações, sobre rochas ou no topo de montanhas. As casas, com muros de pedras grosseiramente colocadas, distribuíam-se sem plano aparente, em função de uma topografia sumariamente corrigida. Às vezes se alinhavam sobre patamares estreitos, outras vezes se aglutinavam em torno de pequenos pátios, formando alvéolos separados por estreitas ruelas. Certas aldeias compreendiam muitas centenas de construções, enquanto outras não contavam mais que algumas dezenas. A maioria delas era protegida, em dois ou três lados, por um despenhadeiro a pique e, no lado pelo qual fazia o acesso, por espessas muralhas dispostas em ziguezague. O caráter defensivo dos povoadamentos humanos testemunha o estado de insegurança que reinava nos Andes antes da instauração da paz inca. Mas a ausência de água e de reservatórios e a ínfima capacidade dos depósitos de alimentos, conforme se observa nas ruínas, revelam as proporções exatas das guerras que podiam travar entre si aldeias vizinhas. Com efeito, os pontos de água mais próximos encontram-se às vezes a muitos quilômetros de distância. Quanto às colheitas, tinham que ser deixadas nos campos, guardadas em silos subterrâneos, ou seja, ao alcance de um eventual inimigo.

Cada aldeia era habitada por um conjunto de famílias unidas por laços de parentesco ou aliança, que representavam um *ayllu*. Esse grupo localizado e de tendência endogâmica não era, contudo, nem um clã nem uma linhagem. No interior do *ayllu*, ao que parece, a filiação se traçava em linha masculina direta para os homens e em linha feminina direta para as mulheres, de tal modo que os homens descendam de seu pai e as mulheres de sua mãe. Esse sistema de descendência paralela era particularmente difundido nos Andes centrais e meridionais. Os registros de um processo de idolatria referente à região de Arequipa indicam que, no século XVII, a responsabilidade pelo sepultamento dos defuntos cabia ainda aos descendentes diretos do mesmo sexo. Por outro lado, registros paroquiais como o de Paucartambo, próximo a Cuzco, revelam que, em certas regiões do Peru meridional, a transmissão do nome se fazia sempre de pai para filho e de mãe para filha, o que perdurou até meados do século seguinte. Regulamentado pelo terceiro concílio de Lima, que tentou compreender seus princípios, o sistema de descendência paralela conservou-se em vigor quase até o final do período colonial.

Reduzida ao casal e aos filhos celibatários, a família representava a unidade de produção e consumo no interior da qual se operava a divisão do trabalho. À

mulher cabiam as tarefas de cozinhar e cuidar da habitação. Ao homem competiam os trabalhos da lavoura, assim como certas atividades artesanais, tais como a cerâmica e mesmo a tecelagem. O casal constituía-se após um período mais ou menos longo de coabitação pré-matrimonial que os cônjuges virtuais utilizavam para testar sua compatibilidade sob a vigilância estrita de seus pais. Uma vez formalizado, o matrimônio — graças ao qual o indivíduo adquiria a completa autonomia e se tornava membro integral do seu *ayllu* — não poderia ser dissolvido senão por motivos graves. Ainda que os homens de *status* superior tivessem às vezes numerosas esposas, o casamento monogâmico constituía a regra geral e a união poligâmica, a exceção.

As células domésticas constitutivas do *ayllu* reconheciam um chefe ou *kuraka* que era geralmente o fundador do grupo. O *kuraka* distribuía as terras, organizava os trabalhos coletivos e regulava os conflitos. O *ayllu* reconhecia também a divindade tutelar, ou *waka*, que era em geral um ancestral do *kuraka* e na qual este se apoiava para exercer sua autoridade. A *waka* residia em uma montanha próxima, onde era cultuada em local assinalado por uma árvore, uma fonte ou um rochedo, para que fizesse crescer o gado e garantisse a colheita. Os mortos eram sepultados nas fendas rochosas dessa montanha sagrada no interior da qual se iriam reunir ao ancestral divinizado. Os cultos prestados à *waka* foram amplamente narrados pelos missionários espanhóis que se esforçaram obstinadamente para destruí-los. Mas a semelhança que apresentam com numerosas manifestações religiosas atuais observadas pelos etnólogos mostra como foram inúteis os esforços de supressão perseguidos durante quase três séculos.

O *ayllu* possuía um território, ou *marka*. As pastagens da *marka*, formadas por extensas áreas de estepe que chegavam até os limites com as neves, permaneciam indivisas. Cada família podia dispor livremente dessas estepes, onde crescia em tufos uma gramínea curta, apropriada à alimentação de rebanhos, cuja guarda era confiada a crianças e adolescentes. De toda a América pré-colombiana, os Andes foram a única região onde se praticou o pastoreio. A atividade pastoril baseava-se na domesticação de dois camelídeos: a alpaca e a lhama, cujo ancestral selvagem tivera por habitat, sem dúvida, o planalto elevado. A alpaca fornecia a lã para o artesanato familiar da tecelagem. Quanto à lhama, que pode alcançar a velocidade de 30km em curtas distâncias, servia de besta de carga. Esses dois animais ofereciam ainda muitos outros recursos. Sua carne, cortada em fatias finas depois secas ao sol, era transformada em *charki*. Sua pele era utilizada na confecção de sandálias, correias e bolsas. Seus ossos eram empregados na fabricação de agulhas, bem como de diversos utensílios. Mesmo seus excrementos eram recuperados, substituindo a madeira, como combustível, nas regiões em que eram escassos os arbustos.

Diversamente das pastagens, as terras de cultivo eram distribuídas por lotes entre as famílias. Os lotes reintegravam-se ao fundo comum quando as famílias que detinham seu usufruto desapareciam, enquanto novos lotes eram constituídos em favor de casais recentemente formados. O lote compunha-se de parcelas situadas em diferentes sítios ecológicos controlados pelo *ayllu*, de tal maneira que cada família tivesse igual acesso a todos os recursos do meio natural. Sua extensão deveria ser suficiente para assegurar a subsistência do grupo familiar ao qual correspondia. Ela variava em função da qualidade do solo e da duração do repouso das terras, que a unidade de medida fundiária levava em consideração. O *tupu* era, com efeito, a superfície necessária ao sustento de uma pessoa. Um *tupu* de terra seca, que precisava ser submetido a um longo período de repouso após cada ano de atividade, não podia portanto ter a mesma dimensão que um *tupu* de terra irrigada, que podia entrar em cultivo anualmente, sem interrupção.

O desenvolvimento do ciclo agrário e a realização das atividades que lhe eram próprias davam lugar a mudanças de trabalho entre os membros do *ayllu*. As famílias vizinhas ajudavam-se mutuamente na ocasião da semeadura e das colheitas. O *ayni* era a forma mais usual que tornava essa ajuda recíproca e não-cerimonial. O beneficiário do *ayni* devia restituir aos colaboradores a quantidade exata de trabalho deles recebida, quando o pedido lhe fosse feito. Outras formas de ajuda intervinham em benefício das viúvas, dos doentes e dos velhos, cujos campos eram cultivados por todos os homens válidos do *ayllu*, assim como dos jovens esposos recém-casados, cuja casa era construída pelo conjunto da aldeia. Pertencer a um *ayllu* criava obrigações e conferia direitos sobre o trabalho da coletividade, engendrando assim numerosas formas de solidariedade. Numerosos traços culturais que foram mal-interpretados por antigos autores — mais tarde citados para comprovar o caráter “socialista” do Estado inca — decorrem de fato do jogo dessas velhas formas de solidariedade grupal em cuja rede se inseria há muito tempo o camponês andino. Eles não testemunham a preocupação imperial de garantir o bem-estar de cada um pelo trabalho de todos, mas a necessidade que tinham as comunidades agropastoris de afirmar sua coesão em face de um meio que precisavam dominar.

O campesinato andino soube tirar um impressionante partido desse meio ambiente hostil que lhe impunha condições rigorosas e acentuadamente antagônicas. Calcula-se em mais de 40 o número de espécies vegetais que, por via da seleção e da especialização cada vez mais avançada, ele chegou a tornar produtivas. Cada uma dessas espécies corresponde a um sítio ecológico determinado. Batata, *kinoa*, milho, vagem, pimenta, batata-doce, abóbora, cabaça, mandioca, amendoim, abacate, algodão — para mencionar apenas as principais — distribuíam-se desde as terras frias de elevada altitude até os vales baixos e cálidos das planícies.

A subsistência dependia igualmente do cultivo de tubérculo, cujas inúmeras variedades eram objeto de utilização específica. A batata, o *ulluku*, a *mashwa* e a *oka* ocupavam o patamar ecológico imediatamente abaixo da estepe, isto é, as extensões relativamente planas que formavam os vales. Eles proporcionavam rendimentos elevados, embora cultivados por meio da enxada (*lakwash*) e de um bastão curvo de escavar, munido de um apoio para o pé (*chakitaqlla*). Mas as freqüentes irregularidades do clima, às quais esses tubérculos são particularmente sensíveis, expunham a produção a graves imprevistos. Ainda hoje, uma variação mínima no regime de chuvas ou de temperatura é suficiente para arruinar uma colheita que se prenuncia abundante. Compreende-se, portanto, toda a importância das técnicas de conservação que possibilitavam a estocagem. A principal dessas técnicas consistia em desidratar os tubérculos, submetendo-os alternadamente ao calor do sol e ao rigor do gelo durante o inverno austral. Reduzidos assim ao estado de *chuño*, os excedentes conservavam-se por muitos anos.

Aos tubérculos se juntava um cereal, a *kinoa*, que requer o mesmo regime de precipitações das altitudes elevadas e que é igualmente sensível às variações climáticas. O arroz andino, que cresce nas matas, trazia para um regime alimentar pobre em sais minerais os elementos que lhe faltavam. Quanto ao milho, conhecido e apreciado de longa data em todo o território, era cultivado nos contrafortes, sobre os flancos dos vales, em lugares bem expostos porém bem abrigados dos ventos e do gelo, que criavam microclimas favoráveis. Observou-se que as condições exigidas pelo milho raramente se encontram reunidas nos Andes. Com efeito, essa planta necessita, ao mesmo tempo, de muita água e muito calor. Ora, onde há água suficiente o clima é desfavorável; e onde há suficiente calor as precipitações são fracas. Portanto, é possível que, em numerosas regiões planaltinas, a cultura do milho tivesse, por longo tempo e de modo quase exclusivo, servido a necessidades rituais, como a elaboração da cerveja (*ashwa*), que era consumida por ocasião das festas, ou a preparação da farinha (*sanku*), que entrava na composição das oferendas e dos sacrifícios. Mas ela foi estimulada pelos Incas a fim de atender às necessidades crescentes de seu Estado como alimento dotado de valor energético mais forte que a *kinoa*, podendo talvez ser estocado e conservado mais facilmente e por mais tempo do que a batata, o *ulluku*, a *mashwa* e a *oka*. O crescimento da produção de milho foi paralelo à expansão do Império e à edificação da estrutura do Estado. Entretanto, inteiramente captado por meio dos mecanismos de poder, ele não penetrou nos hábitos alimentares do camponês, que permaneceu sempre um *papamikuq*, isto é, um “comedor de tubérculos”.

Planta mal-adaptada, cuja cultura só era possível nas fraldas das montanhas, o milho supunha o remanejamento do solo em terraços e a irrigação freqüente. Esses trabalhos de terraplenagem, por vezes gigantescos, surpreendem pela

engenhosidade que lhes presidiu a realização. Em Pisac, próximo a Cuzco, como em Laros, no lado Cañete, os terraços sucediam-se, à maneira de enormes escadarias, desde o fundo dos vales até o cume da montanha. Sustentados por muretas de altura variável segundo o declive do terreno, acompanham perfeitamente as curvas de nível durante vários quilômetros. Canais recolhiam as águas das geleiras vizinhas e as distribuíam de tal modo que todos os terraços fossem uniformemente irrigados.

Se terraços e canais eram essencialmente destinados a permitir a cultura do milho, mais do que a responder a uma hipotética pressão demográfica que aliás poderia ter sido reabsorvida a um custo menor pela conquista de novos campos na franja fértil da estepe, é preciso convir que grande parte desses trabalhos de terraplenagem agrária foi efetuada na época inca. As técnicas de terraplenagem e irrigação, porém, eram conhecidas e praticadas, por vezes sobre vastas extensões — especialmente em Huarochiri —, mesmo antes da expansão de Cuzco. Nesse domínio, como em muitos outros aos quais têm seu nome ligado, os Incas se limitaram a desenvolver inovações anteriores.

2. O território tribal. O sistema redistributivo

O *ayllu* não era a forma superior de organização social: constituía apenas o elemento sobre o qual era construída a sociedade andina. Os *ayllu* situavam-se, com efeito, em redes de relações assimétricas. Mantinham entre si relações que os uniam sob a hegemonia de um deles e, desse modo, se organizavam em grupos locais de importância desigual. Os chefes de *ayllu* dependentes eram submetidos ao chefe do *ayllu* dominante, que agia como *kuraka* de todos os *ayllu*. Da mesma forma, as *waka* dos *ayllu* dependentes estavam subordinadas à do dominante, que representava a divindade tutelar do conjunto da chefia centralizada.

A população do *ayllu* era ligada ao *kuraka* da chefia centralizada por uma série de obrigações que marcavam a subordinação em que se mantinha. Cada *ayllu* devia cultivar as terras que o *kuraka* detinha em seu território em virtude dos direitos que lhe haviam sido concedidos. Nessas terras de extensão variável, a limpeza, a sementeira e a colheita eram feitas antes das dos lotes individuais pela coletividade de homens adultos que se mobilizava durante o ano na época de tais operações. Por outro lado, cada *ayllu* deveria colocar à disposição permanente do *kuraka* um certo contingente de trabalhadores, que este utilizava para assegurar a guarda de seu rebanho, fiar e tecer a lã de seus animais e realizar todas as tarefas referentes ao atendimento de seu grupo doméstico. Esses trabalhadores revezavam-se nos trabalhos que lhes eram designados, de forma a prestar ao *kuraka* um serviço contínuo. Todos os homens adultos do *ayllu* eram

obrigados rotativamente a esse serviço, conhecido como *mita*, que lhes cabia a intervalos regulares e cuja duração oscilava freqüentemente de três meses a um ano.

Assim, o *kuraka* tinha acesso de forma periódica à força de trabalho de todos os seus súditos, e de maneira permanente à força de trabalho de uma parte deles. Disponha de uma quantidade de energia humana que canalizava em seu proveito exclusivo na agricultura, no pastoreio e em outras atividades produtivas. Mas jamais tinha acesso diretamente aos bens da população que lhe era subordinada. Beneficiário de prestações em trabalho, isto é, corvéias, ele não tinha o direito de exigir prestações em espécie, isto é, tributos. A tributação só apareceu nos Andes após a conquista espanhola, e a administração colonial teve maior dificuldade em estabelecê-la na medida em que ela ia de encontro às tradições nativas. Longo tempo após a Conquista, os mesmos índios que compareciam docilmente às minas de Potosí e Huancavelica para realizar, em condições espantosas, o trabalho que lhes era imposto, resistiram ferozmente à extorsão do tributo, cuja injustiça julgavam intolerável.

Todavia, as prestações de trabalho não eram automáticas. Era preciso que o *kuraka* apresentasse formalmente sua demanda para obtê-las, e que as tivesse regularmente reclamado para continuar em condições de exigi-las. Por outro lado, elas não se realizavam sem contrapartida. Obrigavam o *kuraka* à dádiva, forçando-o a dar provas de generosidade. A *Visita à província de León Huánuco* e a *Visita feita à província de Chucuito*, alguns anos mais tarde, mencionam certas manifestações dessa generosidade institucionalizada. Assinalam particularmente que o *kuraka* era responsável pela manutenção de todos os que o serviam. A mão-de-obra que mobilizava para cultivar suas terras, ele devia oferecer abundantes rações alimentares compostas de gêneros tornados muito valiosos por sua relativa raridade. Esses gêneros, como a carne, o milho, a coca e a cerveja, eram habitualmente consumidos por ocasião de festas, e as atividades durante as quais eram distribuídas revestiam-se do caráter de festividades. O *kuraka* devia igualmente alimentar os trabalhadores que cuidavam do seu gado e que fiavam e teciam sua lã a título de *mita*. Mais que a alimentação, porém, devia garantir-lhes alojamento, vestimentas e mesmo instrumentos durante o tempo em que os mantinha ocupados. Ao fim do serviço, remetia-os de volta a casa com alguma lã, algumas peças de tecido e às vezes alguns animais tirados de seu rebanho.

Além das reciprocidades imediatas, o *kuraka* tinha o dever de velar pela segurança material de todos os membros de sua chefia. Ele provia às necessidades dos pobres, dos órfãos, das viúvas — em suma, dos *waqcha* — que suas dádivas ligavam mais estreitamente à sua pessoa. Em caso de má colheita, subvencionava as necessidades das famílias ameaçadas pela penúria, ficando estas em posição de sujeição mais estreita devido aos viveres que recebiam. Suas

reservas serviam para amenizar as freqüentes irregularidades da conjuntura agrícola, certamente pronunciadas, contribuindo pela liberalidade com que as usava para elevar seu prestígio e reforçar seu poder.

Assim, o *kuraka* redistribuía, sob a forma de produtos, o trabalho que recebera. A *waka* da qual afirmava descender preenchia a mesma função. Ela constituía o outro elemento motor desse sistema redistributivo. Como o *kuraka*, ela detinha as terras que eram cultivadas pelo trabalho coletivo. Também como ele, possuía gado, que era guardado por um contingente rotativo de trabalhadores temporários. E devia mostrar-se generosa com os que a serviam a fim de poder continuar a se beneficiar do seu trabalho. Concedia bens para ter direito à energia humana, e só tinha direito à energia humana sob a condição de conceder bens.

Nem o *kuraka* nem a *waka*, porém, distribuía a totalidade dos produtos do trabalho que recebiam. Os primeiros cronistas destacaram — não sem segundas intenções, algumas vezes — as riquezas consideráveis de certos chefes e de determinados santuários locais, cujos armazéns estavam repletos de gêneros agrícolas, tecidos e lã, e cujos rebanhos se estendiam a perder de vista na estepe elevada. Por mais exagerados que tenham sido, seus comentários mostram bem que o sistema redistributivo operava em primeiro lugar em benefício dos que o dirigiam. Longe de manter a homogeneidade da chefia centralizada, engendrava nela uma diferenciação social que opunha os detentores do poder, os “poderosos”, ou *kapa*, aos homens comuns e sobretudo aos *waqcha*. Os *kapa* distinguíam-se pelo modo de vida polígamo, pelos ornamentos e vestimentas finamente tecidas que usavam e pelos finos alimentos que consumiam. Formavam uma categoria restrita e fechada, cujo acesso era regulado pela filiação. Sua consciência de pertencer a uma elite traduzia-se na prática da endogamia, excluindo de sua aliança as famílias de nível subalterno. Os recitativos míticos que Francisco Dávila recolheu na região de Huarochirí, bem no início do século XVII, evocam a memória da filha de um chefe que, erradamente convencida de que o pai de seu filho era apenas um camponês, “comedor de batatas”, preferiu precipitar-se do alto de um despenhadeiro do que viver em desonra. A preocupação de afirmar e manter o seu nível era singularmente acentuada entre os *kuraka* que faziam parte de linhagens antigas de chefes e se encontravam à frente de grande número de *ayllu* e numerosas chefias importantes.

Pois, da mesma forma que diversos *ayllu* estavam unidos sob a hegemonia de um deles para formar uma chefia, diversas chefias poderiam estar unidas sob a hegemonia de uma delas para constituir uma chefia maior. A estrutura superior reproduzia a estrutura inferior que ela englobava, e o poder que se exercia no nível da primeira repetia aquele que era exercido no nível da segunda, o qual lhe era subordinado. Em cada um desses níveis e entre eles funcionava o mesmo

sistema redistributivo. O termo *chefia*, ou *cacicazgo*, que os espanhóis forjaram a partir de uma raiz de origem antilhana, não é portanto destituído de ambigüidade. Aplica-se a qualquer dessas unidades sociopolíticas perfeitamente semelhantes que envolviam umas às outras — fossem elas englobantes ou englobadas. O termo chefe ou *cacique*, que substitui o termo nativo *kuraka* nas crônicas e nos textos antigos, não é menos ambíguo. Ele se refere a qualquer um desses poderes perfeitamente homólogos que se escalonavam ao longo de uma organização piramidal e segmentar de chefias — fossem elas subordinadas ou subordinadoras.

Esse escalonamento de chefias recobria territórios de extensão variável e reunia populações de maior ou menor densidade. Alguns desses territórios correspondiam a certos grupos étnicos e se estendiam por dezenas de milhares de quilômetros quadrados. Outros correspondiam somente a tribos que ocupavam um pequeno vale. Os Lupaka, por exemplo, constituíam um verdadeiro “reino” que ocupava toda a margem ocidental do lago Titicaca, desde o golfo de Puno até a baía de Guaqui, e possuía mais de 100 mil habitantes no início do século XVI. Esse “reino”, cuja influência se irradiava por toda a cordilheira meridional dos Andes, era formado pelo agrupamento de seis chefias (Zepita, Yunguyo, Pomata, Juli, Ilave e Acora), sob a autoridade do *kuraka* de uma sétima (Chucuito). A maior dessas chefias (Juli) compreendia 27 *ayllu* e a menor (Yunguyo), seis. Comparativamente aos Lupaka, os Anqara que viviam às bordas do Mantaro, na região de Huancavelica, não constituíam senão um pequeno “principado” de 10 mil a 15 mil habitantes à mesma época, formada pela união de duas chefias de uns 20 *ayllu* cada. Em geral, os povos do planalto e de suas imediações eram muito mais poderosamente organizados do que as populações das cordilheiras, que se atomizavam em um número muito grande de entidades políticas, por vezes minúsculas.

O poder de uma chefia manifestava-se não somente pelo tamanho, mas também pelo número e pela importância das colônias que possuía fora dos limites de sua base territorial. Com efeito, cada chefia detinha zonas encravadas no interior do território de povos politicamente independentes, compondo uma espécie de rede colonial. As colônias das pequenas chefias situavam-se a curtas distâncias. Distribuíam-se freqüentemente dentro de um raio de três a quatro dias de marcha, sobre uma série de patamares de altitude limitada, e portanto, englobando um número reduzido de sítios ecológicos. Em compensação, as chefias maiores podiam encontrar-se a 25 ou 30 dias de viagem e se distribuir por todos os patamares da ecologia andina, da *puna* às terras quentes da planície litorânea e à encosta amazônica.

Segundo a *Visita feita à província de Chucuito*, os “reinos” ribeirinhos de Titicaca possuíam colônias que chegavam aos vales costeiros do Peru

meridional, a aproximadamente 300km do lago, e mesmo no interior das regiões bolivianas de Larecaja e Cochabamba, ainda mais afastadas. Nessas regiões longínquas, exploravam o milho, o algodão, a coca e outros produtos tropicais ou semitropicais, que não podiam ser cultivados no planalto desolado. A exploração não se efetuava com a ajuda da mão-de-obra local. Era inteiramente feita, ao que parece, por colonos temporários que vinham periodicamente da metrópole para realizar as sementeiras e as colheitas e permaneciam na colônia durante o ano para cuidar dos campos de cultivo e dos rebanhos. Assim, o modo de exploração das colônias implicava deslocamentos sazonais da população sobre percursos às vezes consideráveis, de alto a baixo da linha de declive das cordilheiras. Ele exigia, da parte dos habitantes dos Andes obrigados a uma tão grande mobilidade geográfica, notável capacidade de adaptação biológica a climas vigorosamente contrastantes.

Através de suas colônias em patamares, as chefias tentavam obter acesso direto ao maior número de recursos oferecidos pelo meio natural. Elas se esforçavam para alcançar o estado de autarcia, que nunca deixou de ser apresentado, até nossos dias, como o ideal de todas as sociedades andinas. É certo que esse estado ideal só era atingido raramente. Mas o controle vertical que cada chefia exercia sobre a ecologia e a integração econômica que, a partir desse controle, cada uma realizava por sua própria conta restringiam fortemente o movimento de trocas. A atividade comercial que certos povos periféricos teriam eventualmente praticado limitava-se, com freqüência, a transações esporádicas para as quais as balas de coca e as barras de sal serviam às vezes como medida. Ela se reduzia, mais freqüentemente ainda, a simples operações de trocas. Eminentemente marginal no conjunto da vida econômica, o comércio não podia levar à formação de grandes mercados nem à criação de uma verdadeira moeda.

De que modo chegaram as chefias a fundar colônias em regiões afastadas, em meio a povos estrangeiros? Não há dúvida de que, em certos casos, os direitos das chefias sobre os enclaves coloniais que possuíam resultavam pura e simplesmente de relações de força. O texto de Francisco Dávila dedica amplo espaço às guerras que travaram, durante longo tempo, os Yawyu de Huarochirí, que procuravam fixar-se nas terras quentes dos Yunka da costa, e estes mesmos Yunka, que se esforçavam para chegar às pastagens de altitude dos Yawyu. Esses direitos, porém, podiam muito bem se estabelecer na base da reciprocidade. Uma chefia consentia na formação de um enclave dentro de seu território em proveito de outra que lhe concedia o privilégio de fundar uma colônia no seu. Os colonos da primeira respondiam pela segurança dos colonos da segunda. Entretanto, os enclaves de grande importância econômica eram geralmente ocupados pelos colonos de numerosas chefias diferentes, que os exploravam concorrentemente. As jazidas de sal-gema, em particular, representavam ilhotas

pluriétnicas nas quais vinham abastecer-se livremente todas as populações das vizinhanças. A imbricação territorial dos direitos de chefia e dos interesses subentendidos por esses direitos, multiplicava, certamente, as fontes de conflito.

3. O Império. Uma estrutura de Estado em transição

Na ótica de seus dirigentes, que inspiraram muitas crônicas espanholas, o Império representava o mundo organizado pela etnia inca. Coincidia com o cosmo, arrancado do caos pelo esforço civilizador contínuo do povo de Cuzco. Fora dele, não podia haver senão a desordem e a barbárie.

Duas linhas imaginárias, que se cruzavam no centro da capital e se prolongavam até as fronteiras, dividiam o Império em quatro seções o que lhe dava o nome de Tawantinsuyu, ou seja “as quatro terras”. Elas consistiam em Chinchasuyu, ao norte, Kollasuyu, ao sul, Antisuyu, a leste, e Kuntixuyu, a oeste. As crônicas acrescentam que cada uma dessas seções era dividida em unidades de dez mil famílias, que, por sua vez, se subdividiam em unidades de mil, cem e dez famílias. Cada unidade estava colocada sob a responsabilidade de um funcionário, de quem dependiam os demais funcionários responsáveis pelas unidades imediatamente inferiores.

Tal visão mítico-ideológica de um Império que se conservou marcado pelas origens tribais não podia confirmar a tese de um Estado despótico de estruturas rígidas e centralizadas. Entretanto, o Império Inca se apresentava fundamentalmente como integrador da ordem social tradicional. Ele operava a síntese da organização piramidal e segmentária das etnias andinas sobre as quais repousava; ele prolongava e coroava os escalonamentos de chefias, da mesma maneira que estas prolongavam e coroavam os escalonamentos dos *ayllu*. De fato, o Império, a chefia centralizada e o *ayllu* entravam em uma mesma relação de homologia, a um tempo reproduzindo-se e se englobando.

As relações que uniam o Imperador e a divindade solar às chefias constitutivas do Império eram semelhantes às que ligavam o *kuraka* e a *waka* aos *ayllu* constitutivos de quaisquer chefias. Em cada uma delas o imperador e o Sol, deus oficial do Tawantinsuyu, dispunham de rebanhos cuja guarda cabia à população e de terras que eram cultivadas pelas comunidades agrárias locais. Essas terras não equivaliam necessariamente em toda parte aos dois terços da superfície total, como já se afirmou, confiando nos dados incertos de um certo Garcilaso de La Vega. Um documento relativo ao vale de Ica, onde a presença inca parece ter sido bastante acentuada, indica que nessa região elas ocupavam uma extensão inferior a 400 *fanegues*, e que entre elas existiam as terras “boas e más”. Portanto, os Incas não se apoderaram sistematicamente das melhores terras. Muito freqüentemente, aliás, ficaram com as terras de encosta, que não

eram utilizadas, mas que eles próprios tornavam produtivas, construindo canteiros para empregá-las na cultura do milho.

O imperador e o Sol velavam para que as obrigações que requeriam, bem como os deveres que estas lhes criavam em troca, fossem devidamente cumpridos. O primeiro desses deveres consistia em sustentar, segundo as regras do costume, todos os que trabalhassem para eles, distribuindo gêneros agrícolas, vestimentas, tecidos e outros produtos do trabalho que haviam recebido, os quais acumulavam nos entrepostos públicos ou *kolka*. Sua inserção na trama de velhas reciprocidades levava-os a doar bens para obter energia humana e a estender assim o velho sistema redistributivo ao conjunto dos territórios submetidos ao seu poder. O Império não reproduzia a chefia somente na sua estrutura; ele a repetia também em seu funcionamento.

Polo de Ondegardo, alto funcionário da administração colonial, insiste em um de seus relatórios no fato de que os índios “não deviam nada além de serviços pessoais”. Eles não eram tributários, mas prestadores de serviço. Todos os homens adultos, isto é, casados, estavam sujeitos à corvéia. É possível que os Incas, superando nisso os espanhóis, tivessem exercido localmente certas pressões a fim de que adolescentes se casassem mais cedo para que mais cedo se prestassem à corvéia. Em todo caso, numerosos cronistas sugerem que as uniões matrimoniais não escapavam ao controle do poder imperial, quando afirmam — contra toda verossimilhança, aliás — que pessoa alguma poderia tomar outra por cônjuge, senão a que lhe designasse o imperador.

Em um Estado que não tinha outros recursos a não ser a força de trabalho da população, o controle burocrático da demografia revelava-se indispensável. O poder devia conhecer prontamente a quantidade de energia humana de que poderia dispor, de forma a alocá-la racionalmente entre os diversos setores concorrentes da economia. Era-lhe necessário manter em dia a lista de súditos que o casamento fazia entrar na categoria dos obrigados à corvéia, como também daqueles que as enfermidades, a idade ou a morte retiravam dessa categoria. Os recenseamentos enormes e minuciosos, que tanto impressionaram os conquistadores e que não tinham qualquer similar na Europa do século XVI, correspondiam a esse único fim. Eram realizados regularmente por especialistas, à base de um sistema numérico decimal, e seus resultados eram registrados em cordinhas com nós, *ou kipu*. Quanto a esse aspecto, são dignos de certo crédito os cronistas que relatam que toda a população do Império estava dividida em unidades de dez mil, mil, cem e dez famílias. Seu erro, porém, consistiu em tomar como realidade administrativa o que não passava de simples artifício contábil.

A população recenseada como sujeita à corvéia era empregada pelo Estado em tarefas agropastoris, mas também em muitas outras atividades, tais como a

administração agrária, a construção e a guerra. Foi por meio de corvêias que os Incas edificaram as vilas que deveriam ser habitadas pelos funcionários imperiais, e se tornariam o lugar-mor das províncias, atuando sobre as etnias que as cercavam. Foi igualmente por meio de corvêias que eles construíram seu gigantesco sistema de estradas e pontes de extensão calculada em mais de 16 mil quilômetros e que ainda hoje provoca admiração. Organizava-se em torno das duas vias principais, cuja abertura foi ordenada por Pachakuti e continuada por seus sucessores, à medida que avançavam suas conquistas. A primeira via costeava o litoral, desde Tumbes até Arequipa, de onde seguia em direção ao Chile. A segunda, que lhe era paralela, unia Quito, no Equador, a Tucuman, na Argentina, passando por Cajamarca, Jauja, Vilcashuaman e Cuzco, através do planalto e das depressões internas das cordilheiras. Inúmeros caminhos transversais, percorrendo desde o planalto até o litoral, ligavam essas duas vias, muitos trechos das quais eram pavimentados ou entrecortados de escadarias, e tendo às vezes mais de 6m de largura, ainda que nenhum carro as percorresse.

As estradas eram balizadas de *tampu*, isto é, postos de estrada que serviam ao mesmo tempo de albergues e de postos de correio. A população local que os conservava devia também provê-los de dois ou três correios que se mantinham prontos para receber eventuais mensagens e transmiti-las imediatamente ao *tampu* vizinho. Os correios, ou *chaski*, formavam um serviço de comunicação que os espanhóis conservaram, tamanha era sua eficácia e sua rapidez. Em menos de uma semana, uma mensagem expedida da fronteira setentrional do Império era encaminhada pelos *chaski* até Cuzco, *tampu* por *tampu*, cobrindo uma distância de aproximadamente 2 mil quilômetros.

A rede viária e o serviço de correio contribuíram muito pouco para a difusão da língua e da cultura cuzquenhas, que aliás os Incas não procuraram impor sistematicamente. Mas elas contribuíram para fiscalizar mais estreitamente as províncias, enviar mais rapidamente as tropas às fronteiras, aos distritos militares e ao interior de regiões convulsionadas, além de impor com maior segurança a paz imperial em todo o território. Elas consolidaram consideravelmente o poder, permitindo a sua centralização e intervenção em todo o Tawantinsuyu. Além disso, reforçaram poderosamente a ação que o Estado pretendia exercer sobre a sociedade à qual se superpunha e cuja ordem social tradicional iria transformar.

A ação transformadora do Estado exerceu-se, inicialmente, mediante uma política de migrações forçadas. Essa política foi inaugurada por Pachakuti que, segundo consta, teria deslocado os ocupantes iniciais da bacia de Cuzco para permitir à tribo inca estender-se sobre as terras que ambicionava. O grande soberano aplicou-a em seguida, metodicamente, a todo o seu Império, dentro do quadro de organização da paz imperial, às expensas tanto de etnias dependentes, quanto da sua própria. Os povos recentemente conquistados que manifestassem

quaisquer veleidades em relação à independência, eram em parte transplantados para regiões solidamente mantidas e firmemente administradas, enquanto populações incaizadas e politicamente seguras se instalavam em seu território, assim como nas proximidades de pontes, entrepostos e praças-fortes, ao longo de eixos vários e em torno de metrópoles regionais, para garantir a segurança e a defesa em caso de revolta.

Os deslocamentos populacionais tomaram considerável amplitude sob o reinado de Tupa Yupanki e sobretudo sob o de Wayna Kapaq. A fim de consolidar o distrito militar setentrional do Império, este último soberano deportou maciçamente os habitantes do atual Equador e os substituiu por famílias recrutadas nas velhas etnias da região de Cuzco. Os Kañarr do Equador meridional e os Chachapuya do nordeste peruano, por exemplo, foram disseminados até o sul do Peru, onde constituíam importantes colônias no momento da conquista espanhola. Em sua maioria, as etnias andinas parecem ter sido, se não fracionadas, pelo menos amputadas em seu potencial demográfico, abalando gravemente os fundamentos das chefias que as organizavam, a começar pelos menores.

No entanto, as populações deslocadas, ou *mitmaq*, permaneceram submetidas teoricamente à autoridade do *kuraka* de sua chefia. Acontecia, aliás, de serem contadas duas vezes nos primeiros recenseamentos realizados pelos espanhóis: uma vez no lugar onde viviam, com a etnia local; e outra vez no local de onde procediam, com a etnia à qual continuavam a pertencer. O afastamento, contudo, associado à semelhança ecológica entre o meio de origem e o de acolhida, não favorecia mais a manutenção das lealdades étnicas. Muitos cronistas, dentre os quais o excelente Cieza de León, notaram que os *mitmaq* saídos dos planaltos eram sempre transplantados para regiões elevadas, e que os *mitmaq* saídos de terras baixas eram invariavelmente transplantados para as regiões costeiras. Eles viram nessa prática o cuidado dos Incas em preservar a saúde das populações deslocadas, que um clima diferente daquele a que estavam acostumadas poderia alterar. Mais exatamente, isso poderia ser interpretado como o temor do poder imperial de que os *mitmaq*, espalhados por diversos patamares de altitude e diferentes sítios ecológicos, não estabelecessem, entre si e com suas chefias, relações de complementaridade econômica, e assim não reforçassem a organização das etnias às quais ficassem presos. De fato, isolados em regiões desconhecidas e em meio a povos que tinham boas razões para lhes serem hostis, os *mitmaq* constituíam uma categoria social que representava uma apreensão direta para o Estado e seus funcionários locais. Se eles recebiam pastagens, terras para cultivo e tudo que necessitavam para refazer a vida local que lhes destinaram, as obrigações que sobre eles pesavam nem por isso eram menos graves e numerosas.

Ao mesmo tempo em que provocava a emergência dessa nova categoria social, o Estado promovia a expansão de grupos servis por uma política deliberada de dominação. Segundo antigos textos, esses grupos seriam originários de uma população próxima de Cuzco, que Tupa Yupanki subjugara e distribuíra em sua corte, depois de ela ter fomentado uma revolta de excepcional gravidade. Entretanto, quando essa revolta se produziu, a condição servil já existia há muito nos Andes. Por quase toda parte, os *kuraka* tinham o costume de recrutar em suas chefias certo número de “dependentes perpétuos”. Como os *kuraka*, os soberanos incas tomaram também “dependentes perpétuos” nas etnias que formavam o Tawantinsuyu. A partir de Yupanki, porém, esses recrutamentos humanos tornaram-se infinitamente mais importantes. Eles operavam não somente nas províncias imperiais, mas também e sobretudo, ao que parece, entre os prisioneiros capturados durante as guerras nas fronteiras.

Os “dependentes perpétuos”, ou *yana*, ligavam-se exclusivamente ao imperador ou a pessoas de nível elevado, tais como chefes de guerra, altos funcionários, *kuraka*, a quem o soberano os houvesse doado para demonstrar seu reconhecimento ou generosidade. Não eram escravos no sentido que os historiadores da antigüidade dão a esse termo. Embora desligados de qualquer laço ou atributo étnico, conservavam o direito de reter suas terras e possuir seus próprios bens e seu próprio gado. Não podiam escapar de sua condição, que lhes era hereditária, mas a transmitiam a um só de seus filhos, escolhido por seu senhor para substituí-los e sucedê-los em sua morte. Essa categoria recobria, aliás, níveis bastante diversos. O *yana*, que o serviço do soberano associava aos faustos da Corte de Cuzco, encontrava-se em sua posição inteiramente diferente daquele que houvesse sido atribuído a um pequeno *kuraka* de província, por meio do jogo de redistribuições sucessivas. Sabe-se que certos *yana* dispunham de suficiente riqueza e prestígio para terem tantas esposas como um chefe local, e que muitos deles ocupavam altas funções na administração imperial.

Da mesma forma como recrutava homens, o poder também recrutava mulheres, ou melhor, moças de muito pouca idade, quase crianças. Essas “mulheres escolhidas”, ou *aqlla*, eram encerradas nos mosteiros do Sol, onde eram educadas sob tutela de mulheres mais velhas pertencentes à etnia inca. Após a puberdade, algumas eram tomadas como esposas subsidiárias do imperador, enquanto outras eram dadas em casamento a personalidades a quem o soberano desejasse manifestar gratidão. Entretanto, a maioria delas permanecia no interior dos mosteiros. Passavam a vida na mais rigorosa castidade e no mais completo isolamento, a serviço do culto solar. Entretanto, além das funções religiosas que preenchiam, elas desempenhavam um papel econômico de singular importância, fiando e tecendo a lã dos rebanhos do Sol. Os mosteiros, cujo número aumentava proporcionalmente ao das metrópoles regionais, e que por vezes compreendiam 2 mil *aqlla*, representavam verdadeiras

oficinas têxteis, produzindo em abundância todo tipo de tecidos e vestimentas.

Ao final do reinado de Wayna Kapaq, *mitmaq, yana* e *aqlla* já constituíam uma força de trabalho que assegurava ao poder a produção em massa em certos setores da atividade econômica, tornando-o cada vez menos dependente das reciprocidades tradicionais nos vários setores em que era empregada. Essas reciprocidades de fundamento étnico foram, por outro lado, afetadas pelo enfraquecimento das chefias que lhes serviam de quadro, cujas bases haviam sido minadas pelos deslocamentos populacionais. Em suma, a velha ordem tribal hierarquizada começava a se desagregar sob a pressão de uma nova sociedade, engendrada pela ação da estrutura de Estado à qual estava ligada. A ordem social que o Estado tendia a desenvolver manifestava claramente seu caráter estratificado ao redor de Cuzco, onde a etnia inca se erigia em classe ociosa, graças aos numerosos dependentes que satisfaziam suas necessidades. As mudanças que estavam em curso, porém, revelavam em graus diversos a existência dessas classes em gestação em muitas outras regiões do Tawantinsuyu. Era apenas questão de tempo a transformação de um Império tradicional em um grande Estado moderno.

CAPÍTULO IV. O PODER IMPERIAL

O mito de Manko Kapaq não justifica somente as origens do poder inca. Também lhe explicita a natureza, ao mesmo tempo em que lhe revela os limites. Constitui, de qualquer modo, o mapa do Império. Apesar das modificações sofridas pelas funções imperiais ao longo dos reinados, as quais evoluíram no sentido de um reforço progressivo da posição do imperador, a figura do legendário fundador do Tawantinsuyu conservou sempre um valor exemplar. Cada soberano a reproduzia em seus grandes traços, contribuindo para enriquecê-la e torná-la mais nítida.

1. O soberano

Da mesma forma que Manko Kapaq, que não tinha pai nem mãe, o imperador se apresentava como “órfão e pobre”. Os dois termos eram amplamente sinônimos, aliás, e o mesmo termo *waqcha* bastava para simbolizá-los, de vez que quem não tivesse pais não gozava de direito algum, senão os que chegasse a obter por seus próprios meios e seu esforço individual.

O imperador era um *waqcha*, pois não reconhecia seus genitores. Ao tomar a franja escarlate, ele se excluía de seu grupo de parentesco e, conseqüentemente, da herança a que teria podido normalmente aspirar. Ele abandonava para os irmãos as terras de seu pai e as pessoas que as trabalhavam, a fim de formar seu próprio domínio. Na época de Inka Roka, quando os soberanos deixaram de residir no Templo do Sol, ele teve igualmente que ceder a seus irmãos a morada paterna e construir seu próprio palácio, ou *kancha*. Por ocasião de sua morte, os bens que ele tivesse adquirido passavam a todos os seus filhos descartados do poder, que sozinhos fundavam então sua própria linhagem, ou *panaka*. Eles constituíam o patrimônio dessa linhagem, cujos membros perpetuavam a lembrança do ancestral celebrando a glória de seu reinado e mantendo o culto que se prestava ao seu cadáver mumificado. Quando os espanhóis chegaram a Cuzco, havia nessa cidade 11 linhagens imperiais, que correspondiam aos 11 soberanos que tinham governado o Tawantinsuyu.

Como Manko Kapaq, o imperador desposava uma irmã que se tornava sua esposa principal, ou *koya*. Por meio desse casamento incestuoso, ele renegava solenemente sua filiação e rompia fragorosamente os laços familiares, tornando assim manifesta sua situação livre de qualquer rede familiar. É verdade que o incesto imperial só foi praticado tardiamente. Ele não se impôs senão a partir do momento em que a união matrimonial do imperador perdeu toda a utilidade

política. Até Pachakuti, os soberanos incas escolhiam como esposa principal a filha de um *kuraka* vizinho, com quem quisessem estabelecer aliança ou, mais simplesmente, assegurar uma neutralidade cordial. Seguramente, só Tupa Yupanki e Wayna Kapaq desposaram suas irmãs, ainda que a do primeiro só fosse irmã pelo lado paterno.

O imperador, portanto, não tinha predecessores e, se tivesse descendentes, não podia ter sucessor. Ele detinha o poder exclusivamente por seu valor. Esse poder, que lhe pertencia por mérito próprio, distinguia-se do poder de um *kuraka*, visto que não derivava da posição de seu detentor na trama de relações de parentesco, aliança e descendência, mas se situava fora e acima delas, não se submetendo nem a suas obrigações nem a seus constrangimentos. No século XVI, os funcionários espanhóis tentaram inutilmente definir as regras de sucessão do Império, a fim de distinguir, dentre a numerosa descendência de antigos soberanos, as “linhas legítimas” das “linhas ilegítimas”, segundo critérios altamente etnocêntricos de legitimidade e bastardia. Eles tiveram que admitir que o Império não passava necessariamente ao primogênito do imperador, como se dava na Europa, nem mesmo a um dos filhos que o imperador tivesse tido com sua esposa principal, mas recaía, de fato, naquele que os dignitários julgassem mais capaz. Convém também acrescentar que essa capacidade de exercer as funções imperiais se revelava primeiramente na aptidão para torná-las.

Com efeito, o poder não era objeto de devolução, mas de conquista. Não se transmitia segundo procedimentos institucionalizados: era tomado pela força. O fim de cada reinado abria um período de anarquia mais ou menos longo, mas sempre marcado por violências. Os filhos do imperador morto que disputavam a *maskapaicha* entravam em luta. Seus irmãos e sobrinhos, que podiam igualmente aspirar à franja escarlate, e todos os que detinham uma posição de autoridade que lhes permitisse reivindicar o poder com qualquer probabilidade de sucesso combatiam-se acerbamente. As linhagens imperiais que sustentavam as ambições dos concorrentes transformavam-se em facções hostis, entre as quais a etnia inca se despedaçava. As chefias periféricas aproveitavam-se da paralisia do aparelho de Estado para se emancipar e restabelecer a antiga autonomia. Em suma, o Tawantinsuyu se desfazia. O mundo organizado retornava ao caos de onde o resgatara o imperador. Os tempos da barbárie retornavam então e se prolongavam até que um dos pretendentes conseguisse triunfar sobre os rivais, restaurar em torno de sua pessoa a unidade da tribo e reconquistar com ela as chefias revoltadas. O império renascia a cada novo imperador.

Assim, toda mudança de reinado fazia a história remontar aos seus obscuros começos. Esse retorno às origens era ritualmente expresso pela marcha errante que, antes de receber a investidura, o novo soberano devia repetir em companhia de seus partidários. As crônicas relatam que Pachakuti retornou à caverna

umbilical dos Incas, situada em Paqariqtampu. Ele saiu da caverna através do mesmo orifício que dera passagem a Manko Kapaq e seus irmãos, e depois voltou a Cuzco, pelo mesmo caminho que estes últimos haviam tomado, a fim de ali cingir a *maskapaicha*. Parece que os imperadores só refaziam a última etapa da migração primordial. Tupa Yupanki e Wayna Kapaq foram somente ao monte Wanakawri, onde Manko Kapaq se detivera pela última vez antes de atingir Cuzco. Seguindo o caminho que os passos do herói haviam traçado, um e outro desceram em procissão essa montanha e penetraram na cidade para exercer sobre o povo que os aclamou um poder que se ligava simbolicamente à sua origem. No cimo do Wanakawri, começou o rito de investidura imperial. Aliás, fora ali que os detalhes desse rito se haviam originalmente fixado.

A ausência de todo e qualquer princípio dinástico que regesse a ordem de sucessão era sentida como grave lacuna no interior do sistema político inca. Os últimos soberanos tentaram de diversas maneiras limitar suas conseqüências mais desgastantes, de forma a dar ao Império uma certa continuidade. A partir de Pachakuti, a morte do imperador passou a ser mantida em segredo durante um mês. Essa prática visava limitar à corte do defunto a luta pelo poder em vacância. Não foi contudo suficiente para impedir de todo a tradicional rebelião das chefias que eclodia a cada final de reinado e acarretava o desmembramento do Império. Por outro lado, numerosos imperadores — dentre os quais Wiraqocha Inka, Pachakuti e Tupa Yupanki — designaram em vida qual de seus filhos desejariam ter por sucessor, e se esforçaram por fazê-lo reconhecido como tal pelos seus íntimos. Todavia, essa designação, saída de um reconhecimento que não podia ser obrigatório, foi muitas vezes ignorada e raramente teve o efeito esperado. No melhor dos casos, sequer livrou o pretendente ao título de ter que rebater as ambições de seus irmãos, tios, sobrinhos e primos, de precisar obter a adesão das *panaka* imperiais e conquistar o apoio pessoal dos *kuraka* locais, de tal forma que o imperador continuou sempre um artesão de seu próprio Império.

Paradoxalmente, a continuidade do Império não era assegurada senão por um golpe de Estado. Em todo caso, a crise de poder achava-se reduzida à sua expressão mais simples, pois a mudança de governo que ela provocava resultava de uma intervenção dos guerreiros, que depunham o imperador para substituí-lo por um *sinchi* vitorioso. O poder era então transferido — sem transição, ou ao menos sem choque — de um titular a outro. O interregno, com todos os problemas que de ordinário o caracterizavam, era evitado.

Assim, a ameaça de levante militar pesava gravemente sobre o imperador. Para afastá-la, este tinha o cuidado de colocar no comando das tropas um filho ou parente em quem acreditasse poder depositar sua confiança. Tal precaução, porém, revelava-se bastante ilusória. Logo que o soberano abandonasse o

comando do exército para se consagrar às tarefas administrativas, assim que renunciasse a continuar como conquistador para se transformar em organizador dos territórios conquistados, expunha-se ao risco de ver um chefe de guerra, aureolado do prestígio da vitória, arrancar-lhe a *maskapaicha*. Foi o que aconteceu a Wiraqocha Inka, que foi afastado por seu filho Pachakuti, vencedor dos Chanka. Foi o que parece ter acontecido também ao próprio Pachakuti, que assistiu impotente à ascensão de Tupa Yupanki e teve que abdicar definitivamente. Longe de se rejubilar com as conquistas que este último obtivera, Pachakuti suspeitou delas, e recebeu muito mal o conquistador dos Chimú, que no entanto acabava de anexar ao Império os ricos oásis do litoral setentrional. Portanto, é pouco provável que ele o tivesse voluntariamente associado ao poder, como sugeriram certos cronistas, ou que tivesse instituído em seu favor um sistema de “co-governo”. Por outro lado, um poder tão fortemente personalizado como o do soberano inca não se prestava absolutamente à partilha. Na realidade, Pachakuti se deu conta de que, não dispondo mais da força, cujo emprego havia imprudentemente delegado, não lhe restava outra opção senão se apagar diante daquele que dela se havia apoderado por inteiro.

Nascido da violência, o poder não se mantinha senão através dela. O controle do exército condicionava-lhe a um só tempo o acesso e o exercício. Todos que chegavam a conquistá-lo, porém, procuravam dar-lhe um fundamento sagrado capaz de protegê-lo das contestações. Ao poder militar juntava-se o poder mágico e religioso, que o reforçava, equilibrava e, quando necessário, neutralizava. Guerreiros na origem, eles tendiam a se apoderar de certos atributos de natureza sacerdotal.

O quarto soberano, Mayta Kapaq, foi lembrado como grande adivinho. Muitos outros imperadores, porém, possuíram dons divinatórios, que os revestiam freqüentemente de um aspecto oracular. Pachakuti detinha um fragmento de cristal de rocha que lhe tinha vindo do céu e no qual teria tido a revelação de seu glorioso destino. Ele via nessa rocha o passado, o presente e o futuro, “como em um espelho”. Tupa Yupanki e Wayna Kapaq falavam com as *waka* que os aconselhavam, e nada empreendiam sem o referendo do seu conselho. A adivinhação representava um instrumento da política imperial. Através dela, o imperador manipulava o sobrenatural para justificar suas ações e revesti-las do peso da necessidade. O primeiro dos atos para o qual ele solicitava uma sanção divina era o de se tornar senhor do poder. Antes de entrar no Templo do Sol, para a investidura oficial, pedia aos sacerdotes que lessem nas entranhas dos animais sacrificados a vontade expressa dos deuses de vê-lo ascender às funções supremas.

A investidura recebida do grande sacerdote transformava o imperador em filho do Sol (*Intip churin*). Ela o designava como o mediador privilegiado nas

relações deste mundo com o sobrenatural. Com esse fim, o soberano presidia a todas as cerimônias que tivessem por objetivo garantir o bem-estar material e moral dos homens. No começo de cada ano, era o primeiro a abrir os campos incultos com auxílio de um bastão de ouro, a fim de proporcionar fertilidade ao solo. Ao se aproximar a estação das chuvas, varria as doenças do Império para assegurar aos súditos saúde e longevidade. Ele constituía o elo entre a ordem natural e a ordem social. Situado na interseção das forças cósmicas, ele canalizava sua energia e a mantinha em equilíbrio. Não havia nenhum fenômeno natural que ele não pudesse interromper. Sob o reinado de Pachakuti, ocorreu uma erupção vulcânica em Arequipa. O imperador apresentou-se na região ameaçada e avançou sozinho em direção à cratera central, na qual lançou, com sua funda, bolas de argila que havia mergulhado no sangue de lhamas oferecidas em sacrifício. O vulcão apaziguou-se imediatamente.

O culto solar, próprio dos Incas, fora imposto à confederação cuzquenha, provavelmente por Inka Roka, antes de se tornar a religião do Estado. Ele substituiu o que era prestado a outras divindades, e em particular ao deus panandino Wiraqocha, sem no entanto eliminá-las. A hierarquia sacerdotal dedicada ao seu serviço recrutava seus membros em um *ayllu* da tribo. Os imperadores mantiveram um controle cada vez mais estreito sobre essa hierarquia, de modo que as funções religiosas e as funções governamentais se fizeram confluir progressivamente, fundindo-se depois. Pachakuti intervinha nos assuntos religiosos, mesmo nos mais delicados, como a formulação de dogmas. Tupa Yupanki atribuiu-se o privilégio de nomear e demitir o grande sacerdote, que ele escolhia entre seus parentes próximos. Quanto a Wayna Kapaq, assumiu pessoalmente a mais alta função sacerdotal, que aliás perdera a razão de ser. Com efeito, o último soberano se fez reconhecer não mais como representante sagrado do Sol, mas como sua encarnação divina. De todos os imperadores, ele foi o único a ser adorado como deus vivente. Sua investidura foi uma apoteose. Seu poder era tamanho que superava todas as *Waka* do Império, ao ponto de Wayna Kapaq não ter hesitado em destruir o santuário de divindades que não respondiam às suas perguntas da maneira como ele desejava que fossem respondidas.

Certamente, a evolução da magistratura militar da confederação cuzquenha no sentido de uma monarquia divina de pretensões universais foi amplamente comandada pelo desenvolvimento econômico e social do Estado no curso dos últimos reinados. Todavia, distingue-se facilmente a influência profunda que exerceram os Chimu sobre as formas exteriores de que se revestiu esse regime monárquico nascente. Sabe-se que Tupa Yupanki introduziu em Cuzco o cerimonial da Corte de Chanchan, assim como o rito da *mocha*, pelo qual os *kuraka* reafirmavam sua lealdade ao soberano, e cuja representação figura, aliás, em cerâmicas muito antigas da costa setentrional. O extraordinário

aparelho de que se cercou Wayna Kapaq assimilara, sem dúvida, muitos de seus traços faustosos. O imperador não se deslocava senão sob um pálio, dentro de uma suntuosa liteira carregada no dorso de vários homens. Uma multidão de servidores o precedia, varrendo seu caminho, enquanto o povo se prostrava à sua passagem, com a face contra a terra. Mesmo os mais altos dignitários de Estado não se dirigiam a ele senão de joelhos, com os pés nus e tendo um peso sobre os ombros em sinal de humildade. As vestimentas que ele tivesse usado e os objetos que tivesse tocado tornavam-se proibidos, sendo recolhidos a cofres para serem queimados. Quando Wayna Kapaq morreu, mais de 4 mil de suas mulheres e servidores se imolaram para segui-lo em seu túmulo. Ele foi sepultado junto com uma incrível quantidade de riquezas. O vazio que deixou correspondia ao lugar que ocupara. A profundidade da crise que se seguiu ao seu desaparecimento, graças à qual puderam os espanhóis penetrar no Peru, prova que, se o imperador era considerado onipotente, a instituição imperial, contudo, continuava tão frágil quanto em seus primórdios.

2. Os agentes do poder

A burocracia imperial

O imperador era assistido em suas tarefas governamentais por um conselho de quatro membros, cuja opinião consultava antes de tomar qualquer decisão importante. Os membros do conselho, intitulados *apu*, representavam as quatro seções em que se dividia o Twantinsuyu e eram responsáveis por sua administração.

Abaixo dos *apu* vinham os *tukriyuq*, ou seja, os governadores de província. Os *tukriyuq* residiam na cidade, que constituía o lugar principal da circunscrição de que estavam encarregados, incluindo uma ou várias chefias. Eles representavam o soberano junto às populações locais e em seu nome exerciam a justiça em todos os assuntos que escapavam a competência dos chefes tradicionais. Velavam pela conservação das estradas, pontes e edifícios públicos. Coletavam os bens produzidos pelo sistema da corvéia, que convocavam no devido tempo e cuja execução supervisionavam. Os controles periódicos a que estavam submetidos os *tukriyuq* preveniam os abusos a que poderiam dar lugar os amplos poderes que lhes eram delegados. Eles garantiam a manutenção da ordem inca, consolidando as influências pacificadoras e civilizadoras que esta pretendia ter.

Entre os funcionários subalternos de que se cercavam os *tukriyuq* achavam-se os *kipukamayoq*, que exerciam uma função essencial e altamente especializada: eram encarregados de registrar, por meio de cordinhas com nós, as entradas e saídas dos entrepostos do Estado e de manter em dia o montante de

efetivos da população da província sujeita à corvéia. A cada ano eles eliminavam de seus *kipu* os mortos, velhos e doentes, e acrescentavam à lista da corvéia os jovens ingressos na idade adulta mediante casamento, a partir do último recenseamento.

Durante longo tempo, todos esses encargos administrativos foram confiados aos membros das linhagens imperiais e dos *ayllu* de Cuzco que gravitavam em torno do soberano. *Apu*, *tukriyuq* e *kipukamayoq* pertenciam à etnia que fundara o Império e que detinha, graças a esse fato, posição preponderante no interior do Tawantinsuyu. Os funcionários imperiais eram, aliás, tão intimamente associados à etnia inca no espírito das populações locais que as características culturais desta última apareciam freqüentemente como sinais de autoridade.

Como todos os outros povos andinos que dominavam, os Incas possuíam uma cultura que lhes era própria e à qual as novas gerações acediam mediante uma série de ritos de passagem. O mais importante e mais bem conhecido desses ritos era o *warachikuy*, que marcava o fim da adolescência e o ingresso na vida da tribo. Todos os jovens Incas lhe eram submetidos na puberdade. Nessa ocasião, recebiam vestes de homem e armas de guerreiro, e tinham as orelhas perfuradas por uma agulha de ouro que permanecia no orifício. Discos de diâmetro cada vez maior, que substituíam posteriormente as agulhas, distendiam o lobo auricular, provocando uma singular deformação que valeu aos Incas, por parte dos espanhóis, a designação de *orejones*.

No início do século XVI, a cultura inca estava amplamente difundida além de seu núcleo de origem. A etnia que a propagava absorvera antes todos os povos da bacia de Cuzco com as quais se havia confederado. Depois, foi assimilando os mais antigos aliados da confederação cuzquenha, como os Kechwa, os Kana e os Kanchi, que haviam contribuído de maneira diversa para a derrota dos Chanka. Às vésperas da invasão européia, a civilização inca estendia-se do vale de Apurímac, no norte, do de Vilcanota, no sul, e, se não era a mais vasta do Tawantinsuyu, estava a ponto de se tornar a mais populosa.

No entanto, ainda que estreitamente associada aos benefícios da política imperial devido ao jogo do sistema redistributivo que operava antes de tudo a seu favor, essa etnia dominante jamais chegou a se constituir em classe dirigente do Império. Os cargos administrativos que detinha entravam no quadro de uma burocracia de Estado. Não somente não eram hereditários, mas também seus titulares podiam ser substituídos ou demitidos a qualquer momento pelo soberano que os nomeara. Além disso, não eram ligados a qualquer privilégio nem gozavam direitos senão na circunscrição em que eram exercidos. Os funcionários tinham livre acesso aos entrepostos públicos, nos quais obtinham alimentação e vestuário, assim como todos os bens necessários ao seu sustento, conforme o seu nível. Não tinham, porém, direito a exigir de seus administrados

prestações em seu próprio benefício. Recebiam como salário somente o reconhecimento do imperador, que se manifestava generosamente pela concessão de um *yana* ou de esposas subsidiárias recrutadas nos monastérios do Sol. Às vezes também obtinham terras em sua aldeia de origem, isto é, no assentamento territorial da etnia inca, e não no das etnias onde estivessem em exercício. Essas alocações fundiárias não implicavam a criação de domínios privados. Referindo-se às liberalidades imperiais, Cieza de León e Polo de Ondegardo cuidaram de assinalar que as terras doadas pelo soberano aos seus favoritos eram todas situadas nas imediações de Cuzco, passavam pelo controle do *ayllu* a que pertencia aquele que as tivesse recebido e serviam ao conjunto de membros desse *ayllu*, que dispunham de iguais direitos sobre elas. A disjunção entre o poder sobre os homens (sempre individualizado) e o poder sobre as terras (sempre detido coletivamente) impediu que a burocracia se transformasse em aristocracia fundiária, mesmo depois que deixou de ser recrutada exclusivamente entre os Incas.

Pois, no início do século XVI, essa burocracia, por meio da qual os Incas administravam os territórios que haviam conquistado, perdeu seu caráter étnico. Com efeito, o poder imperial não estava restrito a uma única família, nem tampouco a autoridade que dele emanava residia em uma etnia apenas, qualquer que fosse esta. O imperador, que simbolizava o Tawantinsuyu, não podia identificar-se com somente uma de suas partes, exceto através de pessoas que o representavam nas províncias. Quando Pachakuti empreendeu uma viagem pelo Império, vestia-se, em cada região que atravessava, conforme o traje que ali era usado, “o que agradou muito aos seus súditos”. Os últimos soberanos esforçaram-se por se desligar de seus laços étnicos com o mesmo vigor que empenhavam em se desembaraçar dos laços familiares. Tupa Yupanki marcou nitidamente a distância a que entendia colocar-se em relação aos Incas. Wayna Kapaq foi muito mais longe nesse caminho. Afastou de muitos postos administrativos membros importantes da *panaka* que os haviam ocupado até então para substituí-los por homens de diversas origens étnicas, cujo valor ele reconhecera. A promoção de funcionários saídos de chefias periféricas, e particularmente das chefias do norte, ainda fracamente incaizadas, não era senão um dos aspectos de uma política tendente a situar o imperador a uma equidistância de todas as unidades constitutivas do Tawantinsuyu. Essa política provocou entre o soberano e a etnia inca, ferozmente aferrada às prerrogativas tradicionais, uma tensão crescente que um incidente menor transformou em conflito agudo. Pretendendo o fracasso que os contingentes de Cuzco haviam sofrido durante a guerra dos Kara, Wayna Kapaq considerou excessiva a sua generosidade em relação aos Incas. Os chefes incas do exército decidiram então retirar-se do campo de batalha e entrar em Cuzco com suas tropas, levando a imagem do Sol, que — como lembraram eles oportunamente — era o deus da tribo antes de ser o do Império.

A ruptura só foi evitada graças à mediação dos parentes maternos do soberano.

Os chefes tradicionais

Em contraposição à burocracia imperial, que ao mesmo tempo prolongavam e continham, situavam-se os *kuraka*. Numerosos dentre eles pertenciam a linhagens de chefes locais que já dominavam há muito tempo territórios às vezes muito vastos quando Manko Kapaq saíra de sua legendária caverna. As genealogias que eles mostravam com orgulho aos mais ilustres de seus conquistadores incas revelavam a antigüidade de suas famílias e de certo modo faziam os soberanos de Cuzco parecerem arrivistas. Por outro lado, os *kuraka* não cessaram de opor ao poder subordinador dos Incas o seu poder subordinado, que derivava de uma legitimidade superior e do enraizamento em um passado mais profundo. Eles nutriam, com suas pretensões, um movimento contínuo de contestação do qual se encontram muitos ecos na obra de Waman Puma de Ayala.

No interior do Tawantinsuyu, o papel dos grandes *kuraka* não se reduzia ao de funcionários subalternos. Certamente, eles executavam as ordens do imperador, as quais lhes eram transmitidas pelos *tukriyuq* a que estavam subordinados. Mas eles também representavam sua etnia diante do soberano e de sua administração. Operavam a articulação entre o poder central, cuja ação reproduziam ao nível regional ou local, e a população submetida a esse poder, da qual constituíam a emanação. A posição de mediadores que ocupavam no sistema político inca proporcionava-lhes, sem qualquer dúvida, uma ampla margem de manobra e iniciativa.

As relações que uniam os grandes *kuraka* ao imperador eram e sempre foram fortemente personalizadas. Eles escaparam simultaneamente da burocracia e da burocratização, pois se estabeleceram acima dos funcionários. Quando um novo *kuraka* acedia ao comando de uma chefia, devia demonstrar sua lealdade ao soberano, que o confirmava em seu cargo, não o deslocando exceto em caso de rebelião caracterizada. A manutenção dessa ligação era garantida pelo filho ou parente do *kuraka* a quem o costume local designasse para sucedê-lo, o qual estava obrigado a residir na Corte imperial. O herdeiro presuntivo da chefia, deixado assim como refém, assimilava a língua oficial e a cultura dominante do Estado e se preparava para cumprir suas tarefas futuras conforme as expectativas do soberano. A *waka* principal da chefia, que geralmente representava o ancestral do *kuraka*, era também mantida como refém. Sua estátua era guardada em um dos santuários de Cuzco, onde a cultuavam. Se a etnia à qual correspondia se rebelava, a estátua era exposta aos insultos públicos dos habitantes da capital. O imperador não carecia, portanto, de meios de pressão sobre os *kuraka*, que controlava não só através de seus

descendentes e sucessores como também de seus ascendentes divinizados. Frequentemente os *kuraka* ofereciam ao imperador uma filha ou irmã como esposa subsidiária e, em troca, obtinham mulheres e dependentes. A cada ano após a colheita, eles se apresentavam em Cuzco para presentear simbolicamente o soberano com uma parte dos bens produzidos em benefício do Estado pela força de trabalho de sua etnia. O soberano os acolhia magnificamente e não os autorizava a retornar às suas províncias senão após tê-los cumulado de presentes pessoais e de toda sorte de mercadorias provenientes de diversas regiões do Tawantinsuyu, que os *kuraka*, por sua vez, redistribuíam no interior de sua chefia, para realçar o seu prestígio e reforçar o poder sobre seus súditos.

Parece que os imperadores raramente intervinham nos assuntos internos das chefias. Assim, quando os Lupaka se insurgiram, Tupa Yupanki marchou contra eles, desafiou-os e se apoderou de seu chefe, que foi levado em cativeiro para Cuzco. Deixou, porém, à etnia pacificada mas acéfala a decisão de escolher um novo *kuraka*, conforme os costumes locais que regiam o preenchimento da chefia. Em compensação, os imperadores esforçaram-se por suscitar poderes regionais centralizados nas quatro etnias das cordilheiras, que muitas vezes se fragmentavam em uma multiplicidade de unidades sociopolíticas autônomas, fosse confiando a autoridade sobre seus pares a um pequeno *kuraka* local — como na região dos Chachapuya —, fosse colocando um de seus próprios dependentes à testa de numerosas pequenas chefias, como no baixo vale do Rimac, onde, no século XVI, um *yana* do soberano desempenhou a função de *kuraka* superior.

Em contrapartida às liberalidades imperiais, os *kuraka* deviam consentir em importantes limitações à soberania. No quadro da paz inca, não podiam mais lançar-se a guerras incessantes, como as que outrora opunham chefias vizinhas. Antigos autores relatam que eles perderam, com o direito de fazer a guerra, também o de punir os delinquentes com pena de morte, que somente o imperador tinha o direito de determinar. Não é certo, porém, que os *kuraka* tivessem detido esse direito em suas chefias, ou que tenham aplicado uma justiça de caráter mais repressivo do que jurídico antes de perderem sua independência. Muito mais que a perda de suas antigas prerrogativas, uma lenta e irresistível erosão das bases de seu poder local, que se manifestava pela redução do número de seus súditos — resultante de deslocamentos populacionais cada vez mais significativos —, parecia condená-los a esse fim. Certamente, Wayna Kapaq confiou elevadas funções administrativas a numerosos *kuraka*. Mas essa tentativa de aliciamento parecia-lhes ainda pior, pois as vantagens que obtinham com sua integração à burocracia imperial não compensavam, sem dúvida, aquelas a que estavam sendo pouco a pouco levados a renunciar. É mais ou menos a conclusão que sugere a atitude pró-européia que os *kuraka* adotaram durante a crise que se iria desencadear sobre o Tawantinsuyu.

3. A sede do poder

O poder imperial, que na origem estava inscrito em um contexto étnico preciso, inseria-se igualmente em um quadro geográfico determinado. Tinha por sede a cidade de Cuzco, onde a tribo inca se estabelecera ao fim de sua saga, e à qual estava ligada por vários laços muito fortes.

Durante longo tempo, Cuzco não foi senão uma aglomeração de cabanas indistintamente agrupadas ao redor do santuário rústico onde fora colocada a imagem do Sol. Mas Pachakuti transformou essa pequena aldeia em sua vasta cidade cosmopolita que compreendia, em seu apogeu, talvez mais de 60 mil habitantes. Ao descobri-la, em 1533, os espanhóis ficaram impressionados com suas dimensões, com o plano harmonioso que presidia à distribuição de seus quarteirões, com a aparência de seus edifícios e com a riqueza de sua decoração. Sancho de La Hoz julgou-a “digna de ser vista na Espanha”. “Ela está repleta de palácios senhoriais, pois nela não vive qualquer pessoa pobre. Cada senhor ali constrói a sua casa, mesmo não tendo que residir nela permanentemente. A maioria dessas habitações é feita de pedras, outras têm a metade de sua fachada desse material. Há também muitas casas de tijolos, e elas estão dispostas em boa ordem, ao longo de ruas entrecruzadas regularmente, muito estreitas, todas pavimentadas, e sulcadas no meio por uma calha de pedra. O único defeito dessas ruas é serem estreitas, pois de cada lado da calha há lugar somente para um cavaleiro. Essa cidade está situada na encosta de uma montanha, estendendo-se até a planície. A praça, quase inteiramente plana, é quadrada e pavimentada. Em torno dela há quatro casas que são as principais da cidade: estas são pintadas e construídas em pedras entalhadas.”

A cidade era encimada pela imponente fortaleza de Sacsahuaman. Essa cidadela compreendia diversos arsenais e casernas, bem como uma torre monumental de quatro ou cinco níveis que repousava sobre uma base quadrada. Fora planejada para que 5 mil guerreiros nela pudessem facilmente manter-se em guarnição e rechaçar um cerco. Sancho de La Hoz, que a viu antes de ser destruída, escreve que era a coisa mais bela que se poderia admirar no país. “As rampas são feitas de pedras tão grandes que ninguém poderia imaginar, ao vê-las, que tivessem sido colocadas nesse lugar pela mão do homem, são tão grandes quanto pedaços de montanha ou de rochedos, e algumas têm 30 palmos de altura, outras 25, e outras 15, mas não há qualquer uma que seja suficientemente pequena para ser transportada em três carroças.” Com efeito, a fortaleza era defendida, do lado oposto da vila, por três muralhas sucessivas, com ângulos reentrantes e salientes, que se elevavam sobre terraços superpostos. Essas muralhas eram formadas por blocos megalíticos numa construção ciclópica, alguns dos quais mediam até 4m de altura. Tupa Yupanki, que ordenou sua construção, mobilizou para essa tarefa perto de 30 mil súditos durante vários

anos.

No entanto, o edifício mais notável da cidade, e o mais venerável de todo o Império, era o Templo do Sol ou Qorikancha, que os imperadores não cessaram de embelezar e enriquecer ao longo de seus reinados, segundo Cieza de León, era uma vasta muralha retangular de 400 passos de perímetro, construída em pedras secas, perfeitamente entalhadas e ajustadas umas às outras sem outro cimento além do betume. À meia altura da muralha passava uma cornija de ouro de quatro palmos de largura. As portas, inteiramente revestidas de ouro, abriam-se para um jardim coberto de fragmentos de ouro fino e plantado com um milho cujo caule, folhas e espigas eram igualmente de ouro. Em meio a essa vegetação artificial, passavam umas 20 lhamas de ouro em tamanho natural. No interior do jardim se elevavam quatro santuários, cujos muros eram externa e internamente recobertos de placas do metal precioso. Os mais espaçosos continham a imagem da divindade solar ornada de uma quantidade de pedrarias de que os espanhóis jamais puderam apoderar-se. Próximo dela, com o rosto voltado para a cidade que protegiam, mantinham-se alinhadas as estátuas dos imperadores mortos. Elas eram feitas de argila, mas com as vestimentas, os ornamentos e mesmo os cabelos e as unhas dos soberanos que representavam. Os três outros santuários eram consagrados à Lua (Killa), ao raio (Illapa) e ao arco-íris (Amarru).

O plano de Cuzco assemelhava-se, *grosso modo*, ao aspecto de um puma, do qual a fortaleza de Sacsahuaman seria a cabeça, e a confluência dos dois rios que atravessam a cidade formaria a cauda. O corpo da cidade propriamente dito organizava-se em torno da Qorikancha. Compreendia os palácios nos quais as *panaka* conservavam cuidadosamente as múmias dos antigos imperadores dos quais descendiam, assim como as casas dos membros das linhagens imperiais que constituíam a corte do soberano reinante. Essa zona central era reservada unicamente aos Incas, e ninguém mais além deles podia ali se instalar. Uma linha imaginária a dividia em metades territoriais e sociais, separando a cidade alta, Hanan Cuzco, da cidade baixa, Hurin Cuzco. Tal divisão era muito antiga. Talvez tivesse servido outrora para regular as relações matrimoniais e operar a distinção entre cônjuges permitidos e cônjuges proibidos, como ainda ocorre atualmente entre numerosas tribos da América. No interior da confederação cuzquenha, ela regulara as relações entre as etnias indígenas e a etnia heteróctone inca, que lhes era subordinada. Muito depois de Inka Roka ter unificado Hanan e Hurin sob sua autoridade, os habitantes do alto e do baixo continuaram a se opor entre si vigorosamente em função desse sistema dualista que Pachakuti deveria, aliás, remanejar.

Em torno do centro urbano, estendia-se uma zona periférica reservada aos provincianos, aos estrangeiros — enfim, a todos os súditos do Império que não pertencessem à etnia dominante. Era dividida, da mesma maneira que o

Tawantinsuyu, em quatro seções. Cada etnia tinha seu bairro na seção dessa zona periférica correspondente à seção do Império em que estava situada. Sua *waka* era ali guardada em um santuário. Seu *kuraka* também possuía ali uma residência que ocupava quando visitava o soberano, e que deixava ou com os servidores ligados ao seu serviço ou com o herdeiro presuntivo de sua chefia, mantido permanentemente na Corte imperial. O bairro das etnias que os Incas primeiro haviam feito migrar ficava próximo do centro urbano. Em contraste, o das etnias que haviam sido subjugadas mais tardiamente ocupava uma posição excêntrica. Cuzco era uma espécie de microcosmo em que se refletia o Império, e do qual ele formava a cabeça. As estruturas urbanas reproduziam exatamente a organização do Tawantinsuyu, e mesmo a história de sua expansão.

Capital política, Cuzco era também metrópole religiosa, devido ao caráter sagrado do poder que sediava. A vida de seus habitantes — uma multidão fervilhante, singularmente mesclada e extremamente fracionada pela diversidade de raças, culturas e línguas — era ritmada pelas grandes festas que assinalavam, de um mês lunar a outro, o calendário ritual. A cada mês do ano, com efeito, correspondia uma festa oficiada pelo imperador, cercado de dignitários de Estado. As *panaka* tiravam então de seus palácios as múmias de seus fundadores e as conduziam em liteiras através da cidade, celebrando suas virtudes, cantando em seu louvor e evocando com brilho os grandes feitos de seu reinado. O povo, que recebia alimentos e bebidas em abundância, associava-se ruidosamente a todas as cerimônias.

A mais importante das festas era a que se celebrava em honra ao Sol (Inti raymin). Ela ocorria anualmente na época do solstício de verão. O imperador, que era considerado responsável por seu sucesso, preparava-se para ela com longo tempo de antecedência, abstendo-se de todo alimento salgado ou apimentado, assim como de toda relação sexual. Antes do nascer do dia, ele chegava à praça principal, já invadida pelas *panaka* e pela população da cidade, e logo que apareciam os primeiros clarões da aurora fazia ao astro nascente uma libação de cerveja de milho em um vaso de ouro. Lhamas cuidadosamente escolhidas eram oferecidas em sacrifício. Os sacerdotes as degolavam e em seguida as colocavam sobre uma fogueira a que ateavam fogo com uma estopa de algodão sobre a qual um espelho côncavo concentrava os raios solares. O fogo que o próprio Inti ateava à fogueira era transferido e conservado em umalareira situada no interior do Templo do Sol que os sacerdotes dia e noite alimentavam, durante todo o ano.

Se o nome de *qusqu ou qusqo* não significa “umbigo”, como afirmam certos autores antigos, então, a cidade que o levava não era tampouco o centro do universo do qual representava fielmente a imagem. Era o lugar a partir do qual o imperador ordenava o caos para transformá-lo em cosmo. Desse cosmo, ele era

o eixo e também a alma. Por meio dele se comunicavam os três planos da criação: o plano supraterrrestre dos deuses, o plano terrestre dos homens e o plano infraterrestre dos mortos. Com efeito, era em Cuzco que os deuses se manifestavam à humanidade, por intermédio do imperador. Era lá que o sol se tornava visível através de seu filho eleito. Além disso, segundo a lenda, Cuzco fora fundada no local onde o balão de ouro que Manko Kapaq lançara do cume do Wanakawri se fixara no solo. Esse rito é ainda hoje praticado nos Andes centrais, com ajuda de uma faca ou de uma lança, para indicar os lugares propícios aos sacrifícios e profecias. Ele serve para determinar os *ushnu*, isto é, os sítios privilegiados onde os deuses e ancestrais divinizados consentem em ser evocados. *Ushnu* por excelência, Cuzco era a cidade dos oráculos. Sua sacralidade contagiava todos os que a habitavam ou que dela se aproximavam, a ponto de, caso duas pessoas de igual nível se cruzassem nos caminhos do Império, a que viesse de Cuzco esperava até ser saudada por aquela que para lá se dirigia, visto que, de certa maneira, a primeira participava da santidade da cidade.

Cuzco alcançou o apogeu sob o reinado de Tupa Yupanki, pois no século XVI não era mais, de fato, o centro diretor do Tawantinsuyu. O último imperador, Wayna Kapaq, deixou Cuzco para estabelecer sua Corte no norte, em Tumipampa, onde havia nascido. Tumipampa, sobre cujas ruínas os espanhóis deviam edificar mais tarde a cidade de Cuenca, no Equador, estava situado no território da etnia Kañarr, recentemente incorporada ao conjunto do Império. Encontrava-se no limite do distrito militar setentrional, onde uma constante agitação imobilizava a maior parte do exército imperial. A transferência do poder para essa região conturbada respondia, em primeiro lugar, a uma exigência estratégica, pois dava ao soberano a possibilidade de submeter a uma fiscalização maior as chefias mais turbulentas de seus Estados. Mas também correspondia à necessidade política — talvez ainda mais imperiosa — de subtrair o imperador das pressões tradicionais das *panaka* cuzquenhas, e, de maneira geral, da influência atuante dos Incas. Mais que seus predecessores, Wayna Kapaq sentia a necessidade de cortar o elo que o ligava a Cuzco, a fim de aparecer, não mais como o chefe de uma etnia privilegiada, mas como o soberano de todos os povos do Tawantinsuyu, iguais em direitos diante dele. O abandono e a decapitação da velha metrópole do sul estavam inscritos na evolução das funções imperiais que levava pouco a pouco o imperador a se despojar de seus atributos étnicos.

A construção de Tumipampa foi cercada de grandes precauções rituais. O plano da nova cidade, com seu Templo do Sol, seu palácio e seus mosteiros, seus entrepostos e suas casernas, foi exatamente traçado segundo o modelo de Cuzco. Mesmo as pedras de fundação dos edifícios foram transportadas por carretas desde a velha cidade, distante, contudo, quase 2 mil quilômetros. Tumipampa — povoada de *kuraka* do norte, mais da metade bárbaros; de *sinchi*

recrutados nas chefias do distrito militar; de homens do povo subitamente promovidos pelo soberano a altas funções; e de uma multidão de servidores e de *yana* — jamais pôde igualar-se a Cuzco. Em Cuzco, Wayna Kapaq recebeu a *maskapaicha*. Iguamente para Cuzco foi levado e sepultado o seu cadáver. Por outro lado, Tumipampa não pretendia eclipsar sua rival, pois, sob o último reinado, nenhuma cidade poderia jamais ser o que Cuzco fora no passado: a pessoa do imperador tornara-se a verdadeira sede do poder imperial e o único centro do Império.

CAPÍTULO V. AS ARTES E OS SABERES

O poder imperial justificava-se pela civilização que pretendia levar aos povos que lhe eram subjugados. Não se pode desconhecer atualmente que essa pretensão estava longe de ser consistentemente mantida. Com efeito, a civilização inca influenciou debilmente a maioria das culturas andinas, cujo desenvolvimento bloqueou, sem dúvida, sem contudo modificar-lhe profundamente a tradição. Ela não marcou senão as tribos próximas de Cuzco e os chefes das etnias constitutivas do Império, cuja população, em seu conjunto, continuou a viver segundo os antigos costumes. Aliás, essa civilização, mesmo depois de enriquecida pela contribuição cultural dos Chimú, permaneceu à imagem de seu ambiente. Rude, mais que austera: assim se apresentava ela através de suas obras, como também do ponto de vista de muitas que a haviam precedido nos Andes.

Os Incas, como se sabe, inovaram pouco. Eles recolheram a herança de um longo passado durante o qual foram inventadas, experimentadas e às vezes levadas à mais perfeita expressão as técnicas que eles desenvolveriam intensamente. Mais do que aquilo que eles acrescentaram a essa herança, sua originalidade decorre dos empréstimos seletivos que fizeram e da maneira pela qual os empregaram e agenciaram.

I. A literatura, a música e a dança

Diversamente dos Astecas, que lhes foram contemporâneos, os Incas não parecem ter tido escrita. Fizeram-se numerosas tentativas de provar que os desenhos que ornamentam os tecidos cuzquenhos são na verdade pictogramas ou ideogramas, mas nenhuma delas chegou a resultados convincentes. Quanto à afirmação de Montesinos, segundo a qual as populações andinas teriam possuído um sistema de escrita que teria sido esquecido depois que os Incas interditaram o seu uso, o mínimo que se pode dizer é que lhe falta seriedade. Não se pode absolutamente imaginar que o emprego de um instrumento de comunicação tão importante quanto a escrita pudesse perder-se sob o reinado dos soberanos de Cuzco, ou que estes se tenham condenado deliberadamente a depender da memória dos *chaski* para transmitir suas ordens às províncias do Império.

A literatura inca, portanto, jamais foi fixada. Alguns mitos de origem, vários relatos que evocam fatos e gestos de sucessivos imperadores e que foram mais ou menos fielmente transcritos pelos compiladores europeus: eis quase tudo que

restou. A transmissão oral tornava essa literatura particularmente vulnerável às pressões da sociedade colonial. Mas, sob uma forma sem dúvida empobrecida, ela se perpetuou clandestinamente até bem além da Conquista. Certamente, contribuiu com uma fração difícil de calcular para essa efêmera e curiosa floração das letras hispano-kechwa do século XVIII, caracterizada pelo longo poema *Apu Inka Ataw Wallpaman* e pelo grande drama *Ollantay*, cujos personagens, tomados da história inca, exprimem sentimentos europeus em língua nativa.

Os depositários da tradição e dos relatos semilegendários que constituíam os anais do passado inca eram os *amawta*. Como registra Cieza de León, cada imperador cercava-se de certo número de especialistas, ao mesmo tempo músicos, poetas e feiticeiros, para que celebrassem sua grandeza, conservando-lhe a memória. Quando morria o soberano, os *amawta* “determinavam se ele tinha sido bastante bem-sucedido em seus empreendimentos para merecer figurar na história, e suficientemente corajoso no combate e bondoso com os povos, para que seu nome permanecesse eternamente entre os homens”. De acordo com a descendência do defunto, eles expurgavam todos os fatos que pudessem empalidecer o brilho do reinado que acabava de se encerrar. Depois, registravam seus feitos em espécies de epopéias ou de canções de gesta, que cantavam em diversas ocasiões. Cieza acrescenta que aqueles que tinham a função de elaborar a história oficial e de conservar sua ortodoxia eram altamente valorizados, e que as linhagens imperiais a serviço das quais estavam colocados mantinham-nos faustosamente.

Os *amawta*, cujo saber se transmitia de geração em geração no seio de certas famílias, forneceram a muitos autores antigos a matéria-prima das crônicas que estes deixaram. Não é surpreendente, portanto, que estas apresentem diferenças sensíveis e às vezes contradições flagrantes, pois as epopéias incas tendiam muito menos a glorificar o Império, revelando a continuidade de ação entre os soberanos, do que celebrar os imperadores, acusando a descontinuidade de seus reinados. Elas desenvolviam, não uma, mas várias histórias militantes, que correspondiam a igual número de linhagens imperiais, e que manifestavam o prestígio que, em nome de seus fundadores, as *panaka* reivindicavam concorrentemente. Refletiam, assim, a fragmentação da consciência histórica entre os grupos de descendência rivais e a precariedade de consenso sobre o passado que se estabelecia no seio da elite.

A literatura de caráter histórico duplicava-se em uma literatura religiosa, cujo desenvolvimento seria brutalmente interrompido pelos missionários espanhóis encarregados de destruir todas as manifestações dos cultos autóctones. Cristobal de Molina registrou, contudo, na sua *Relación des fables et rites des Incas*, um certo número de hinos e preces que os sacerdotes de Cuzco dirigiam às

divindades, nos quais se mesclavam preocupações morais e cuidados materiais. Citaremos aqui um hino dedicado ao deus Wiraqocha:

Ó Criador,

Bem-aventurado criador, sê misericordioso;

Tem piedade dos homens, de teus homens e servidores

Que tu fizeste e a quem disseste para ser.

Tem piedade deles;

Que permaneçam sempre sãos e salvos

Com seus filhos e toda a sua descendência;

Que percorram o caminho reto sem pensar no mal;

Que vivam longo tempo, e jamais morram jovens;

Que comam e vivam em paz.

Uma língua assim tão rica e suave como o kechwa prestava-se admiravelmente a expressões poéticas com todas as nuances de sentimentos. A poesia, e em particular a poesia amorosa e elegíaca, era um gênero muito praticado e altamente apreciado. O poeta evocava, em textos curtos, a solidão do amante na ausência do ser amado, o tormento do homem que ama sem esperança, a nostalgia do tempo que passa, a inflexibilidade do destino. Sentindo o seu fim próximo, o grande Pachakuti teria composto estes versos plenos de uma resignação estóica:

Eu nasci tal qual a flor em um jardim.

Foi assim que cresci.

Depois veio a idade e envelheci,

E, quando tive que morrer, feneci

E morri.

Como as epopéias e os hinos religiosos, as odes e elegias eram freqüentemente cantadas na escala pentatônica que ainda hoje caracteriza a música andina. O canto era acompanhado por instrumentos de sopro e às vezes ritmado pelo soar de chocalhos, batimentos de tambor e sons de conchas marinhas. Os mais notáveis dos instrumentos de sopro eram as flautas. Algumas delas, como os pequenos *pinkullu* entalhados em osso, ou as longas *kena* fabricadas com bambu, compreendiam um só tubo perfurado de numerosos orifícios. Outras assemelhavam-se à flauta de Pã, possuindo numerosos tubos que podiam ser modelados em argila ou mesmo esculpidos em pedra. Nenhum

instrumento de cordas, ao que parece, era conhecido nos Andes antes do século XVI.

O termo *kechwa taki*, que designa a um só tempo a dança e o canto ao ritmo do qual esta se realiza, sublinha a união íntima que existia entre a literatura, a música e a expressão corporal. As danças mais comuns eram o *arawi* e sobretudo o *wayno*, que, sem dúvida sob formas acentuadamente modificadas, se difundiu em todo o Peru contemporâneo. Waman Puma menciona ainda outras: o *llamaya*, dança de pastores; o *harawayo*, dança dos agricultores; o *kachiwa*, dança da alegria; o *haylli arawi*, dança da vitória após os combates. Ele acrescenta que, “quando não eram acompanhadas de bebedeiras, se poderia dizer que representavam a expressão da mais perfeita felicidade”. De fato, essas danças inscreviam-se no quadro de cerimônias rituais durante as quais os dançarinos, vestidos de fantasias com guizos, consumiam a cerveja em abundância para chegar a um estado de transe místico. Em Huarochiri, as danças que tinham lugar no momento da sementeira, para propiciar a fertilidade do solo, possuíam um incontestável aspecto orgíaco.

2. A astronomia e as matemáticas

Os Incas, que ignoravam a escrita, não podiam registrar em textos o fruto de sua observação do movimento dos astros como o fizeram tão minuciosamente os antigos Mexicanos. Não deixaram qualquer documento semelhante aos calendários mesoamericanos, que permitiria hoje avaliar a extensão e a precisão do saber que, a partir de tal observação, eles haviam elaborado no domínio do cômputo do tempo. Entretanto, como em todas as sociedades agrárias, a astronomia não era um saber negligenciado nos Andes. Sabe-se que o ano inca correspondia ao ano solar. Segundo Molino, ele começava na época do solstício de verão, isto é, no curso do mês de junho. Outros cronistas, porém, afirmam que ele se iniciava em dezembro, com o solstício de inverno. Era dividido em 12 meses lunares, cujos nomes — sobre os quais, aliás, os autores antigos não mantêm maior acordo tampouco — teriam sido fixados por Mayta Kapaq, quarto soberano de Cuzco. Cada mês comportava uma série de atividades rituais que tinham lugar na capital e uma série de atividades econômicas que se desenvolviam nas províncias.

Mês

Princípios
Atividades

GREGORIANO INCA

Rituais Agrários

Dezembro

Raymi

Warac
rito de
passag
dos
adoles

Janeiro

Kamay

Fevereiro

Qatun
pukuy

Março

Pacha
pukuy

Abril

Ariwakis

Maio

Qatun
kuski

Colhei

Intip

Junho	Awkay kuski	<i>raymin</i> festa da divindade solar
Julho	Chawa warkis	
Agosto	Yapakis	Semeadura <i>Sitwa</i> , de exploração das desonras das do
Setembro	Koya raymi	
Outubro	Uma raymi	
Novembro	Ayamarka	

(Segundo Polo de Ondegardo, Cabello Valboa e Murúa.)

O ano solar, entretanto, não coincidia exatamente com o ciclo dos 12 meses lunares. Ele conta, com efeito, 10,9 dias a mais que o ano lunar. Ora, como cada ano lunar estava associado a cerimônias rituais e sobretudo a trabalhos agrícolas, como a semeadura e a colheita, essa diferença, crescente de ano para ano, devia ser periodicamente reabsorvida. Para isso, era necessário repartir os dias excedentes entre os diferentes meses, acrescentá-los ao 12º mês lunar, ou reuni-los em um terceiro mês colocado ao fim do terceiro ano lunar. Ignora-se qual dessas soluções — nenhuma das quais é inteiramente satisfatória — foi definitivamente adotada. Sabe-se, porém, que o problema da concordância entre o tempo solar e o lunar preocupou seriamente as autoridades do Império. As tentativas que Wiraqocha Inka realizou para restabelecer essa concordância valeram-lhe ser lembrado na história como o verdadeiro inventor do calendário. Mas elas não foram certamente coroadas de sucesso duradouro, pois o imperador seguinte, Pachakuti, a quem se atribui a mesma invenção, teve que repeti-las. Pachakuti teria feito edificar 12 torres a leste de sua capital para marcar o lugar exato onde o sol se elevava ao início de cada mês, e tornar assim evidente a correspondência entre os dois sistemas de cômputo.

Não parece que o calendário tenha tido entre os Incas uma função divinatória tão significativa como entre os Maias, por exemplo, onde ele indicava os dias de sorte e os dias nefastos, e servia para predizer os destinos individuais e coletivos. Contudo, entre a astronomia e a astrologia, a fronteira permanecia vaga. Os corpos celestes exerciam uma influência sobre os homens, e seus movimentos possuíam um significado premonitório. A posição da lua no céu anunciava a chuva fertilizante ou a estiagem causadora de escassez. Suas fases abriam períodos favoráveis a certas atividades e desfavoráveis a outras. A passagem dos cometas pressagiava epidemias, fomes ou guerras. Os eclipses eram particularmente temidos, pois constituíam uma ameaça a toda a humanidade. A astrologia respondia antes de tudo às inquietações das coletividades agropastoris e às preocupações de seus habitantes. Os responsáveis pelo Estado, que dispunham de outros meios de ação para influir no sobrenatural, não parecem tê-lo empregado como técnica de governo.

Os cálculos necessários ao desenvolvimento da astronomia e à determinação de um calendário faziam-se à base de um sistema numérico decimal. As operações eram facilitadas pela invenção de uma espécie de ábaco, do qual fala Cobo, e que Wama Puma representa em um de seus desenhos primitivos. O ábaco inca compreendia cinco fileiras de quatro casas, entre as quais se distribuía séries de um a cinco grãos de milho. Os resultados obtidos eram registrados sobre os *Kipu*, cuja grande importância para os recenseamentos populacionais, regularmente praticados por um Estado que se apoiava em um sistema de corvéias, já comentamos.

O *Kipu* era constituído por um cordão medindo alguns centímetros a mais que um metro de comprimento. Desse cordão pendiam diversos cordõezinhos com nós, torções e cores variadas. Cada cordãozinho assim singularizado correspondia a objetos de mesma natureza, enquanto os nós que ele compreendia exprimiam o valor numérico desses objetos. Um nó simples representava o número 1. Nós cada vez mais grossos representavam os números de 2 a 9. O conceito de zero era subentendido. Segundo os nós se situassem na parte inferior, média ou superior do cordãozinho, o número que eles representavam equivaliam a unidades, dezenas, centenas ou milhares — ordem de múltiplos em que se escalonavam os números marcados sobre os *Kipu*.

É evidente que um *Kipu* não era inteligível senão para o *kipukamayoq* que o fizera, ou para aquele a quem o *kipukamayoq* houvesse transmitido oralmente o significado que atribuíra a cada um dos cordõezinhos. Para interpretá-lo, era preciso conhecer o sentido convencional das torções e das cores que os especialistas jamais chegaram a normalizar, ao que parece. Instrumento mnemônico engenhoso, o *Kipu* não pode, de forma alguma, ser comparado a um livro de contabilidade, cuja leitura se faz em si mesma.

3. A arquitetura e o urbanismo

Das mais célebres realizações da arte monumental dos Incas que conferiam a Cuzco um incomparável esplendor e faziam a glória do Império, nada mais resta atualmente do que algumas pedras engastadas nos muros de casas andaluzas. Essa arte monumental inscreve-se na tradição arquitetônica das terras altas andinas que se iniciou em Kotos, em meados do II milênio, para se desenvolver na época Chavin e chegar ao apogeu na época Tiahuanaco. A tradição das terras altas caracteriza-se pelo emprego da pedra, e por esse elemento se distingue da tradição do litoral, que utiliza exclusivamente o tijolo de terra seca ao sol (adobe) como material de construção.

Templos e palácios eram geralmente construídos sobre um único nível, a partir de uma base retangular. Antes do início da construção, o arquiteto realizava a maquete que servia para orientar os trabalhadores. As pedreiras vizinhas forneciam a rocha, particularmente a andesita, que era talhada por meio de instrumentos de cobre ou de bronze e depois cuidadosamente polida com areia úmida. Às vezes a construção dos muros era feita de blocos poligonais irregulares que se ajustavam tão perfeitamente uns aos outros como as células de um tecido orgânico, de tal modo que não se podia introduzir sequer uma agulha em sua junção. Às vezes eram formados de blocos retangulares dispostos em assentamentos regulares, cuja face externa, ligeiramente abaulada, apresentava o aspecto de uma almofada. Esses dois tipos de construção, em que não se

empregava cimento algum, parecem ter surgido, em épocas diferentes. Na realidade, são contemporâneos e se encontram combinados em numerosas estruturas.

Os edifícios eram recobertos por um simples teto de palha. Quando as dimensões a isso se prestavam, substituíam-se esse teto por uma falsa abóbada de pedra, cuja técnica fora provavelmente copiada dos povos do altiplano, construtores de torres funerárias redondas denominadas *chullpa*. A falsa abóbada era conhecida há muito tempo, não só na Bolívia, mas também no norte do Peru, no interior do Callejón de Huaylas.

A principal característica da arquitetura inca é a forma trapezoidal dada às aberturas, cuja verga, mais estreita que a base, repousa sobre braços oblíquos e convergentes. Todavia, nem essas aberturas alongadas, nem as falsas janelas ou os nichos alinhados em alturas diferentes do muro foram suficientes para anular a impressão pesada que transmitem esses monumentos, indiscutivelmente majestosos, porém maciços, com linhas horizontais fortemente pronunciadas. Às vezes algumas figuras de serpente, lhama ou puma, talhadas no enquadramento das portas, vêm atenuar a severidade das fachadas. Mas as decorações em relevo que ornamentam as construções Chavin, assim como as estátuas monumentais que se integram aos complexos arquitetônicos Tiahuanaco, estão ausentes. Arquitetura e escultura, harmoniosamente aliadas em épocas anteriores, foram dissociadas pelos Incas, que aliás não foram grandes escultores.

As fortalezas de Sacsahuaman, em Cuzco, e de Ollantaytambo, no alto vale do Urubamba, constituem os mais belos exemplos de construção militar. O *pukura* (praça-forte) de Ollantaytambo é cercado por duas muralhas sucessivas que, como a tríplice rampa de Sacsahuaman, são formadas de blocos megalíticos em construção ciclópica. Os edifícios prendem-se ao flanco de uma colina natural dominada por uma torre imensa. Ao pé da colina estendia-se uma aglomeração da qual não restam senão os alicerces. As casas dessa aglomeração, e principalmente as de Machu Picchu, mantidas em bom estado de conservação pela floresta sob a qual ficaram soterradas até o início deste século, demonstram o estilo da construção civil. A planta quadrangular, em função da qual se ordenavam, as distinguia da habitação familiar de base circular que parece ter prevalecido na maior parte dos Andes, sobretudo no centro e no norte das terras altas. Suas paredes eram construídas em tijolos secos ou pedras brutas unidas com terra. Ela sustentavam um telhado cujas águas formavam um ângulo muito agudo. A porta em trapézio, que freqüentemente constituía a única entrada da casa, era vedada por uma cortina de pele, palha ou bambu. Diversamente, porém, da arquitetura monumental de fins cerimoniais ou militares, a arquitetura civil dos Incas não se difundiu nas províncias do Império.

Grandes arquitetos, os Incas foram também grandes construtores de cidades que aceleraram fortemente — embora em graus variáveis, segundo as regiões — o movimento geral de urbanização desencadeado nos Andes na época de Tiahuanaco. Tumipampa, Cajamarca, Huánuco, Jauja, Huaytará, Vilcashuaman: são essas as principais aglomerações que edificaram no centro dos territórios conquistados. A maioria delas que antes eram centros administrativos, militares e cerimoniais, raramente ocupados por uma população numerosa e estável — não sobreviveu às guerras que acompanharam e sucederam a invasão européia. Tumipampa, a capital de Wayna Kapaq, foi completamente arrasada. Cajamarca não conservou senão o “Cuarto dei Rescate”, no qual Pizarro teria recebido o resgate de Ataw Wallpa. Huánuco e Vilcashuaman, que não foram ocupadas pelos espanhóis, foram mais bem preservadas de uma destruição quase sistemática, apesar de os indígenas das imediações não terem cessado, durante quatro séculos, de extrair delas as pedras necessárias à construção de suas casas. Vilcashuaman, que está situada na região de Ayacucho, possui uma curiosa estrutura piramidal em degraus, no cume da qual se encontra um assento de pedra que teria sido revestido por folhas de ouro.

Decididamente, o aglomerado provinciano inca mais bem conservado é o de Tambo Colorado, no baixo vale de Pisco. Seus edifícios em pedra, tal como aqueles que foram construídos no grande centro religioso de Pachacamac à mesma época, revelam que com os Incas a tradição arquitetônica das terras altas se difundiu à planície, onde tendeu a substituir a arquitetura de adobe. Apesar de serem numerosos no norte e no centro das cordilheiras, os conjuntos urbanos de estilo cuzquenho são muito mais raros tanto no Peru litorâneo quanto na Bolívia. Teria sido porque nessas duas vagas regiões de seu Império, os Incas teriam aproveitado cidades que já estavam em atividade? Ou seria mais correto pensar que sua atuação política no território do Estado Chimú e das grandes chefias aymara fosse mais fraca que em outros lugares? Dessas duas hipóteses, a segunda parece a mais provável. Pelo menos coincide com o fato de que, ao longo de toda a estrada litorânea que os espanhóis percorreram em 1532, eles não encontraram qualquer guarnição imperial, nem mesmo um único funcionário do poder central.

4. A cerâmica e a tecelagem

Com a cerâmica inca, completa-se a longa seqüência dessa arte andina, cuja abundante e variada produção se iniciou no curso do II milênio.

A ausência de torno obrigava o ceramista a uma tosca forma cilíndrica que girava em torno de si mesma para formar as faces da peça que se desejava obter. Com certeza, a invenção do torno na costa setentrional, no início de nossa

era, tornava possível a produção em série. A ele se deve especialmente essa cerâmica antropomorfa e zoomorfa, de um realismo impressionante, na qual os artesãos de Mochica revelaram extraordinárias qualidades plásticas. A técnica da modelagem, porém, jamais eliminou completamente a do enrolar, a única que permitia confeccionar peças maiores, tais como os vasos de estocagem.

Uma vez modelado, o vaso era decorado com relevos, gravuras ou estampas, com ou sem pintura. Às vezes era simplesmente pintado. Os vasos de cerâmica de Nasca, cujos lados eram ornados de representações de animais monstruosos muito estilizados, em sete ou oito cores, atestam o notável desenvolvimento da policromia na costa meridional do Peru. As peças eram em seguida cozidas no forno, fosse pelo processo de oxidação, fosse pelo de redução. No primeiro caso, eram expostas a um fogo intenso submetido a uma forte corrente de ar. Obtinha-se um vasilhame muito duro, nos tons claros de marrom, vermelho ou creme que são próprias do estilo Mochica. No segundo caso, eram colocadas em forno de baixa temperatura onde o oxigênio entrava em quantidade limitada. O vasilhame tornava-se negro e apresentava o aspecto brilhante que singulariza o estilo Chimú.

As tigelas, os pratos fundos, os vasos de faces ligeiramente convexas e sobretudo as garrafas esferóides com dois escoadouros ligados por uma alça plana, ou com um estribo formado por dois dutos tubulares unidos por um gargalo, são as peças mais representativas da produção cerâmica andina. Os Incas extraíram desses modelos, às vezes muito antigos, as formas que deviam valorizar, depois que Tupa Yupanki atraíra para Cuzco os artesãos de Chimú a fim de que estes renovassem a arte da cerâmica no coração mesmo de seu Império. Mas a forma que eles criaram — e que representou uma singular inovação plástica em toda a região dos Andes — foi uma espécie de pequena jarra de gargalo longo e estreito e de fundo cônico ou achatado, guarnecida de duas alças laterais, que evoca o aribalo grego, cujo nome lhe foi dado.

O vasilhame inca é geralmente muito fino, bem polido e harmonioso em suas proporções. Entretanto, não possuía a qualidade estética da cerâmica Mochica ou Nasca. Com efeito, sua decoração é quase sempre pobre, sem inspiração nem fantasia. Às vezes as peças são ornadas com cabeças de animais em relevo. Mais freqüentemente, porém, são apenas pintadas em preto e branco sobre fundo vermelho. As cores inscrevem-se em desenhos geométricos (quadrados, losangos, triângulos, “gregas”), dispostos em linhas horizontais e incansavelmente repetidos.

Considerada uma arte menor, a cerâmica reveste-se, no entanto, de importância capital para a arqueologia. Os cacos de cerâmica enterrados no solo são muitas vezes os únicos elementos de que dispõe o arqueólogo para definir uma cultura e delimitar a área de sua expansão. A análise estratigráfica dos

vestígios indica a ordem em que as culturas se sucederam em uma região, enquanto o estudo das seriações revela a influência exercida por esta ou aquela cultura sobre uma ou outra de suas vizinhas. Esses métodos, aplicados à cerâmica inca, vêm confirmar a fraca incidência cultural de Cuzco sobre as etnias andinas que lhe eram politicamente subjugadas. Abundante nas circunvizinhanças da capital imperial, essa cerâmica rareava no interior das províncias. Não é encontrada senão nas áreas das metrópoles regionais ocupadas por funcionários do Estado, nos locais dos *ayllu* constituídos por mitmaq de origem cuzquenha e, às vezes, nas habitações dos *kuraka*. Não somente deixou de influenciar os diferentes tipos regionais ou locais, que continuaram a ser produzidos segundo as tradições plásticas e estilísticas autônomas, como também não se difundiu em quantidade suficiente para representar uma percentagem significativa de toda a cerâmica em uso em quaisquer das regiões dos Andes, à exceção da notável e ainda inexplicada cerâmica do vale de Ica.

Mais antigo ainda que o artesanato da cerâmica, o da tecelagem conheceu um desenvolvimento igualmente espetacular. O algodão cultivado no litoral, a alpaca e a vicunha das terras altas forneciam a matéria-prima. As fibras eram primeiramente tingidas com corantes naturais à base dos quais os artesãos da costa meridional criaram uma gama de 190 coloridos. Em seguida, eram fiadas por meio de rocas e depois tecidas em diversos tipos de teares rudimentares. O tear mais comum, ainda hoje utilizado nos Andes, consistia em duas liças colocadas sobre um plano horizontal, uma das quais era fixada a uma árvore ou a um poste, enquanto a outra era presa a uma tira que o tecelão passava ao redor do corpo, na altura dos rins.

Os tecidos do Peru suscitaram, com muita justiça, o deslumbramento de todos os que os estudaram. Quase todas as técnicas conhecidas atualmente já eram utilizadas entre os antigos peruanos. Empregavam-se as mais simples para confeccionar as tangas e os ponchos usados pelos homens, assim como os xales (*liklla*) e as túnicas (*anaku*) amarradas à cintura por um cinto que constituíam a vestimenta feminina. Recorria-se às mais elaboradas, tais como o brocado, o bordado e a tapeçaria, para produzir tecidos destinados a fins cerimoniais, dentre os quais se destacam pela excepcional qualidade as peças saídas das oficinas de Paracas, na costa meridional. Esses notáveis tecidos — alguns dos quais têm mais de 20m de comprimento — são decorados com motivos animais tratados em policromia, demonstrando perfeita mestria a um gosto apurado. Eles marcam, sem qualquer dúvida, o apogeu da arte universal da tecelagem.

De todas essas técnicas, qual delas foi de uso mais desenvolvido entre os Incas? Para responder a essa pergunta, seria preciso dispor de uma amostra maior do que a que possuímos. Ora, as condições climáticas das terras altas, à diferença das do litoral, garantiram muito mal a conservação dos tecidos. Sabe-

se, entretanto, que a produção têxtil adquiriu nessa época um caráter maciço e que dos monastérios do Sol saíam quantidades enormes de todas as espécies de tecidos, em particular os famosos *chumpi* ou *kumpi*, de delicadeza e leveza incomparáveis. Sua decoração, porém, feita de elementos geométricos em duas ou três cores, era tão estereotipada como a da cerâmica. Parece, portanto, que os Incas julgavam a qualidade de um produto mais por critérios técnicos do que por critérios estéticos, o que não significa, todavia, que sua arte fosse puramente utilitária, como se tem freqüentemente afirmado.

5. A metalurgia

Se os Incas eram vistos como grandes aos olhos das populações sul-americanas que os cercavam, isso foi antes de tudo porque pareciam, aos olhos destes últimos, “mestres dos metais”. Eles ignoravam o uso do ferro, mas tinham adquirido grande experiência no trabalho do ouro, da prata e do cobre, que sabiam ligar ao estanho para obter o bronze. Utilizavam até mesmo a platina, que a Europa não chegou a conhecer senão bem mais tarde, por volta de 1730. Os objetos feitos com esses metais, transportados dos Andes até a Amazônia, o Chaco e mesmo os Pampas, levavam a todo continente sul-americano, ainda limitado a talhar ou polir a pedra, o testemunho de seu poderio.

Os Andes eram o mais importante centro metalúrgico da América pré-colombiana. Nascida verdadeiramente entre o Panamá e o Equador, na atual Colômbia, a metalurgia atingiu seu mais alto desenvolvimento no Peru. O artesanato do ouro difundiu-se a partir do extremo norte para a costa setentrional, de onde penetrou nas terras altas, desde antes do advento do cristianismo até a época Chavin. As pepitas de ouro, obtidas principalmente no leito dos rios, por aluvião, eram marteladas em finas lâminas e em seguida buriladas a frio em relevo. A essa técnica, denominada empurramento, acrescentou-se, na época Mochica, a da fusão no interior de fornos de madeira. Os fornos eram alimentados pelo ar, que neles penetrava por dois longos tubos soprados por muitas pessoas ou, mais simplesmente, pelo vento que varria as encostas sobre as quais eram normalmente construídos. A temperatura era suficiente para provocar a fusão dos minérios de prata, cobre e estanho, assim como para operar soldaduras e ligas diversas. Os minérios desses metais eram extraídos de filões de alto teor, tanto a céu aberto como em galerias curtas, perfuradas por meio de picaretas rudimentares feitas com galhadas de cervos.

As ligas mais usuais eram obtidas à base de ouro e cobre, de ouro e prata, de cobre e prata, de cobre e estanho, bem como de cobre, ouro e prata fundidos em proporções variáveis. Entretanto, a percentagem de estanho ligada ao cobre para produzir o bronze parece ter sido sempre inferior a 12%. Essa percentagem era

fraca demais para dar ao bronze uma dureza considerável. De fato, a liga freqüentemente resultava menos dura que o cobre temperado por martelagem a frio. Tal singularidade do bronze inca suscitou, por vezes, a dúvida de que fosse ele intencionalmente obtido.

O processo de, fabricação mais freqüentemente utilizado era o de cera perdida, que consistia em modelar na cera o objeto que se desejasse produzir. O modelo era em seguida recoberto por uma espessa camada de argila. Quando a argila tivesse endurecido, expunham-na ao calor do fogo. A cera, que se fundia e escorria através de um orifício feito no revestimento, era substituída por metal em fusão. Uma vez resfriado o metal, bastava quebrar a argila e retirar o objeto, cujas asperezas eram então polidas. Esse processo, conhecido por todos os metalúrgicos do Velho Mundo, não permitia a produção em série.

Os objetos de metal eram com freqüência incrustados de pedras preciosas ou semipreciosas. Às vezes eram coloridos com um ácido natural que escurecia o cobre ou lhe dissolia a superfície, fazendo assim sobressair o brilho do ouro ou da prata com que estivesse libado. Entretanto, apesar de seu notável desenvolvimento, o artesanato de metais conservou-se mais orientado para fins ornamentais do que utilitários. As oficinas produziam grandes placas trabalhadas que recobriam os muros dos templos e palácios, e que os espanhóis se apressaram em fundir em lingotes. Eles elaboravam, para o soberano, a corte imperial e os dignitários de Estado, ornamentos corporais como peitorais, braceletes, colares e brincos, que marcavam as diferenças de *status*. Confeccionavam também numerosos objetos rituais, dentre os quais figuram os famosos *tumi*, espécie de facas-machados, característicos da época inca.

A produção metalúrgica, porém, desenvolvia-se precariamente nas comunidades provinciais. À exceção do chicote, cuja ponta era às vezes em cobre, e dos bastões em estrela que também serviam de maças na guerra, os utensílios agrícolas foram sempre feitos em pedra. Cinzéis, facas e foices jamais deixaram de ser produzidos localmente pelo artesanato lítico, do qual o campesinato conservou uma tradição imemorial na maioria das regiões andinas, pelo menos até fins do século XVII.

CAPÍTULO VI. INVASÃO E Q UEDA

A morte de Wayna Kapaq, em 1528, abriu um novo interregno. Como de costume, as chefias rebelaram-se, o Império deslocou-se e o poder central ruiu, enquanto diversos candidatos à *maskapaicha* entravam em luta para restaurar em seu proveito o Tawantinsuyu. A história preparava-se para recomeçar. E se repetiria se um grupo de estrangeiros que iriam subjugar o mundo inca aos destinos da Europa não tivesse então desembarcado nas costas do Peru.

1. A invasão européia (1532-1536)

De fato, a luta pelo poder limitava-se aos dois filhos de Wayna Kapaq, Ataw Wallpa e Waskarr, que o imperador morto havia tido de duas esposas diferentes. Muito provavelmente nascido em Cuzco, Ataw Wallpa desfrutava de alta popularidade no norte, onde passara a infância e a adolescência. O poderoso exército do distrito militar acantonado ao redor de Quito, que ele freqüentemente acompanhara em combate e de cuja rude existência compartilhava com boa vontade, era-lhe inteiramente leal. Por outro lado, a nova elite engendrada pelo aparelho de Estado e recrutada nas províncias periféricas inclinava-se em seu favor. Como Wayna Kapaq, Ataw Wallpa gostava de cercar-se de *kuraka* recentemente ingressos na dependência do Império e de homens comuns que uma ação de destaque houvesse feito subir de nível. Ele devia, portanto, escolher numerosos de seus chefes de guerra nas etnias setentrionais, apenas fracamente influenciados pela cultura cuzquenha.

Por sua vez, Waskarr dispunha de sólido apoio no sul, entre as antigas chefias incaizadas, e no seio na etnia inca. Governador de Cuzco durante os dez últimos anos do reinado de seu pai, manipulava o descontentamento que suscitara, em todas as regiões meridionais, a transferência da sede do poder imperial para Tumipampa. O corpo sacerdotal da cidade, cuja importância fora deliberadamente reduzida por Wayna Kapaq, e os dignitários da tribo fundadora do Império, que o último soberano havia gradualmente destituído de consideráveis funções políticas, viam nele um instrumento de sua revanche contra o governo do norte. Entretanto, as *panaka* da velha nobreza cuzquenha, apesar de todo o desejo que tinham de retomar os privilégios, não aderiram unanimemente à sua causa. Pois, se Waskarr descendia de uma linhagem de Tupa Yupanki, que se classificava na metade *Hurin*, Ataw Wallpa pertencia, pelo lado materno, a uma *panaka* não menos prestigiada — a do grande Pachakuti, que ocupava posição eminente na metade oposta *Hanan*. Jogando com a filiação

materna e com as relações que esta lhe valia, o pretendente do norte devia atrair, contra as *panaka* coalizadas da metade de seu meio-irmão, as linhagens de sua própria metade.

A luta travada para conquistar o poder imperial em vacância não opunha, portanto, somente o norte ainda “bárbaro” ao sul do país, profundamente “civilizado”. Não punha em confronto unicamente as novas forças sociais diante dos grupos tradicionais em declínio junto com a estrutura tribal do Império. Exprimia também, no interior dessa estrutura arcaica — que repousava sobre o parentesco, a aliança e a descendência —, a antiga rivalidade entre as linhagens de *Hurin* e *Hanan*, o velho antagonismo das *panaka* do Baixo-Cuzco e do Alto-Cuzco.

Após três longos meses de expectativa que os dois adversários utilizaram para consolidar suas posições, Waskarr decidiu iniciar as hostilidades. Mandou executar alguns parentes de Ataw Wallpa a fim de intimidar os *Hanan* e lançou suas tropas contra o norte. A sorte das armas lhe foi por um momento favorável, pois os soldados de Cuzco chegaram até os limites de Quito. O exército do distrito marcial, porém, reorganizado por Ataw Wallpa e confiado a três brilhantes *sinchi* — Kiskis, Rumiñawi e Challkuchimaq —, logo reconquistou Tumipampa, apoderou-se de Cajamarca e se preparava para ocupar Jauja a partir do planalto de Bombom quando a notícia da aparição de indivíduos estranhos chegados do mar se espalhou pelo Império convulsionado. Era abril de 1532. À frente dos espanhóis, Francisco Pizarro, que desembarcara semanas antes na ilha de Puná, acabara de chegar a Tumbes.

A expedição espanhola fora preparada há muito tempo. Em 1524, Pizarro fizera o reconhecimento do litoral colombiano. Três anos mais tarde, em 1527, ele explorou as costas do Peru e recolheu nos ancoradouros informações úteis sobre os territórios interioranos andinos. Seus movimentos teriam sido estreitamente vigiados pelas autoridades imperiais da época, que teriam enviado a seu encontro numerosos emissários. A presença espanhola nos lugares onde ela já se manifestara não teve, portanto, o impacto da surpresa que freqüentemente se lhe atribuiu. Em todo caso, Ataw Wallpa, inteiramente ocupado em combater Waskarr, parece ter experimentado em relação a esses homens brancos e barbudos, aos cavalos que eles montavam e às armas de fogo de que se serviam uma sensação mais de curiosidade do que de terror. É certo que não apreciava absolutamente a atitude dos recém-chegados, os quais mobilizavam os *kuraka* litorâneos contra seus representantes e saqueavam os templos e edifícios públicos. Mas sua inferioridade numérica lhe parecia tão grande que ele acreditava poder facilmente lançá-los ao mar quando se apresentasse a ocasião propícia.

Todavia, para os partidários de Waskarr ocupados na defesa do sul, o

desembarque espanhol na zona de influência de seus adversários representava um acontecimento capaz de reverter a relação das forças político-militares, desde que convenientemente explorado. É possível que alguns deles o tenham interpretado como uma intervenção sobrenatural em seu favor, e que os sacerdotes de Cuzco tenham mesmo evocado com esse objetivo o velho mito de Wiraqocha — o deus pan-andino que a espuma das ondas deveria trazer a Tawantinsuyu para fazer reinar a justiça e a paz. Mas, tenham sido identificados ou não como enviados de Wiraqocha, os espanhóis pareceram aliados potenciais aos partidários de Waskarr. Este enviou secretamente seus embaixadores a Pizarro, que dele ouviram palavras estimulantes, ainda que ambíguas, as quais foram facilmente interpretadas como uma promessa de apoio, visto que os espanhóis se preparavam para lutar contra Ataw Wallpa.

Com efeito, após haver consolidado suas alianças na costa setentrional e fundado no centro dessa região a vila de San Miguel de Piura (julho de 1532), Pizarro cruzou a vertente ocidental da primeira cordilheira sem encontrar em momento algum a menor resistência. Em 15 de novembro de 1532, entrou em Cajamarca. No mesmo dia, à tarde, dirigiu a Ataw Wallpa, que organizara seus acampamentos nas imediações, um convite para lhe fazer visita. Era a ocasião que o chefe inca esperava para se desembaraçar desses estrangeiros que, do seu ponto de vista, eram menos perigosos do que incômodos. No amanhecer de 16 de novembro, apresentou-se na cidade com um traje cerimonial cuidadosamente estudado a fim de amedrontar os espanhóis, que o exército de Rumiñawi, acampado nas montanhas vizinhas, deveria capturar vivos em sua fuga. Ele tinha, aliás, previamente designado os membros de sua corte entre os quais os prisioneiros brancos seriam repartidos na qualidade de *yana*.

Esse plano, que correspondia mais a uma caçada cerimonial (*chaku*) do que a uma batalha, desenrolou-se de modo inteiramente diverso. Alguns instantes após a entrada de Ataw Wallpa na praça principal Pizarro ordenou o abrir-fogo e a entrada em combate da cavalaria e dos cães. O pânico apoderou-se dos índios, cuja retirada estava bloqueada. Apesar da abnegação de seus servidores, que se comprimiam em torno dele para fazer uma cerca com seus corpos, Ataw Wallpa foi arrancado de sua liteira e arrastado para um dos edifícios dentro dos quais os espanhóis estavam entrincheirados. Das elevações circundantes, o exército de Rumiñawi assistiu impotente à sua captura. Ao cair da tarde, com receio de que um assalto à cidade pudesse expor o imperador prisioneiro a eventuais represálias, Rumiñawi ordenou a retirada geral para Quito.

Entretanto, a captura de Ataw Wallpa não interrompeu a vitoriosa ofensiva do exército do norte contra os aliados de Waskarr. Pouco depois, Chalkuchimaq apoderou-se da bacia do Mantaro, enquanto Kiskis continuava sua marcha para o sul, invadindo Angoyaco e, de passagem, tomando Vilcashuaman. Algumas

semanas mais tarde, ele entrava em Cuzco, onde, após se haver apoderado da pessoa de Waskarr, entregou os *Hurin* à terrível vingança dos *Hanan*. A múmia de Tupa Yupanki, fundador da *panaka* do malsucedido pretendente ao poder supremo, foi profanada e queimada. Quase 80 crianças e muitas centenas de homens e mulheres foram mortos. Os membros de sua seção foram dizimados e seus cadáveres lançados às aves de rapina. A velha nobreza cuzquenha extinguiu-se, inteiramente inocente do perigo branco.

No início de 1533, o Império estava portanto reunificado, mas o imperador, confirmado pela sorte das armas, se encontrava em poder dos espanhóis: Waskarr era prisioneiro de Ataw Wallpa, que por sua vez o era de Pizarro. A rigor, a reconstituição da unidade imperial era mais aparente do que real. As forças armadas controlavam a capital e as metrópoles regionais, assim como os grandes eixos de comunicação. Mas a maioria das chefias lhes escapava. Os *kuraka*, que recusavam qualquer autoridade que lhes fosse superior, acorreram a Cajamarca a fim de procurar junto aos estrangeiros o auxílio necessário para se libertar da tutela inca. Continuando a política que praticara desde a chegada, Pizarro se propôs apoiar sua rebelião contra o Estado e restaurar seu poder soberano. Obteve assim a fidelidade dos Kañarr, dos Chachapuya e de muitas outras etnias de menor importância. Em abril de 1533, seu irmão Hernando trouxe-lhe, de sua expedição ao sul, a decisiva adesão dos Wanka. Em seu retorno de Pachacamac, para onde fora enviado para pilhar as riquezas do célebre templo, Hernando havia concluído, em Jauja, um pacto de aliança com os chefes dessa grande e poderosa etnia da bacia do Mantaro, que suportava tão mal a dominação dos Incas quanto Kañarr e os Chachapuya. A aliança hispano-wanka, notável pela solidez, teve importância considerável na seqüência dos acontecimentos. Além do episódio da Conquista, ela decidiu em grande parte o destino do Peru moderno e contemporâneo.

À rebelião das chefias constitutivas do Império se acrescentou a insurreição dos *yana*, que os espanhóis souberam igualmente atizar e canalizar. Essa classe servil em expansão tentava aproveitar-se da desordem geral para se levantar contra seus senhores. De Cajamarca, Pizarro decretou sua emancipação. Transformou assim os movimentos insurreccionais locais em uma verdadeira revolução social. Organizados em grupos errantes, os *yana*, sem ligações tribais, disseminaram-se por todas as regiões, eliminando de passagem os símbolos e representantes da autoridade estatal. Grande número deles se uniu aos espanhóis. Waman Puman de Ayala, nada suspeito de simpatia com relação aos Incas, descreveu as atrocidades de que foram capazes os *yana* e mostrou a responsabilidade que eles tiveram na queda do Tawantinsuyu.

Os *kuraka* e os *yana*, aliados aos espanhóis, viam com inquietação a decisão de Pizarro de dar liberdade a Ataw Wallpa em troca do pagamento do fabuloso

resgate que consistia em encher todo um aposento de ouro, e cujo montante foi avaliado em mais de 100 milhões de dólares. Eles exerceram sobre o chefe espanhol e sobre seus companheiros numerosas e sutis pressões para que o prisioneiro fosse executado. Difundiram o boato de que Ataw Wallpa, de seu cárcere, dera ordem aos seus exércitos fiéis para se apoderarem de Cajamarca e aniquilarem todos os brancos. A cada dia relatavam movimentos imaginários de tropas inimigas nas vizinhanças da cidade. Teria Pizarro acreditado nessas alegações? Teria sido ele vítima dessa intoxicação psicológica inteligentemente organizada? O fato foi que, tomando por pretexto o assassinato de Waskarr, que ocorrera algumas semanas antes, ele fez condenar Ataw Wallpa à morte, em 29 de agosto de 1533, por fratricídio e usurpação.

Tem-se afirmado que essa execução, precedida de uma grosseira simulação de processo, foi um grave erro político. Certamente, em mãos dos espanhóis, Ataw Wallpa teria se constituído em um instrumento dos mais úteis. Mantendo a ficção de um governo imperial, Pizarro teria sem dúvida, poupado o mundo andino do estado de anarquia que por tão longo tempo constituiu obstáculo ao estabelecimento do regime colonial. No entanto, isolado em Cajamarca, com apenas um punhado de homens, ele não podia resistir às pressões a que estava sujeito sem se arriscar a ver a rede de alianças que pacientemente tecera, bem como a sua empresa de conquista, exposta a uma catástrofe definitiva. Em compensação, o sangue do chefe inca ligava definitivamente à sua causa os *kuraka* rebeldes e os *yana* insurretos. Para uns e outros, ele ratificava sua promessa de devolver às chefias a antiga independência e aos grupos subjogados a liberdade perdida.

A partir desse momento, a invasão espanhola adquiriu quase o aspecto de marcha triunfal. À aproximação dos invasores, as populações locais sublevaram-se em massa, oferecendo víveres, carregadores e guerreiros para o prosseguimento de suas operações. O Império retraía-se em direção ao centro. Reduzia-se pouco a pouco à etnia que o fundara. A 15 de novembro de 1533, Pizarro chegava diante de Cuzco, que Kiskis acabava de abandonar. O jovem Manko Inka, meio-irmão de Ataw Wallpa e de Waskarr, que a nobreza cuzquenha exaurida e provisoriamente reconciliada colocara à sua frente, acolheu-o às portas da cidade. Todavia, foram necessários ainda dois longos anos para que os espanhóis, auxiliados por Manko Inka, a quem haviam permitido tomar simbolicamente a franja imperial, pusesse fim aos exércitos dispersos dos partidários de Ataw Wallpa.

2. A guerra de reconquista (1536-1545)

Se o Império inca não estivesse atravessando naquele momento mais uma das

crises cíclicas que se desencadeavam com a morte de cada soberano, os espanhóis não teriam certamente se assenhoreado dele com tanta facilidade. Essa constatação foi feita pelo próprio secretário de Francisco Pizarro, Pedro Sancho de La Hoz, bem como por seu primo e pajem, Pedro Pizarro. “Se esta terra não estivesse destroçada pelas guerras de Ataw Wallpa e de Waskarr, não teríamos podido pôr o pé aqui para conquistá-la”, escreveu o último na *Relação da descoberta e da conquista dos reinos do Peru* que nos deixou.

Isso não impede que a extraordinária facilidade com que eles chegaram a cominar extensões tão vastas e populações tão numerosas fosse na época considerada miraculosa. A fim de explicá-la, alega-se hoje em dia a disparidade de armamentos. Graças ao arcabuz e ao cavalo de combate, os invasores dispunham de incontestável vantagem nesse domínio. Mas qualquer que fosse o poder de fogo da artilharia ou a capacidade de choque da cavalaria, essa vantagem de ordem técnica não seria suficiente para compensar uma inferioridade numérica tão considerável. Ela não poderia, de maneira alguma, decidir a vitória de menos de 200 homens sobre exércitos constituídos de dezenas de milhares de soldados aguerridos.

Salientou-se também a diferença de táticas em uso nos dois campos. As tropas indígenas não lutavam senão à plena luz do sol, após terem longamente desafiado seus inimigos por meio de gritos e chocalhos de conchas. Elas não estavam absolutamente preparadas para revidar os combates noturnos, os ataques bruscos e os golpes ardilosos a que se viram expostas. Esse fator explicativo merece ser considerado, mais que o anterior. Todavia, um e outro tendem a superestimar a amplitude dos enfrentamentos armados em que intervieram as forças espanholas e as forças indígenas. Ora, precisamente o que surpreende no curso da Conquista foi que, através de uma ação política e diplomática argutamente conduzida, os espanhóis chegaram a fazer conquistar pelos próprios índios os territórios que ambicionavam, limitando ao mínimo seu próprio engajamento militar.

Na realidade, é preciso reconhecer uma superioridade dos espanhóis, e esta se situa no plano da informação, muito mais que no plano do armamento ou da tática. Os índios não se davam conta do verdadeiro objetivo do desembarque de Pizarro nem das conseqüências exatas que este lhes podia acarretar. Em contrapartida, Pizarro conhecia a situação do país que se propunha invadir. Por ocasião de expedição anterior, levava à Espanha jovens índios do litoral que agora iriam servir-lhe simultaneamente de intérpretes e informantes. Graças a eles, as informações que ele possuía sobre as aspirações das diversas facções rivais e os diferentes setores sociais antagonísticos do Tawantsuyu permitiram-lhe desempenhar os três papéis que lhe eram implicitamente oferecidos: o de árbitro entre os pretendentes ao poder supremo, o de libertador das chefias dominadas, e

o de emancipador da classe servil. Desempenhando simultaneamente esses três papéis com a habilidade de um grande político, ele chegou a exacerbar as contradições internas da sociedade andina até o ponto em que estas provocaram por si mesmas o colapso do Estado inca.

Entretanto, a fixação espanhola no Peru era ainda extremamente precária, e deveria tornar-se seriamente comprometida. A orgulhosa etnia inca não se resignava a não constituir mais que uma chefia entre outras. Seu chefe Manko Inka não se satisfazia com as funções puramente decorativas que lhe eram toleradas cada vez com maior parcimônia. Conhecendo a avidez dos invasores que haviam saqueado a capital, ele lhes falou com insistência das improváveis acumulações de tesouros dos quais eles ainda poderiam apoderar-se nas regiões recuadas do extremo sul. Esperava assim afastar de Cuzco as forças espanholas e arrastá-las até o distrito militar chileno, onde os ferozes guerreiros araucanos se encarregariam de cortá-los em pedaços. Suas esperanças foram em parte atendidas. Diego de Almagro, sócio de Pizarro, que disputava com este último uma parte do saque e que se considerava lesado na partilha territorial do país, propôs-se a conquistar por sua conta esse “Eldorado” meridional. Em julho de 1535, ele começou a organizar tropas, às quais Manko Inka ofereceu como guia o próprio irmão Pawllu. Em janeiro do ano seguinte, ele penetrou no Chile, deixando Francisco Pizarro em Lima, e seus irmãos Hernando, Gonzalo e Juan na velha metrópole inca.

Manko esperou que Almagro estivesse suficientemente embrenhado naquelas terras desconhecidas e desoladas para decretar a sublevação geral que preparara em segredo. Em fins de abril de 1536, ele burlou a vigilância dos guardas e deixou sub-repticiamente seu palácio. Alguns dias mais tarde, no comando de 40 mil homens de sua etnia, ele sitiou Cuzco. Começava uma longa e cruel guerra de reconquista.

Apesar da feroz resistência que lhe opunham os Kañarr e os Chachapuya organizados por Hernando Pizarro, os Incas apoderaram-se da cidadela de Sacsahuaman, que comandava a defesa da cidade. Os fossos que haviam perfurado impediam a cavalaria espanhola de atacar. O incêndio que haviam provocado e que se propagava pouco a pouco em todos os bairros baixos soltava uma espessa coluna de fumaça que o vento devolvia sobre os defensores. À fumaça se juntavam os clamores incessantes, os gritos contínuos de índios de um e outro lado, que enervavam o mais temperado espanhol. Durante 17 dias e 18 noites, os sitiados tentaram conter as vagas sucessivas de Incas que aumentavam de rua em rua, de casa em casa e que os encurralavam em direção à praça principal. Quando tudo parecia perdido, Hernando optou por uma estratégia desesperada. À custa de pesadas perdas, ele chegou a retomar a cidade e sua fortaleza. Cuzco, porém, estava sempre isolada do resto do país e exposta a novos

assaltos. Ainda ficaria assim durante todo um ano. As diversas tentativas que fez Hernando para romper esse isolamento resultaram em fracassos arrasadores. Em particular, o ataque audacioso que empreendeu no alto vale de Urubamba contra Ollantaytambo, para onde se havia retirado Manko, foi uma catástrofe.

Compreendendo a dramática situação em que se encontravam seus irmãos, Francisco Pizarro organizou em Lima duas expedições de socorro. Uma, composta de vários milhares de agregados e de 80 cavaleiros, tinha que tomar a estrada do interior. A outra compreendia igual número de auxiliares nativos e 150 espanhóis, e devia seguir da costa até Pisco e depois reunir-se à primeira em Vilcashuaman. Nenhuma, porém, chegou ao ponto de encontro. Os Incas destruíram-nas no caminho, massacrando as tropas indígenas até o último homem, capturando os raros sobreviventes espanhóis e recuperando armas e cavalos na esperança de utilizá-los. Uma terceira e mais uma quarta expedições, enviadas sucessivamente por Pizarro, tiveram o mesmo destino. Quanto à quinta, teve que bater precipitadamente em retirada pouco após a sua partida. Com efeito, o exército de Manko, que reconquistara toda a parte meridional do Peru, investia irresistivelmente sobre Lima com a intenção de destruir a cidade e dizimar seus habitantes.

Em vez de insistir em tomar Cuzco, que de todo modo estava à sua mercê, Manko lançara o grosso de suas tropas sobre a costa. Queria impedir que os espanhóis recebessem de outras regiões da América os reforços que Pizarro reclamava com uma ansiedade crescente e que começavam a chegar. Mas Lima sitiada resistiu vitoriosamente ao ataque do exército inca. Reunindo todos os contingentes indo-hispânicos de que dispunha a cidade, Alonso de Alvarado conduziu a batalha decisiva de Atocongo, em seguida à qual os partidários de Manko refluíram para as cordilheiras. Alvarado os perseguiu. Para impedir suas tentativas de fixação local, pôs sistematicamente em ação a política de terra arrasada. À sua passagem, as colheitas eram destruídas e as vilas, reduzidas a cinzas. Entre as populações incaizadas do Sul, que se inclinavam em favor da resistência, a repressão foi particularmente atroz. Aqui, eram sobretudo as mulheres que eram passadas a fio de espada com suas crianças. Lá, eram os homens que tinham a mão direita e as orelhas ou o nariz cortados. Em Jauja, 3 mil prisioneiros foram marcados a ferro, enquanto seus chefes eram queimados vivos.

Os espanhóis não detinham o monopólio do terror. Desde o início das hostilidades, Manko dera ordens muito estritas para que os yana que servissem ao inimigo fossem todos assassinados, até o último. Adicionalmente, todos os índios que se tivessem passado para o campo adversário eram considerados por Manko como súditos rebeldes e, por essa razão, passíveis de pena de morte. Semelhante intransigência, que tornava as etnias do centro e do norte prisioneiras de sua

aliança espanhola, dificultou consideravelmente a propagação da insurreição. Em contrapartida, os prisioneiros espanhóis tinham a vida salva caso aceitassem instruir o exército inca na arte européia de guerra. Numerosos foram os que, traíndo sua própria causa, consentiram em tal uso. Manko deveu-lhes a formação de um esquadrão de cavalaria e de um pelotão de artilharia que intervieram, com algum sucesso, em diversas pelejas.

Em abril de 1537, enquanto Pizarro se esforçava para descobrir a estrada de Lima a Cuzco, Almagro retornou inesperadamente do Chile. Tivera que superar terríveis provas que um meio singularmente hostil lhe havia imposto. Após ter deixado o Peru, mais de um ano antes, precisara transpor a cordilheira e atravessar as passagens nevadas, onde o frio e a fome haviam mais que dizimado a sua expedição. Chegando a Araucania, ele soube, por intermédio de um espanhol condenado ao exílio por um ato pelo qual fora declarado culpado, que essa região era povoada somente por índios primitivos e selvagens, e que as riquezas que ele contava encontrar ali não tinham jamais existido senão na imaginação daqueles que as haviam descrito para ele. Seu guia Pawllu, que se havia deixado envolver, confirmou essas palavras, revelando o real objetivo da missão de que Manko o encarregara. Almagro então decidiu retornar pelo litoral e, durante a travessia das vastas extensões desérticas de Atacama, o calor e a sede reduziram ainda mais os efetivos que ele conseguira salvar dos gelos dos altos Andes. Amargo e profundamente contrariado, ele tinha a intenção de executar contra Pizarro uma revanche que vinha amadurecendo há muito tempo.

Assim, longe de reforçar as fileiras espanholas, o retorno de Almagro contribuiu para dividi-las e enfraquecê-las. Ele marcou o início de uma longa série de lutas intestinas que permitiram à resistência inca controlar o sul do Peru durante muitos anos ainda. Sua volta foi igualmente a origem de um grande cisma no interior da etnia inca, o qual impediu Manko de tirar todo o proveito possível das dissensões existentes entre seus inimigos, e com isso poder estender a luta pela reconquista para além dos estreitos limites do Peru meridional. Almagro voltara com Pawllu, a quem havia oferecido a *maskapaicha*. Esse gesto, sem grande significação, propiciava entretanto a aliança dos espanhóis com a fração da nobreza cuzquenha sobre a qual o irmão de Manko exercia alguma influência. Pawllu seria bastante hábil para manter fora do conflito entre almagristas e pizarristas, os incas que houvessem optado por seguir a trilha da colaboração. Após o assassinato de seu protetor, em 8 de julho de 1538, ele soube fazer reconhecer por Pizarro as prerrogativas que Almagro lhe concedera. Quando Pizarro foi, por sua vez, assassinado, em 26 de julho de 1541, ele conseguiu obter as mesmas garantias, tanto da parte dos conquistadores revoltados contra a Coroa de Espanha como da parte dos funcionários reais enviados pela Corte de Madri para dar uma aparência de ordem. Sua posição achava-se cada vez mais consolidada na proporção em que o partido pró-europeu que ele representava se

ampliava continuamente com o ingresso de desertores do exército de Manko, cansado de uma guerra cujo resultado se revelava cada vez mais incerto.

Essa guerra, com efeito, se eternizava. Após o fracasso da grande ofensiva de 1536 e 1537, Manko tentara forçar as defesas Wanka a fim de se apoderar do vale de Mantaro e, em seguida lançar-se ao norte. Apesar de alguns sucessos locais, como o ataque ao santuário de Wari Willka, as diversas campanhas que travou contra os Wanka, em 1538 e nos anos seguintes, não foram suficientes para tomar essa região estratégica. Os Wanka construíram uma inexpugnável muralha, em cujo abrigo os espanhóis poderiam defender-se tranquilamente. Manko teve, portanto, que renunciar a seus projetos de restauração imperial e procurar um compromisso honroso com os invasores. Graças a antigos partidários de Almagro que haviam se refugiado ao seu lado, ele entrara em contato com as autoridades espanholas quando, em 1545, foi apunhalado em circunstâncias bastante obscuras por aqueles mesmos que havia nomeado seus embaixadores.

O desaparecimento da heróica figura de Manko não quebrou a resistência inca. No entanto, antecipou o fim de uma guerra que devastara o Peru durante oito anos e que custara a vida de 1.500 espanhóis e, talvez, mais de 200 mil ou 300 mil índios.

3. A última resistência (1545-1572)

Com a morte de Manko, os Incas refugiaram-se nos bosques escarpados de Vilcabamba. Essa região de relevo tormentoso estava situada sobre a vertente oriental dos Andes, entre Urubamba e Apurímac. A imponente barreira nevada da cordilheira dos Andes barrava-lhe o acesso. Desde 1538, Manko a escolheu como base de operações contra os Wanka. Estabelecendo acampamento na cidadela de Vitcos, fizera desse posto militar avançado do distrito militar amazônico a capital de um pequeno Estado no qual a tradição imperial, sob uma forma cada vez mais grosseira e quase parodiada, iria manter-se até 1572. A imagem do deus solar e os tesouros de Cuzco, que tinham sido salvos do saque, nela estavam guardados. Os cultos das divindades do Império, servidos como antes pelos sacerdotes e pelas *aqlla*, foram ali restaurados. Uma vida de Corte, regida pelo cerimonial de outrora, fora mesmo reconstituída.

Entretanto, por mais imbuído que estivesse dessa gloriosa tradição, Manko não havia ignorado a urgente necessidade de adaptá-la a fim de assegurar sua sobrevivência. Os espanhóis surpreenderam-se ao perceberem seu imperial adversário no campo de batalha, vestido com uma couraça e um capacete de ferro, montando um animal adestrado e armado de uma espada. Enfrentando o ataque dos cavaleiros indígenas ou o fogo dos arcabuzeiros nativos, eles ficaram

altamente impressionados pela rapidez com que os Incas haviam adquirido o domínio de técnicas militares das quais acreditavam deter a exclusividade. Os Incas, porém, seguiram a escola dos europeus em muitos outros domínios além da guerra. Manko parece ter tomado consciência do fato de que, para resistir aos invasores com alguma probabilidade de sucesso, eles deveriam copiar numerosos elementos de sua cultura, cuja eficácia instrumental se revelava tão grande. Mais que a generosidade desinteressada, fora a preocupação de dirigir uma abertura para o universo cultural da Europa que o conduziu a poupar os prisioneiros espanhóis e acolher todos os brancos que lhe vinham pedir asilo.

Mediante contatos armados ou pacíficos, a interpenetração das civilizações inca e hispânica prosseguiria sob o reinado de Sayri Tupaq, um filho muito jovem de Manko que, em 1545, os notáveis de Vitcos conduziram à direção do Estado de Vilcabamba. Os ataques lançados contra as propriedades espanholas que começavam a se formar nas terras temperadas da região de Abancay traziam aos Incas o “gado de Castela”, assim como utensílios de ferro, cujo uso não tardou a se difundir. A interceptação de caravanas, que transitavam pela estrada de Lima a Cuzco, propiciava-lhes tecidos de toda espécie, bem como todo tipo de bens manufaturados da península, igualmente apreciados. Além disso, o comércio de contrabando, que prosperava em torno do “reduo inca”, lhes permitia adquirir, a preço de ouro, as mercadorias que não podiam obter de outra forma.

Para pôr fim ao clima de insegurança que a resistência indígena provocava no sul do país, as autoridades espanholas tentaram chegar a uma composição com os Incas. Elas estavam prontas a concessões bem maiores, visto que ainda não podiam pensar em lançar contra Vilcabamba uma expedição militar cujo resultado parecia, aliás, mais que incerto. Por intermédio de uma tia de Sayri Tupaq, que desposara um espanhol e vivia em Cuzco, empenharam-se em negociações com o jovem soberano. Sayri Tupaq mostrou-se interessado nos presentes que lhe foram oferecidos em troca de sua colaboração com os vencedores. Quando alcançou a idade de impor sua vontade aos conselheiros reticentes, resolveu aceitá-los. Em 1555, ele abandonou Vitcos definitivamente. Após jurar fidelidade à Coroa de Espanha, retirou-se para os vastos domínios que lhe haviam sido concedidos em torno de Yucay. Morreu alguns anos mais tarde, em 1560, cercado de consideração e cumulado de honrarias.

Sayri Tupaq não fora seguido por uma parte dos Incas de Vitcos. Todavia, sua rendição provocara consideráveis defecções nas fileiras da resistência, então liderada por outro filho de Manko, o Titu Kusi, debilitando o Estado de Vilcabamba e intensificando sua dependência em face dos Kampa, dos Mashiwenka e de outras tribos silvícolas. À falta de poder para conquistá-los, os Incas haviam mantido esses “bárbaros” nas terras baixas da planície oriental.

Entretanto, pressionados por sua vez em direção à planície devido à invasão européia, eles tiveram que vencer a repugnância que nutriam a respeito deles e lhes solicitar uma ajuda que as circunstâncias tornavam preciosa. Após o advento de Titu Kusi, essa ajuda tornou-se indispensável. O novo soberano viu-se mesmo na obrigação de recorrer a muitas centenas de guerreiros de rostos pintados em cores berrantes e corpos ornados de paramentos de plumas para assegurar a defesa da sua capital e proteger o seu palácio.

De fato, os Incas não podiam continuar a escapar da dominação espanhola senão aceitando sofrer a influência cada vez mais pesada dos bárbaros da floresta. Essa influência, que contrariava a experiência de síntese cultural indo-hispânica acautelada durante o reinado de Manko, tendia irresistivelmente a arrastar a cultura cuzquenha para as suas raízes obscuras. Tal situação condenava o Estado de Vilcabamba, cuja existência Titu Kusi se esforçava por prolongar, praticando uma política que pretendia sutil, mas que não podia ser senão equivocada. Em 1565, ele se dignou a receber um emissário do vice-rei na pessoa de Diego Rodriguez de Figueroa — que nos deixou um relato pitoresco de sua estada em Vitcos —, mas se recusou obstinadamente a aplicar os acordos que estabeleceu com ele. No ano seguinte, entretanto, consentiu em se fazer batizar e autorizou dois agostinianos a se estabelecerem em Vilcabamba para pregar o cristianismo. Foi a um deles, frei Marcos Garcia, que ditou sua *Crônica da Vida de Manko*, destinada ao rei Felipe II, na qual justifica a atitude de seu pai, ao mesmo tempo protestando sua própria lealdade para com o soberano espanhol. Incapaz porém, de resistir às pressões dos sacerdotes do Sol, que se ressentiam do sucesso da pré-dica missionária, logo mandou frei Marcos de volta a Cuzco. Quanto ao outro religioso, frei Diego Ortiz, deveria ser supliciado depois que Titu Kusi, a quem o padre não conseguira curar, morreu de pneumonia em 1571, quando a reação antieuropeia parecia de novo triunfar com o fraco Tupa Amarru.

O reinado do irmão e sucessor de Titu Kusi foi dos mais efêmeros. As autoridades espanholas, desapontadas pelo fracasso das intermináveis conversações, estavam resolvidas a terminar pela força com a resistência inca. O vice-rei Toledo, que acabara de chegar ao Peru com instruções precisas de Madri e idéias pessoais muito firmes, organizou uma campanha militar que dirigiu pessoalmente. Duas colunas de tropas invadiram o território de Vilcabamba, cujos desfiladeiros não eram nem mais vigiados, tão adiantada se encontrava a decomposição do Estado. Vitcos caiu sem opor resistência. Tupa Amarru tentou refugiar-se nas profundezas da floresta, mas foi alcançado e levado para Cuzco em cativeiro. A despeito da intervenção do clero junto ao vice-rei, foi condenado à morte e decapitado em maio de 1572, na praça principal da velha metrópole inca, em meio a uma multidão de incontáveis índios entristecidos.

Esse assassinato inútil pôs fim à linhagem dos unificadores de terras e de povos que haviam dominado os Andes inteiros, e cuja fama alcançara toda a América do Sul. Ele transferia definitivamente para mãos estrangeiras a sua herança, em vão reivindicada por Manko e filhos. A partir daí, mais nada nem ninguém iria opor-se à vontade espanhola naquele que havia sido o Império dos Incas.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

I. Documentos antigos

As crônicas deixadas pelos conquistadores do Império Inca foram em sua maioria publicadas em Lima, de 1916 a 1939, na *Colección de libros y documentos referentes a la historia del Perú*, por Horacio Urteaga e Carlos Romero. As relações geográficas referentes ao Equador, Peru e Bolívia foram reunidas e publicadas, sob o título *Relaciones geográficas de Indias*, por Marcos Jimenez de La Espada, em fins do século passado, em Madri, onde foram objeto de uma reedição em 1965. A esses documentos acrescentaremos os seguintes textos, não menos essenciais:

CIEZA DE LEÓN, Pedro. *Crónica del Perú*. Madri, 1941.

_____. *El señorío de los Incas*. Lima, 1967.

COBO, Bernabé. *Historia del Nuevo Mundo*. Madri, 1964.

DÁVILA, Francisco. *Rites et traditions de Huarochiri*. Paris, 1980.

DIEZ DE SAN MIGUEL, Garcí. *Visita hecha a la provincia de Chucuito*. Lima, 1964.

ORTIZ DE ZÚÑIGA, Iñigo. *Visita de la provincia de León de Huánuco*. Huánuco, 1967-1972, 2 vols.

SARMIENTO DE GAMBOA, Pedro. *Historia Indica*. Buenos Aires, 1942.

WAMAN PUMA DE AYALA, Felipe. *Nueva crónica y buen gobierno*. Paris, 1936.

II. Obras recentes

Os estudos de etnologia histórica conduzidos por John V. Murra, a partir de fins de 1950, contribuíram para reativar a pesquisa sobre a sociedade e a cultura dos Andes pré-colombianos. Muitos artigos essenciais de Murra, publicados esparsamente em diversas revistas científicas, foram reunidos em um volume publicado sob os auspícios do Instituto de Estudos Peruanos de Lima, em 1975, e intitulado *Formaciones económicas y políticas del mundo andino*. Quanto à sua tese de doutorado, defendida na Universidade de Chicago, em 1957, embora

inédita até 1978, foi nesse ano publicada no México, em tradução espanhola, com o título *La organización económica del Estado inca*. Além dessas, convém mencionar as seguintes obras:

BRAM, Joseph. *An analysis of Inca militarism*. Seattle, 1966.

GIBSON, Charles. *The Inca concept of sovereignty and the Spanish administration in Peru*. Austin, 1948.

HEMMING, John. *The conquest of the Incas*. Londres, 1970.

MOORE, Sally F. *Power and property in Inca Peru*. Nova York, 1958.

ROWE, John H. "Inca culture at the time of the Spanish conquest", in *Handbook of South American Indians*. Washington, 1946, vol. 2.

ZUIDEMA, Tom R. *The ceque system of Cuzco. The social organization of the capital of the Inca*. Leide, 1964.

AS

Pré-

CIVILIZAÇÕES **Colombianas**

A

CIVILIZAÇÃO

ASTECA

Jacques

Soustelle

A

CIVILIZAÇÃO

INCA

Henri Favre

A

CIVILIZAÇÃO

MAIA

Paul Gendrop

Título original:
Les Incas

Tradução autorizada da primeira edição francesa,
publicada em 1972, por Presses Universitaires de France, de Paris,
França, na série “Que sais-je?”

Copyright © 1972, Presses Universitaires de France

Copyright da edição em língua portuguesa © 1987:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Sérgio Campante
Produção do arquivo ePub: [Simplíssimo Livros](#)

Edição digital: março 2014
ISBN: 978-85-378-1217-4

JORGE ZAHAR EDITOR

O pensamento nacionalista autoritário



toritário, quan-
ver de exercer
pensamento,
ato de finalida-
estatal, o pot-
rio prático a-
o de resultan-
a sociedade de-
do em aprégo,
critério prático
o fundamenta-
liberdade de
ser forma de

BORIS FAUSTO

Descobrimo o Brasil

O pensamento nacionalista autoritário

Fausto, Boris

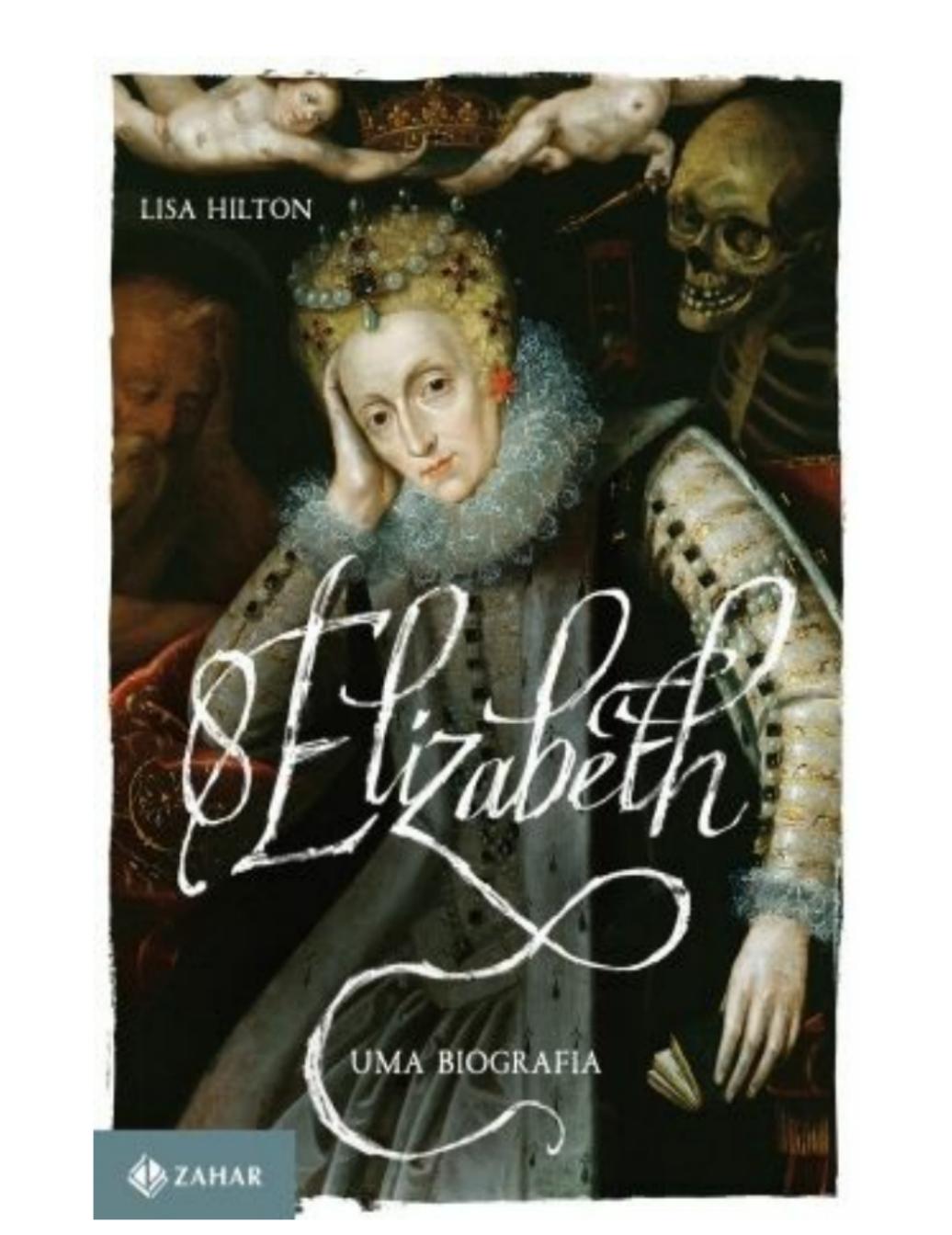
9788537804797

82 páginas

[Compre agora e leia](#)

O pensamento autoritário é coisa do passado ou ainda tem incidência na vida sociopolítica brasileira? Boris Fausto analisa o pensamento autoritário brasileiro através de seus nomes mais representativos e a partir do contexto histórico que favoreceu a emergência de uma ideologia e de regimes dessa natureza.

[Compre agora e leia](#)



LISA HILTON

Elizabeth

UMA BIOGRAFIA

 ZAHAR

Elizabeth I

Hilton, Lisa

9788537815687

412 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um retrato original e definitivo da Rainha Virgem narrado com todos os elementos de um impressionante romance

Filha de Henrique VIII e Ana Bolena, Elizabeth I foi a quinta e última monarca da dinastia Tudor e a maior governante da história da Inglaterra, que sob seu comando se tornou a grande potência política, econômica e cultural do Ocidente no século XVI. Seu reinado durou 45 anos e sua trajetória, lendária, está envolta em drama, escândalos e intrigas.

Escrita pela jornalista e romancista inglesa Lisa Hilton, essa biografia apresenta um novo olhar sobre a Rainha Virgem e é uma das mais relevantes contribuições ao estudo do tema nos últimos dez anos. Apoiada em novas pesquisas, oferece uma perspectiva inédita e original da vida pessoal da monarca e de como ela governou para transformar a Inglaterra de reino em "Estado".

Aliando prosa envolvente e rigor acadêmico, a autora recria com vivacidade não só o cenário da era elisabetana como também o complexo caráter da soberana, mapeando sua jornada desde suas origens e infância - rebaixada de bebê real à filha ilegítima após a decapitação da mãe até seus últimos dias.

Inclui caderno de imagens coloridas com os principais retratos de Elizabeth I e de outras figuras protagonistas em sua biografia, como Ana Bolena e Maria Stuart.

"Inovador... Como a história deve ser escrita." Andrew Roberts, historiador britânico, autor de Hitler & Churchill

"... uma nova abordagem de Elizabeth I, posicionando-a com solidez no contexto da Europa renascentista e além." History Today

"Ao mesmo tempo que analisa com erudição os ideais renascentistas e a política elisabetana, Lisa Hilton concede à história toda a sensualidade esperada de um livro sobre os Tudor." The Independent

[Compre agora e leia](#)

Inclui posfácio do autor sobre o Brasil

REDES Manuel Castells DE INDIGNAÇÃO E ESPERANÇA



Movimentos sociais
na era da internet

Redes de indignação e esperança

Castells, Manuel

9788537811153

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Principal pensador das sociedades conectadas em rede, Manuel Castells examina os movimentos sociais que eclodiram em 2011 - como a Primavera Árabe, os Indignados na Espanha, os movimentos Occupy nos Estados Unidos - e oferece uma análise pioneira de suas características sociais inovadoras: conexão e comunicação horizontais; ocupação do espaço público urbano; criação de tempo e de espaço próprios; ausência de lideranças e de programas; aspecto ao mesmo tempo local e global. Tudo isso, observa o autor, propiciado pelo modelo da internet.

<p>O sociólogo espanhol faz um relato dos eventos-chave dos movimentos e divulga informações importantes sobre o contexto específico das lutas. Mapeando as atividades e práticas das diversas rebeliões, Castells sugere duas questões fundamentais: o que detonou as mobilizações de massa de 2011 pelo mundo? Como compreender essas novas formas de ação e participação política? Para ele, a resposta é simples: os movimentos começaram na internet e se disseminaram por contágio, via comunicação sem fio, mídias móveis e troca viral de imagens e conteúdos. Segundo ele, a internet criou um "espaço de autonomia" para a troca de informações e para a partilha de sentimentos coletivos de indignação e esperança - um novo modelo de participação cidadã.

[Compre agora e leia](#)

JORGE ZAHAR EDITOR

Rebeliões no Brasil Colônia



LUCIANO FIGUEIREDO

Descobrimdo o Brasil

Rebeliões no Brasil Colônia

Figueiredo, Luciano

9788537807644

88 páginas

[Compre agora e leia](#)

Inúmeras rebeliões e movimentos armados coletivos sacudiram a América portuguesa nos séculos XVII e XVIII. Esse livro propõe uma revisão das leituras tradicionais sobre o tema, mostrando como as lutas por direitos políticos, sociais e econômicos fizeram emergir uma nova identidade colonial.

[Compre agora e leia](#)

RAWLS

Nythamar de Oliveira

FILOSOFIA • PASSO-A-PASSO 18



JORGE ZAHAR EDITOR

Rawls

Oliveira, Nythamar de

9788537805626

74 páginas

[Compre agora e leia](#)

<i>A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury</i>

Lideradas pela eloqüente Valentina, as mulheres de Atenas decidem tomar conta do poder, cansadas da incapacidade dos homens no governo. Elas se vestem como homens, tomam a Assembleia e impõem sorrateiramente uma nova constituição, introduzindo um sistema comunitário de riqueza, sexo e propriedade. Esta comédia é uma sátira às teorias de certos filósofos da época, principalmente os sofistas, que mais tarde se cristalizaram na República de Platão. As comédias de Aristófanes são a fonte mais autêntica para a reconstrução dos detalhes da vida cotidiana em Atenas na época clássica.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

Sumário

Capítulo I. Precusores e concorrentes

1. A civilização Chavin
2. Os Estados de Tiahuanaco e Huari
3. O Império Chimú

Capítulo II. A expansão Inca

1. A confederação cuzquenha
2. Os imperadores conquistadores
3. As razões do expansionismo inca

Capítulo III. Economia, sociedade e estado

1. O ayllu. Os fundamentos econômicos da sociedade
2. O território tribal. O sistema redistributivo
3. O Império. Uma estrutura de Estado em transição

Capítulo IV. O poder imperial

1. O soberano
2. Os agentes do poder
3. A sede do poder

Capítulo V. As artes e os saberes

1. A literatura, a música e a dança
2. A astronomia e as matemáticas
3. A arquitetura e o urbanismo
4. A cerâmica e a tecelagem
5. A metalurgia

Capítulo VI. Invasão e queda

1. A invasão européia (1532-1536)
2. A guerra de reconquista (1536-1545)
3. A última resistência (1545-1572)

Bibliografia sumária

Copy right